



UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
CAMPUS UNIV. DEP. EST. “RENÊ BARBOUR”
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
EM
CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



KARIN JURUNA

PEIXES NA LÍNGUA YUDJA: DOS SABORES E SABERES TRADICIONAIS
ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA

BARRA DO BUGRES-MT
DEZEMBRO/2023

KARIN JURUNA

**PEIXES NA LÍNGUA YUDJA: DOS SABORES E SABERES TRADICIONAIS
ÀS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural - PPGECH da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Área de concentração: Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural

Orientadora: Dra. Mônica Cidele da Cruz

BARRA DO BUGRES-MT
DEZEMBRO DE 2023

FICHA CATALOGRÁFICA

JURUNA, Karin.

J91p Peixes na Língua Yudja: Dos Sabores e Saberes Tradicionais às Práticas Pedagógicas na Escola / Karin Juruna – Barra do Bugres, 2024.

105 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso

(Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2024.

Orientador: Dra. Mônica Cidele da Cruz

1. Educação Escolar Yudja. 2. Língua Materna. 3. Ensino. 4. Saberes Tradicionais. I. Karin Juruna. II. Peixes na Língua Yudja.: Dos Sabores e Saberes Tradicionais às Práticas Pedagógicas na Escola.

CDU 376.74(=81/=82)

KARIN JURUNA

**“PEIXES NA LÍNGUA YUDJA: DOS SABORES E SABERES TRADICIONAIS ÀS
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ESCOLA”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGEII - da Universidade do Estado de Mato Grosso CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO, *Campus* Univ. Dep. Est. “Renê Barbours” – Barra do Bugres - MT, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Aprovada em: 13 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

MONICA CIDELE DA CRUZ

Data: 13/12/2023 13:01:36-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª. Dra. Monica Cidele da Cruz (Orientadora)
Universidade do Estado de Mato Grosso
UNEMAT



Documento assinado digitalmente

LUCIMAR LUISA FERREIRA

Data: 15/12/2023 10:01:58-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª. Dra. Lucimar Luísa Ferreira (Examinadora Interna)
Universidade do Estado de Mato Grosso
UNEMAT



Documento assinado digitalmente

CRISTINA MARTINS FARGETTI

Data: 13/12/2023 15:23:44-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª. Dra. Cristina Martins Fargetti (Examinadora Externa)
Universidade Estadual Paulista
UNESP

Dedico este trabalho para minha família, minha esposa, meus filhos, minhas filhas, irmãos, irmãs, primos, primas, sobrinhos, sobrinhas e todas as minhas famílias. Também para os professores Yudja, alunos (as), comunidade, meu povo Yudja que muito me apoiou e me incentivou durante a realização do meu trabalho.

Dedico para meus amigos e a todos que contribuíram ou para aqueles que estão lendo esse trabalho, pois sem vocês não existiria o resultado da pesquisa.

Obrigado aos leitores e leitoras e, também, aqueles que comentam, dando opiniões, e que elogiam.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero aqui agradecer nosso pai criador, *Selã'ã* (DEUS) por ter me colocado no caminho de paz, amor, saúde, durante este percurso e desenvolvimento deste trabalho. Pelo conhecimento, sabedoria e entendimento em todas as atividades que foram desenvolvidas durante esta pesquisa de Mestrado.

Agradeço a minha família, em especial, minha esposa Areaki Juruna, pela força, confiança que tem me depositado e pelas palavras de incentivo, durante as atividades realizadas.

Agradeço os meus filhos e minhas filhas, com esperanças, alegrias e feliz por ver seu pai realizando mais um grau de conhecimento de estudos. Um sonho realizado que está aperfeiçoando minha vida profissional como professor indígena Yudja, e ajudando fortalecer ainda mais a manutenção da língua materna do meu povo Yudja.

Eu quero agradecer, também, meu pai Pachiko Juruna e minha mãe Iwanauho Juruna, que são fontes da minha vida, e por quem tenho muita admiração. Agradeço por eles fazerem parte da minha vida, são guerreiros e batalhadores e, com certeza, desejam que todos os seus filhos e netos conquistem seus espaços e seus sonhos na vida.

Agradeço meu vô Cacique Sadea Juruna e minha vó Nariu Juruna, eles são exemplos para seus filhos e netos, de força, garra, de conhecimento e sabedoria. Eles guardaram os mitos profundamente sem ter escrito até nos dias de hoje. Considero meus avôs como biblioteca, livros ou dicionários do nosso povo Yudja, por terem guardado mentalmente esses sabres tradicionais tão importantes.

Agradeço, também, minha tia Duyadi Juruna e esposo Doriu Juruna, por terem me dado força na realização da minha pesquisa.

Agradeço os meus alunos e alunas que me ajudaram a desenvolver este trabalho de pesquisa de dissertação, pois sei que ajudaram de todo. Obrigado, alunos e alunas do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio e os alunos (as) do ensino fundamental! Obrigado aos meus filhos e filhas que contribuíram nas capturas de imagens de peixes, Djonari Juruna, Thales Mariwade Juruna, Yaikade Juruna, Yaimaki Juruna, Xu'ena Juruna e Dayalu Juruna.

Agradeço meus irmãos pela força, contribuição e incentivo que recebi na hora que eu mais precisava. Em especial, a todos meus colegas e professores, pela força e por apoiar este trabalho que é de grande importância para nosso povo Yudja.

Agradeço à escola Kamadu, por ser um espaço aberto a toda ação na parte pedagógica e incentivo para qualquer tipo de trabalho que envolve o diferenciado e específico da nossa cultura Yudja.

À Unemat (Universidade Estadual de Mato Grosso) de Barra do Bugres, por abrir espaço do curso de Mestrado Profissional específico para indígena no nosso estado, sendo exemplo para outras Universidades do país.

Ao Coordenador, professor Drº Raimundo Cunha França, e ao vice-coordenador professor Drº Adailton Alves da Silva, do PPGECEI, pelo apoio e incentivo que tem dado a esta terceira turma de Mestrado Profissional Indígena.

Aos meus professores de todos os componentes curriculares que, com todo o esforço, conseguiram compartilhar conosco, mestrandos, os conhecimentos exigidos pelo curso, durante as aulas presenciais e virtuais que aconteceram. O meu povo Yudja está de braços abertos para atender outros pesquisadores Yudja que estejam pesquisando a sua própria cultura.

Ao meu sogro, senhor Tarinu Juruna, pela contribuição em nos ajudar com a história e nomes dos peixes, pescaria com timbó e a informação de grande importância para o meu trabalho de dissertação.

Enfim, em especial, a minha orientadora professora Doutora Mônica Cidele da Cruz, pelo apoio, esforço e sugestões que têm me orientado para a realização e conclusão da minha pesquisa sobre os sabores e saberes tradicionais.

Obrigado, professora, agradeço por tudo! Me sinto orgulhoso, honrado por ter você como minha orientadora, uma pessoa que admiro muito, e por fazer parte deste importante trabalho.

Meus sinceros agradecimentos a todos (as), e que o nosso pai *Selã'ã* ilumine o caminho de cada um de vocês que contribuíram para a construção da minha pesquisa de mestrado. Fico feliz e agradecido por ter feito esse registro tão útil e importante, mais um registro para manutenção da nossa língua, viva língua Yudja...

Wãbi hidji anu! (Muito obrigado a todos!).

IMAXĨ SEHA

Kĩ papera kuperi abĩ alu, iya xipa he pitxa au taha de papera ã ã du ha abĩ alu ĩ papera ã ãhai imawĩrea ha alu, awae da sekamena wãxĩhã yũmĩtxiũ seha ha, papera aka he da kuperi seha ha, seyãma he, seme epĩa he, si wabĩe yãhã ha tade. A ’ ĩ papera ã ã ide duha pitxa ixu seha, awae ubahu seha da ũmawĩre hidji seha ĩ da imawĩrese seha, du payũ idju wĩ seha yũmĩtximã hã ha alu. Kĩ iwãxĩhã urahu du payũ idju wĩ seha sewĩre alu, pitxa sutaha ha yãhã abĩ alu, iya xipa iwaha sade ixu seha, sekamena da sekamena Tupi ha tade, bitĩhu iwãxĩhã Yudja kamena da anu, sawai ubahu yãhã, ulu udi iwãxĩ te anu. Ide izaku, ide ubaha hidji duha ha udi sehu iwãxĩhã ide autaha dju wĩ, amĩ Freire (2013), Fargetti (2019), Lima (2018), Berto (2013), au itxĩbĩ ide papera ã ã taha anu. Dakĩ udi payũ papera sede, sewĩre de êwãxĩyãhã dju wĩta, Referencial Curricular Nacional, papera aka de hae yãhã – RCNEI, Brasil (1998) e Quezo (2022). Ĩ udi dakĩ sawĩyai be hae ta, sawĩyai sabĩaha ubahu taha be, Sadea Juruna, Nariu Juruna, Duyadi Juruna e Tarinu Juruna. Sutaha zaka ha bi una imamaku si ubahu taha be alu, sedju seme papera aka dju, si semakane kudamaũ ide seha ha, awae si da ubahu seha yũmĩtxiũ yãhã ha, alui ali, parahai, subi wĩ taha makũdamama si ubahu taha de. Bitĩhu, kĩhu ĩ pitxa abĩaha êdu duha he udi txihidji iwãxĩ wãxĩ te, sawai be abĩ te ĩ tese iwãxĩhã yaekua, karai aĩbida papera wãxĩhã be, ixu ide kamenu. Kĩ papera ide kuperi duha, ali papera ã ã taha dju udi xu te alu, ide iwãxĩhã ubahu seha ha, seme papera aka da sawai dju da kuperi seha ha.

RESUMO

Este trabalho está inserido na linha de pesquisa, “Ensino e Linguagens em Contexto Intercultural”, com foco no ensino da escrita da língua Yudja na escola de nossa aldeia. O tema de nossa pesquisa são os peixes comestíveis que fazem parte de nossa culinária Yudja, e foi desenvolvido de uma maneira pedagógica, pois a nossa finalidade é valorizar o nosso jeito de ensinar, a partir de nossos saberes tradicionais e, também, fortalecer o uso e o ensino da escrita de nossa língua materna. Assim, nossa prática pedagógica partiu do levantamento dos nomes das espécies de peixes do rio Xingu e, em seguida, a descrição de cada tipo de peixe, feita juntamente com os alunos do ensino médio de nossa escola. Este é um estudo inédito e colabora com um maior conhecimento da cultura alimentar xingwana, com estudos de uma das línguas do tronco Tupi e com a produção de material didático em língua Yudja para a comunidade, produzido por nós. Para nosso diálogo, trazemos outros autores que têm estudos sobre o nosso tema, como Freire (2013), Fargetti (2019), Lima (2018), Berto (2013) entre outros estudiosos. Também, nos reportamos ao Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas – RCNEI, Brasil (1998) e Quezo (2022). Contamos ainda com a colaboração dos nossos consultores Yudja, Sadea Juruna, Tarinu Juruna Duriu Juruna, Duyadi Juruna e Nariu Juruna. Nesse sentido, busco descrever um tipo de conhecimento tradicional para, juntamente com a comunidade e a escola, encontrar meios de manter as nossas práticas de conhecimento vivas e fortes, assim motivando as gerações mais jovens compreenderem a ciência tradicional do próprio povo. O trabalho foi desenvolvido a partir do levantamento de informações com os alunos sobre suas práticas de pescaria, conversas com a comunidade sobre o tema, conversas com pescadores especialistas e pessoas mais velhas, leituras teóricas e discussão com a orientadora. Durante esse percurso didático-pedagógico, elaboramos, juntamente com os alunos, um produto educacional na língua Yudja sobre nosso tema de pesquisa, que servirá como material didático para as escolas indígenas, especialmente, para as escolas do povo Yudja. Além disso, desejamos que nossa pesquisa possa contribuir para fortalecer os nossos conhecimentos sobre as espécies de peixes existentes nos rios do nosso Território Indígena, na região do Baixo Xingu-MT.

Palavras-chave: Educação Escolar Yudja, Língua Materna, Ensino, Saberes Tradicionais.

ABSTRACT

This work is part of the "Teaching and Languages in an Intercultural Context" line of research, focusing on the teaching of writing in the Yudja language at our village school. The subject of our research is the edible fish that are part of our Yudja cuisine, and it was developed in a pedagogical way, because our aim is to value our way of teaching, based on our traditional knowledge, and also to strengthen the use and teaching of writing in our mother tongue. Thus, our pedagogical practice began with a survey of the names of the Xingu River's fish species, followed by a description of each type of fish, made together with the high school students at our school. This is an unprecedented study and contributes to greater knowledge of Xingu food culture, studies of one of the languages of the Tupi trunk and the production of teaching material in the Yudja language for the community, produced by us. For our dialog, we brought in other authors who have studied our topic, such as Freire (2013), Fargetti (2019), Lima (2018), Berto (2013) and other scholars. We also refer to the National Curriculum Framework for indigenous schools - RCNEI, Brazil (1998) and Quezo (2022). We also had the collaboration of our consultants Yudja, Sadea Juruna, Tarinu Juruna Duriu Juruna, Duyadi Juruna and Nariu Juruna. In this sense, I seek to describe a type of traditional knowledge so that, together with the community and the school, we can find ways to keep our knowledge practices alive and strong, thus motivating younger generations to understand the traditional science of their own people. The work was developed by gathering information from the students about their fishing practices, talking to the community about the subject, talking to expert fishermen and older people, reading theory and discussing it with the supervisor. During this didactic-pedagogical journey, we developed, together with the students, an educational product in the Yudja language on our research topic, which will serve as teaching material for indigenous schools, especially for the schools of the Yudja people. In addition, we hope that our research can contribute to strengthening our knowledge of the fish species found in the rivers of our Indigenous Territory in the Lower Xingu region of MT.

Keywords: Yudja School Education, Mother Tongue, Teaching, Traditional Knowledge.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Prática cultural de cestaria

Figura 2. Mapa de migração do povo *Yudja*

Figura 3: Território Indígena do Xingu

Figura 4: Mapa do Xingu e desmatamento acumulado na bacia do Xingu e entorno do TIX até 2015

Figura 5: Colares e pulseiras de miçanga *Yudja*

Figura 6: Escola Indígena *Kamadu*

Figura 7: Registro de aula prática no caderno de cultura

Figura 8: Sistema de contagem *Yudja*

Figura 9: Aluno Tupau Juruna mostrando cartaz da Covid 19

Figura 10: Capa do livro sobre grafia *Yudja*

Figura 11: Conversa sobre a língua *Yudja* com Sadea Juruna

Figura 12: Conversa com o historiador Tarinu Juruna

Figura 13: Ensino de língua materna

Figura 14: reunião com aluno e comunidade

Figura 15: Cacique Sadea Juruna e alunos e alunas registrando o mito

Figura 16: A libertação do rio

Figura 17: Juriti, a dona da água

Figura 18: Preparação do timbó

Figura 19: Pescaria do timbó

Figura 20: Estudando sobre os peixes

Figura 21: Atividades com os alunos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. O POVO <i>YUDJA</i>	22
1.1 Apresento a você o meu povo <i>Yudja</i>	22
1.2 De onde viemos	24
1.4 Organização social e política do povo <i>Yudja</i> da aldeia <i>Tuba-Tuba</i> em tempos atuais	35
2. EDUCAÇÃO ESCOLAR <i>YUDJA</i>	38
2.1 A escola <i>Yudja</i> e o trabalho na/com a comunidade	38
2.2 Como a nossa escola ajuda na manutenção e fortalecimento da língua <i>Yudja</i>	43
3. POLÍTICA LINGÜÍSTICA NA COMUNIDADE <i>YUDJA</i>	49
3.1 Situação sociolinguística em nossa comunidade: a nossa língua vive	49
3.2 As ações desenvolvidas na comunidade para manutenção e fortalecimento da língua	50
3.3 O processo de estudo e criação da grafia da língua <i>Yudja</i>	51
3.4 O que dizem os anciões sobre a língua materna	52
4. DOS SABORES AOS SABERES PEDAGÓGICOS NA ESCOLA	58
4.1 Do percurso pedagógico ao produto educacional	58
4.2 Um recorte do nosso produto educacional	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é realizar um estudo sobre os peixes do rio Xingu, a partir de uma prática pedagógica, com alunos do ensino médio, que possa contribuir para fortalecer o conhecimento do nosso povo Yudja sobre as espécies de peixes existentes no Território Indígena, na região do Baixo Xingu-MT. O enfoque foi o estudo dos peixes comestíveis utilizados pelo povo Yudja, de uma maneira pedagógica, pois a nossa finalidade é valorizar o nosso jeito de ensinar, a partir de nossos saberes tradicionais. Este é um estudo inédito e colabora com um maior conhecimento da cultura alimentar Xinguana, com estudos de uma das línguas do tronco Tupi e com o desenvolvimento de material de didático em língua Yudja para a comunidade, produzido por nós.

Nesse sentido, busco descrever um tipo de conhecimento tradicional para, juntamente com a comunidade e a escola, encontrar meios de manter as nossas práticas de conhecimento vivas e fortes, assim motivando as gerações mais jovens compreenderem a ciência tradicional do próprio povo. É necessário fortalecer e incentivar as práticas de conhecimento sobre os peixes para novas gerações, portanto, este trabalho será, principalmente, utilizado e contribuirá para as escolas das aldeias do povo Yudja, para que todos os jovens tenham acesso a ele.

Para nosso diálogo, trazemos outros autores que têm estudos sobre o nosso tema, como Freire (2013), Fargetti (2019), Lima (2018), Berto (2013), entre outros estudiosos. Também, nos reportamos ao Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas – RCNEI, Brasil (1998) e Quezo (2022). Contamos ainda com a colaboração dos nossos consultores Yudja, Sadea Juruna, Tarinu Juruna Duriu Juruna, Duyadi Juruna e Nariu Juruna.

Sobre a ictiofauna (peixes) brasileira, sabe-se que a sua diversidade não é totalmente conhecida e descrita pelos meios científicos, uma vez que, constantemente, são identificadas novas espécies de peixes em todo país. De acordo com o site Conexão Planeta, “mais de 200 novas espécies de peixes de água doce foram descritas em 2021: quatro delas na bacia do Xingu, como o cascudo ‘wolverine’”. Isso só reforça o quanto é importante pesquisas nessa área, e no caso de nosso estudo, é importante também porque está conectado com nossos saberes tradicionais, ressaltando que nosso objetivo maior é o diálogo entre nossos saberes tradicionais e nossas práticas pedagógicas na escola, e contribuir, ainda, para fortalecimento do ensino de nossa língua materna.

Trago, nesta pesquisa, as espécies de peixes pescadas durante o mês de agosto de 2022,

por meio de pescaria realizada nos diferentes lugares, córregos, lagoas e os rios Mosquito, Maritsaua-Miçu (Manito) que são formadores do rio Xingu. Os peixes foram pescados pela comunidade da aldeia onde a pesquisa ocorreu.

Para a realização do trabalho, primeiramente, consultei a comunidade no centro da aldeia a respeito do tema da pesquisa. Durante a reunião, informei que todos os (as) alunos (as) do Ensino Médio estariam envolvidos na pesquisa, bem como, alguns membros da comunidade, pois a atividade seria aberta a quem quisesse participar. Deixei claro que não era uma obrigação, mas que era importante registrarmos o que conhecemos sobre peixes que existem aqui no Rio Xingu, saber o nome de cada espécie, se tem história, se tem música, se nós o comemos ou não, porque não se come, quando se pode comer e quando se não pode comer.

Abordo a metodologia utilizada para se pescar, com seus materiais como: anzóis e linhas e, também, os equipamentos para registrar: celular, máquina de fotografia, materiais de anotações, barcos de 10 metros, motores 50 HP Mercury e canoas de madeiras. Esses materiais e equipamentos foram utilizados no trabalho de campo. Os peixes foram pescados pelos alunos e pela comunidade e, posteriormente, fotografados por aqueles com maior experiência em fotografia. Vale esclarecer que a pesquisa enfoca os peixes comestíveis e, com menos ênfase aos não comestíveis, pelo povo Yudja da região. Também foram discutidos os peixes relacionados às proibições alimentares, devido a resguardos, ou seja, aqueles peixes que não podemos consumir quando estamos com filho (a) recém-nascido (a) ou durante gestação. Procuramos descrever os cuidados e regras orientativas a respeito da nossa cultura. Junto com nomes estão disponíveis outras informações na língua materna, nome do autor, da espécie, quem a descreveu e a data. Isso foi uma combinação durante elaboração da pesquisa.

A informação sobre a importância de cada tipo de peixe também se encontrará nesta pesquisa. Portanto, o trabalho foi desenvolvido a partir do levantamento de informações com os alunos sobre suas práticas de pescaria, conversas com a comunidade sobre o tema, conversas com pescadores especialistas e pessoas mais velhas, leituras teóricas e discussão com a orientadora. Nesse sentido, acredito que meu estudo conversa com a Terminologia Etnográfica (TE), proposta por Fargetti (2019), porque segundo a autora, é preciso dialogar com os especialistas da comunidade sobre o assunto que se vai pesquisar. Em minha pesquisa, apresento a descrição dos peixes, a partir dos nossos conhecimentos, juntamente, com os conhecimentos dos nossos sabedores anciãos. E, também, respeitando nossa cultura, cosmologia, porque há regras para consumo de determinados peixes em nossa culinária. Por isso, é preciso escutar o Outro, aquele que tem experiência vivida e domina esses saberes

ancestrais. Nesse percurso metodológico, estabelecemos etapas importantes e necessárias para chegar aos objetivos propostos, porque para descrever os conhecimentos com mais cuidado e profundidade, precisamos estabelecer muitos diálogos com aqueles que detêm os saberes tradicionais na comunidade” (Fargetti, 2019).

E para atender aos objetivos propostos, inicio o meu texto me apresentando a você, leitor(a), e conto um pouco sobre minha trajetória de vida, minha formação na educação tradicional e também minha formação escolar e atuação profissional. Em seguida, no capítulo 1, apresento o meu povo Yudja, de onde viemos, nossa organização tradicional, e organização social e política nos tempos atuais. No capítulo 2, trato da educação escolar Yudja, com destaque para o trabalho da escola na e para nossa comunidade e, também, o seu papel na manutenção e fortalecimento de nossa língua. No capítulo 3, discuto sobre algumas ações e estratégias de nossa comunidade para a preservação de nossa língua materna, o que considero como políticas linguísticas Yudja. E, nesse percurso, não poderia deixar de fora os olhares de nossos anciões sobre a língua. No capítulo 4, descrevo todo o percurso pedagógico, mostrando as atividades realizadas, juntamente, com meus alunos, que resultaram no nosso produto educacional: *Pitxa ila*, bastante esperado por nossa escola e comunidade. E, por fim, faço as considerações com minhas reflexões sobre o trabalho realizado.

Desejo que este trabalho, além de contribuir para as escolas do meu povo, também possa contribuir para as escolas indígenas de outros parentes, e para as pessoas que gostam de estudar sobre o tema, especialmente, sobre a educação escolar indígena e ensino de língua materna.

Uma boa leitura dos nossos sabores e saberes tradicionais!

Wãbi pitxa e' ĩabĩaha udaseha!

MUITO PRAZER, SOU KARIN JURUNA... (URAHU UMA KARIA ALU, UMA KARIN JURUNA...)

O meu nome é Karin Juruna, moro na aldeia Tuba-Tuba, localizada à margem direita do Rio Xingu, no Território Indígena do Xingu, município de Marcelândia MT, próximo estrada MT, 322. A aldeia Tuba-Tuba é a aldeia central do povo Yudja, com 40 famílias e 280 pessoas e um total de 38 casas. É nesta aldeia que está localizada a escola central e a associação do povo Yudja, ela é uma associação geral que representa o povo Yudja, juridicamente e politicamente. A população total de Yudja é de aproximadamente 880 pessoas distribuídas em 11 aldeias. Essa quantidade da população e das aldeias Yudja foram levantados pelos professores e alunos da nossa escola, em 2022.

Quando eu tinha seis anos, a minha família me dava banho de raiz, folhas, cascas e também pingava nos meus olhos para que eu pudesse crescer saudável, com conhecimento e sabedoria. Assim, durante meu crescimento, me ensinaram a cuidar e respeitar outras crianças da minha idade. Eu recebia orientação do meu pai e do meu avô. Eram eles que passavam os remédios tradicionais no meu corpo; toda vez quando saía a lua nova, eu recebia o treinamento para pescaria de arco e flecha e de caçada.

Tem momento certo para cada de tipo de ensinamento da prática cultural e, conforme meu desenvolvimento, fui passando por vários processos de ensinamentos e aprendizados culturais com a minha família, já praticando a pescaria de linha e de arco e flecha. Com dez anos de idade, me ensinaram a tocar os tipos de flautas, as flautas são: *Pireuxixĩ* e *Taratararu*, elas têm seus tamanhos e melodias diferentes umas das outras. Ensinaram-me a técnica de preparação, os tamanhos, furos, os cuidados e as regras durante a preparação dos instrumentos. Com quatorze anos de idade, entrei na roda de grupo que praticava outros tipos de flautas: *Awãparê*, *wiruwiru*, *arapadika*, *waruba* e outros tipos de flautas que os Yudja têm. Os mestres responsáveis me ensinaram as histórias do surgimento desses instrumentos e também a técnica de fazer, após todos feitos, praticamos as melodias de cada um. Por fim, com dezoito anos, me ensinaram a flauta sagrada, *duru*. *Duru* é feita de taquara, uma flauta grossa com comprimento é de 50 centímetros, sua técnica de preparação, os cuidados com ela, sua história e a sua regra são todos específicos. Aprendi a tocar e o ritmo de dançar...

Nosso povo Yudja tem vinte e quatro instrumentos musicais que são praticados na

comunidade e na escola. Quando eu era criança, também aprendi a planejar uma pescaria com timbó. Também pratiquei cantos (*Kuataha* de *abia*, cantos do centro da aldeia, *Kiriwai ikaria*, cantos dos guerreiros, *arepa*, cantos do *caxiri* e cantos sagrados, histórias infantis, engraçadas sagradas, mitos, surgimento das plantas, sol, lua e das estrelas). Também tive outros ensinamentos quando já estava jovem: como fazer borduna, armação de cocar, remo, canoa, construção de casa tradicional, e as técnicas de plantios.

Todo final da tarde, ao anoitecer, chamava meu avô para contar ou ensinar o calendário tradicional do povo Yudja. Conforme o que eu perguntava, ele contava quais eram os indicadores para saber o momento certo de fazer algo (como roçado, queimada, plantio, época de desova de tracajá na praia, época de floradas e quais eram os indicadores certos de tempo que o povo Yudja conhece). Foram essas informações que busquei para meu desenvolvimento, durante meu processo de transformação cultural. Hoje carrego esse espírito de ensinamento dentro da minha mente e no coração com muita responsabilidade. É uma construção de um caminho melhor para o futuro. Tudo isso faz parte da minha trajetória de transformação como conhecedor da cultura do meu povo Yudja. Recebi essa informação e formação cultural tão importante com muito prazer com muito amor e guardei no meu coração e no pensamento.

Fui alfabetizado na aldeia pelos professores indígenas na língua materna, nos espaços livres; embaixo de uma casa tradicional e embaixo das árvores. Os professores ensinavam os seguintes componentes curriculares: Língua Materna, Geografia, Ciências, Matemática e História. Na aula de Geografia, nós produzíamos muitos desenhos de lagos, igarapés, rios, praias, ilhas roças, aldeia, animais etc. Nós pendurávamos o que era feito em cada disciplina nas árvores. Me lembro muito bem que quando chovia molhava todos os materiais que eram produzidos por nós. Não tínhamos uma boa escola de alvenaria como hoje temos, mas isso não impedia meu aprendizado, não ficava triste com o que acontecia, só dizia que um dia teríamos uma boa escola para todos que viessem.

Fui crescendo com essa busca de conhecimento dentro de mim e ampliando minha capacidade. Com esse tempo de sala de aula, aprendi a ler e escrever na língua materna, matemática tradicional e um pouco de como escrever na língua portuguesa. Apostilas eram utilizadas em alguns momentos para que pudéssemos praticar a leitura e a escrita em outra língua. Depois de conhecer a escrita da língua materna e na língua portuguesa, pensei em estudar na cidade, mas os meus pais não queriam que eu fosse estudar na cidade. Apesar disso, um dia eu resolvi ir frequentar a escola urbana com outros colegas que já frequentavam a realidade na cidade. A cidade mais próxima da aldeia (São José do Xingu) fica a 40 km de

distância. Fiquei apenas três anos e não consegui atingir o meu desejo. Era mais complicado de viver, não tinha condições financeiras para manter meu estudo. Então tinha que voltar para minha família, aprendi pouca coisa, mas já significava que um dia continuaria construindo o caminho melhor para o futuro.

Em 1994, quando eu tinha 16 anos, depois de quatro anos da minha tentativa de estudar na cidade, foram realizados cursos no Xingu. Foram oferecidos cursos na área da saúde pela Escola Paulista e cursos de formação dos professores indígenas (Projeto Urucum Pedra Brilhante), promovido pelo Instituto Socioambiental (ISA). Eu me interessei em participar do curso como ouvinte não como professor. No ano seguinte, voltei com a firmeza de assumir a minha carreira de professor, então assim terminei o magistério no Xingu. Fui o primeiro professor indígena Yudja da escola do Diauarum entre 1996 e 2006. Ajudei a centralizar a escola do Diauarum, como presidente do Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar. Naquela época também fui indicado pelas comunidades e professores para ser do membro e representar a região do Baixo Xingu, Kayabi e o povo Yudja no Conselho de Educação Escolar Indígena do Mato Grosso.

Em 2002, comecei a fazer o curso na UNEMAT (curso de Licenciatura para Formação dos Professores Indígenas) e senti a outra realidade. Com tranquilidade e esperança, depois de cinco anos eu concluí o que esperava e voltei para meu povo já com intenção de centralizar a escola do povo. Naquele ano, pedi meu afastamento da outra escola (Diauarum) e meu pedido foi acatado pela comunidade onde eu trabalhava.

Comecei o processo de criação da Escola Central Kamadu, no final de ano de 2005, foi aprovada pelo CEEI/SEDUC-MT e saiu no diário oficial em 29 de agosto de 2006, a criação da Unidade escolar. Junto com a comunidade, conseguimos, depois de um ano, a centralização e criação do Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar. Nessa época, assumi a direção da escola do meu povo, com intenção de melhorar cada vez mais o funcionamento e aprendizados dos alunos. Eu fiquei durante oito anos na direção e consegui atingir alguns objetivos, seguindo o que o povo Yudja esperava. Escrevemos o Projeto Político Pedagógico, implementamos o Ensino Médio e trabalhamos na estruturação da unidade escolar.

Depois deixei a administração para outra pessoa, porque eu senti que faltavam pessoas para lecionar na sala de aula. Então assim voltei para as aulas, para trabalhar com os alunos do Ensino Médio com os seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Língua Materna, Arte, Educação Física, Física, Saberes Indígenas e Práticas Culturais. Mas não é só isso que eu quero para sustentar e proteger a língua do meu povo, quero cada vez mais

produzir os materiais didáticos na língua materna.

Para contribuir para minha formação ou ampliar meu conhecimento, eu fiz curso de Formação Territorial e Serviços Socioambientais no Xingu, realizado no período de julho de 2012 a 20 de outubro de 2014. Essa busca de aprendizado tem contribuído muito para minha formação como professor dentro da minha comunidade, tanto na política de educação e política de proteção territorial. Por causa da minha experiência como aluno e professor, decidi me registrar para o Mestrado, para poder contribuir para a manutenção da língua Yudja. Tendo esse nível de escolaridade tenho certeza absoluta que conseguirei a construção de novo caminho para as novas gerações seguirem futuramente. Sempre garantindo a língua e a cultura vivas.

Agora que você já me conhece, abro o capítulo 1, apresentando o meu povo Yudja.

1. O POVO YUDJA

1.1 Apresento a você o meu povo *Yudja*

O meu povo *Yudja* está localizado na região do baixo Xingu, à margem direita do rio Xingu, no sentido subindo rio, e esquerda descendo o rio, Território Indígena Xingu-MT, no município de Marcelândia-MT. São 11 aldeias, incluindo a central *Tuba-Tuba*, com uma população de aproximadamente 880 pessoas no total. Como foi descrito, ao longo de nossa história, nosso povo *Yudja* lutou ativamente pela manutenção de nossa língua e de nossas práticas culturais. Somos falantes da nossa língua *Yudja*, família linguística Juruna, tronco Tupi (Rodrigues, 1986). Todos os membros de nossas comunidades são falantes da língua materna, geralmente, os anciões e anciãs não falam nem praticam a língua portuguesa. São apenas as gerações mais jovens que falam a língua portuguesa, e nas aldeias nos comunicamos somente na língua materna e ensinamos as crianças oralmente.

A língua portuguesa é usada para se comunicar com outros povos e com os não indígenas, como equipe da saúde e outras pessoas que assessoram nas atividades das associações comunitárias e na escola. Nas aldeias há outras línguas faladas por algumas famílias, por conta dos casamentos com outras etnias, como por exemplo, além da língua materna, são faladas: *Khîsêjtjê*, *Kawaiwete*, *Ikpeng*, Kayapó e *Xipaya*. Essas línguas são apenas praticadas na oralidade pelas famílias em suas casas, porém, achamos importante que essas línguas sejam praticadas, valorizadas e fortalecidas pelas famílias falantes.

As instituições parceiras que apoiam na gestão administrativa da organização da associação, escola e saúde, são: Associação Terra Indígena Xingu ATIX, Instituto Socioambiental ISA e Projeto Xingu. Esses parceiros lutam juridicamente e politicamente na defesa e bem viver do nosso povo *Yudja*. No ano de 2002, criamos a nossa associação *Yarikayu* com os seguintes objetivos: representar o povo *Yudja* juridicamente e politicamente; defender o patrimônio sociocultural do *Yudja*; fortalecer a valorização dos seus padrões artísticos tradicionais; respeitar o desenvolvimento intercultural segundo padrões de pensamento tradicionais; respeitar os modos de organização sociopolíticas e promover atividade de educação; lutar pela saúde e fiscalização territorial e proteger o ambiente nos quadros do Território Indígena Xingu.

Em 2006, com o crescimento de demanda do povo, criamos a escola Central *Kamadu* na aldeia *Tuba-Tuba* com a finalidade de preservar, revitalizar, valorizar e fortalecer a cultura

Yudja. Em 2018, com aumento de demanda da escola, conseguimos implantar o Ensino Médio, o que era uma esperança do nosso povo.

Como já foi descrito, ao longo de sua história, o meu povo lutou ativamente pela manutenção de sua língua e cultura. Como também foi ressaltado, houve contato dos falantes da língua *Yudja* com falantes de outras línguas indígenas e do português, o que certamente impactou tanto aspectos gramaticais da língua *Yudja* como sua vitalidade. Os relatos dos anciões contam como a língua portuguesa foi incorporada na nossa língua materna, como podemos ver no trecho, a seguir, que encontramos na Dissertação de Mestrado do professor Txapina Juruna:

Nario Juruna também fala sobre o empréstimo da língua, que emprestamos e adotamos de uma língua de outro povo, quando não tem uma palavra que pode identificar o nome de algo específico, por exemplos, a palavra papel adotamos da língua portuguesa como uma palavra da língua *Yudja*, com pronúncia de '*papera*', cavalo '*kawaru*', entre outras. Nestes casos, percebemos que as palavras inseridas na língua *Yudja* passaram por um processo de fonologização, isto é, os falantes *Yudja* adaptaram a palavra do português, pronunciando-as com os sons do sistema fonético de nossa língua, o que caracteriza um empréstimo linguístico realizado através de aproximação fonética (Juruna, p.47, 2023).

Em sua pesquisa, Txapina Juruna explica que a incorporação de palavra do português na língua materna provocou mudanças na fala dos *Yudja*, pois na fala das pessoas começaram a aparecer palavras que não existiam na nossa língua, como nome de objeto, frutas e animais (Juruna, 2023). Trago aqui, alguns exemplos que o autor apresenta em sua Dissertação:

Kaneku – caneca

Kamixa – camisa

Sapatu – sapato

Kawaru – cavalo

Mãka –manga

Pepera - papel

De acordo com Txapina Juruna (2023), essas palavras foram introduzidas na sociedade *Yudja* pelos colonizadores, que ensinaram os nomes dos objetos para o povo. Podemos observar que há uma adaptação fonética da língua portuguesa e, desde, então, nos utilizamos essas palavras como parte integrante da nossa língua.

E, apesar de o meu povo *Yudja* ter como uma de nossas políticas linguísticas o uso exclusivo de nossa língua materna em nossas comunidades, os textos sobre a língua *Yudja* não descreveram todas as políticas linguísticas adotadas por nós para manutenção de nossa língua, tampouco, apresentaram uma análise detalhada do uso da língua *Yudja*, em diferentes domínios do discurso. Isso tem gerado preocupação na manutenção e fortalecimento da língua materna, principalmente, com avanço e entrada das novas tecnologias em nossas aldeias, como: internet, celular, televisão. No olhar e no entendimento do meu povo, são mudanças negativas no cenário atual. A nossa organização política e linguística tem apontado a importância e o valor da língua materna na escola. Queremos ensinar corretamente a grafia da língua, registrando todas as informações sobre a língua do povo junto aos alunos.

A língua materna está sendo uma das disciplinas mais trabalhada na escola pelos professores *Yudja*, após muitas conversas, estamos alcançando o nosso objetivo sobre a manutenção e fortalecimento de nossa língua materna. Os trabalhos planejados são de acordo com a realidade da comunidade, sobretudo, respeitando o nosso currículo escolar. Um exemplo disso é a aula de cestaria e prática cultural realizada pelo professor Chadawa Juruna e seus alunos no centro da aldeia.

Figura 1: Prática cultural de cestaria



Foto: Karin Juruna, 2022

Além da escrita e aulas de campo, realizamos práticas culturais planejadas pelos professores junto aos anciões. Os alunos buscam informações orais e realizam suas práticas.

Bom, até aqui você conheceu um pouco de mim, Karin Juruna, e do meu povo, mas ainda quero trazer, no tópico, a seguir, mais algumas informações que acho importantes para o meu trabalho. Então vou contar para você de onde nós viemos.

1.2 De onde viemos

Os anciões *Yudja* contam que viemos do Amazonas, por conta da chegada dos colonizadores e fundação da cidade de Manaus. Estes eventos impactaram, inclusive, a organização sócio tradicional do nosso povo, por exemplo, fomos obrigados a aceitar outra religião e práticas culturais que afetaram nosso modo de viver, afetando a convivência do dia-a-dia e, principalmente, as práticas de transmissão das histórias tradicionais que aconteciam no centro da aldeia, pelos anciões, na lua clara. Como se sabe, as práticas de invasão eram uma forma para assimilarmos à cultura ocidental, fazendo com que fôssemos, posteriormente, “integrados” à sociedade nacional, em época marcada também por ações missionárias. Por conta dessas ações, nós, *Yudja*, deixamos o território tradicional, para evitar a perda de nossa língua e de nossas práticas culturais.

De acordo com relatos dos anciões, os padres que comandavam o povo levavam os membros das comunidades: mulheres, homens, jovens e as crianças para cidade e diziam que eles voltariam assim que aprendessem a língua da sociedade não indígena e conduzir o povo. Porém, o tempo combinado passava e eles não voltavam para suas aldeias. Com isso, nosso povo foi descobrindo que o padre estava mentindo, então, resolveram vingar seus parentes. Reuniram-se com todos os membros das comunidades no centro da aldeia e combinaram que o padre, quando voltasse novamente para aldeia, pagaria por aquilo que estava fazendo. Resolveram matar o padre, o tempo foi passando os jovens não voltavam, um certo dia, apareceu novamente o padre já com intenção de levar mais gente. Disse o cacique:

“- Dessa vez você não me engana, você vai pagar pelo que você está fazendo!

- Ah! Por quê? O que houve?

- Você roubou meus parentes!”

Chamou os guerreiros, pegaram o padre e o mataram, de tanta raiva, bravos. Comeram o padre, a carne dele era muito amarga, então disseram que o padre fumava muito, por isso, a carne estava amarga de tanto fumar e não serviu nada para consumo.

Assim aconteceu, a maior parte do nosso povo desapareceu naquela época por conta de ações missionárias.

O percurso do nosso povo mostra que a preservação da língua e da cultura é resultado do nosso esforço e da nossa luta coletiva, cuja história é marcada por aprisionamentos, escravização, guerras e depredação de nosso território. Nós, *Yudja*, tivemos uma redução dramática de nossa população, de 2000 pessoas, em 1842, para 200 em 1884 e, posteriormente, 150 pessoas em 1896, e 52 pessoas em 1916 (Lima e Macedo 2018). A redução da população foi resultado do avanço de seringueiros e de outros povos indígenas que

ali viviam. Como vimos, os invasores não apenas dizimaram uma grande parte de nossa população *Yudja*, como também, impuseram restrições às práticas culturais do nosso povo (festas tradicionais, dança, canto, língua, rituais, etc). Sofremos várias migrações ao longo dos séculos (XVII ao XX), como afirmam os anciões *Yudja* e alguns autores. Foram muitas perseguições e explorações dos colonizadores, missionários, seringueiros e outros segmentos da sociedade nacional. Fomos proibidos de falar a língua materna e, como se sabe, este tipo de estratégia visava forçar a ‘integração’ dos povos indígenas à sociedade urbanizada (Massini-Cagliari, 2004).

Ressalto que o meu povo sofreu adversidades, principalmente, quando a língua materna era proibida por ordem dos colonizadores. Quem falava a língua era torturado, e por conta do castigo, a língua não era praticada em qualquer espaço, era falada por algumas famílias somente em suas casas. As pessoas perceberam que a integração com os não indígenas podia resultar na extinção da língua e do povo, por isso, abandonaram seus territórios de origem em busca de liberdade para manter sua língua materna sempre viva. De acordo com relatos, aqueles que fugiram e deixaram seus territórios mantiveram sua língua originária. Hoje essa língua preservada pelos bisavôs e tataravôs está sendo praticada diariamente nas comunidades e nas escolas do nosso povo.

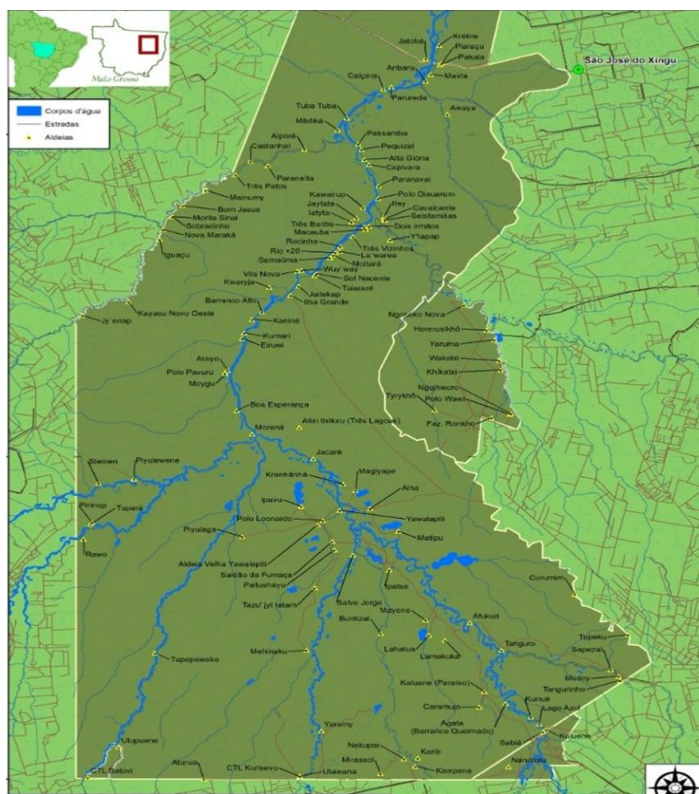
Ouvindo o sofrimento relatado por nossos parentes e a quase extinção de nossa língua, refletimos e tomamos a decisão de cuidar e fazer a manutenção da língua *Yudja*. Se perdemos a língua não será fácil trazer ela de volta. É importante dizer que Existem outras línguas indígenas dentro de nossas comunidades, como: *Kawaiwete*, *Khîsêjtê*, *Kayapó*, que são praticadas entres famílias em suas casas, mas essas iniciativas são valorizadas e fortalecidas. Hoje em dia, nas aldeias *Yudja*, têm crianças, jovens e adultos multilíngues, que falam *Yudja*, *Kawaiwete* e Português. Mas o que ensinamos na escola é a escrita da língua *Yudja*, para que futuramente as novas gerações escrevam em nossa língua.

Não apenas a língua materna é a nossa tradição, parte do nosso povo optou por permanecer no território tradicional e outra parte migrou. Os que migraram subiram o rio e, ao longo do tempo, chegaram até na região de Altamira, no Pará. Ficaram muitos anos nessa região, viviam preservando a cultura, sem ter nenhuma mudança na vida. Viviam em paz, em liberdade, em harmonia. Depois de muito tempo, vieram outros colonizadores para ocupar o território onde nosso povo vivia, com essa chegada muitos eventos trágicos aconteceram, como por exemplo, mulheres *Yudja* foram forçadas a se casar com colonizadores. Também, nesta época, ocorreram ações missionárias e exploração de mão-de-obra nas grandes roças e na produção de borracha. Houve também nova invasão de seringueiros, e estes novos ataques

Xingu, na região do Mato Grosso, guardaram profundamente a sua cultura (histórias, artes, festas, danças, cantos, músicas, melodias das flautas, rituais e língua) na memória e no coração e lutaram para conseguir retransmitir esse conhecimento através da oralidade para as gerações mais jovens. No Xingu, antes da chegada dos irmãos Villas Boas, aconteciam também guerras entres povos indígenas, assim os *Yudja* capturavam as mulheres indígenas dos outros povos e as levavam para sua aldeia. Estes acontecimentos afetaram a situação linguística das comunidades *Yudja*.

Com a chegada dos irmãos Villas Boas, intensificou-se a discussão acerca da luta sobre a demarcação de terra, para garantir o futuro melhor para os filhos e netos. Então assim aconteceu na aquela época. Hoje estamos na terra demarcada, Território Indígena do Xingu, demarcada em 1961 pelos irmãos Villas Boas e pelos nossos bisavôs. Hoje o território indígena do Xingu compreende uma área territorial de 27.975 Km² (quilômetros quadrados) e 2.797.491 hectares, incluídas as Terra Indígena Wawí, Batovi e Naruvotu. A população total corresponde a 8.234 (ATIX, 2022) que se dividem em 16 etnias: *Aweti*, *Ikpeng*, *Kayabi/Kawaiwete*, *Kalapalo*, *Kamaiurá*, *Kĩsêdjê/Suyá*, *Kuikuro*, *Matipu*, *Mehinako*, *Nafukua*, *Naruvotu*, *Tapayuna*, *Trumai*, *Yawalapiti*, *Yudja/Juruna* e *Waujá/Waura*.

Figura 3: Território Indígena do Xingu



Fonte: Instituto Socioambiental/ISA, 2003

extração madeireira, a invasão de pescadores e a grande quantidade de pousadas turísticas de pesca esportiva são exemplos de pressões externas que afetam nossos recursos naturais. Uma outra ameaça, cada vez mais forte, são as obras de infraestrutura que os governantes fazem perto do TIX, como hidrelétricas, rodovias e ferrovias. Estamos cercados por essas obras e nunca interessou ao governo saber o que pensamos disso. Eles querem ampliar e asfaltar várias rodovias, como a BR 163, a oeste, a BR 242 ao sul, a BR 158, a leste, e a MT 322, ao norte, formando um anel viário no entorno do TIX que vai servir para escoar soja e milho, aumentando ainda mais o desmatamento, a poluição dos rios e tantos outros problemas que chegam junto com o “progresso” do homem branco. Ainda tem a FICO e a FERROGRÃO, linhas de trem projetadas para facilitar ainda mais o escoamento de grãos do agronegócio do Mato Grosso. Todas essas ameaças podem comprometer o futuro dos nossos povos. Por isso, fizemos um Plano de Gestão, para que os governantes percebam que temos propostas diferentes para o Xingu, que estamos organizados e queremos ser ouvidos.

Agora que você já sabe de onde viemos, vou mostrar, no próximo tópico, um pouco de como era a nossa organização tradicional.

1.3 Organização tradicional do meu povo *Yudja*

Neste tópico, descrevo sobre a organização tradicional do meu povo *Yudja*, como acontecia e quem conduzia o povo. Nós somos habitantes da região do baixo Xingu, no estado de Mato Grosso e temos nossas práticas tradicionais ainda em pleno exercício, inclusive, o domínio e uso de nossa língua materna.

A partir do conceito etnosocial de organização, apresento os nossos modos de organização tradicional e como nos organizamos em tempos atuais para as tomadas de decisões que envolvem as comunidades. Quero ressaltar que tais informações se deram a partir de entrevista com anciãos da aldeia Tuba-Tuba, a maior aldeia e considerada a central. Nesse percurso de pesquisa, registrei os modos tradicionais de organização social e política e, em função de observações e participações na comunidade, registrei, também, a organização social e política para tomada de decisões em tempos atuais. Nesse processo, foi muito importante a compreensão do conceito de Etnografia, já que o estudo se caracterizou como pesquisa de campo, estudo de caso de abordagem qualitativa.

Atualmente a organização social tem se modificado nas comunidades indígenas por conta da convivência e relações que estabelecemos com a cultura não indígena. São cada

vez mais frequentes práticas, instrumentos e conceitos da cultura ocidental na rotina das aldeias, ressignificando a cultura tradicional. É inegável que o processo de globalização, que faz o mundo funcionar, impacta diretamente os modos de vida de cada grupo, mas isso não quer dizer que nós, indígenas, estamos perdendo nossa cultura, pois consideramos que a cultura é viva e se transforma em função das vivências cotidianas e nas relações com outros povos.

Sobre essas mudanças em nossa cultura, a professora Cristina Fargetti exemplifica com o uso das miçangas em nossos artefatos (pulseiras, colares), entre outros elementos do mundo ocidental, que adentraram nossa sociedade. Vejamos o que ela diz:

Assim, miçangas não são tidas por mim como algo exógeno, fora da cultura juruna e, portanto, fora do tradicional. Na verdade, sua utilização revela, juntamente com outros materiais e recursos, uma domesticação da matéria vinda de outro local, como aponta Lagrou⁴¹, ou seja, um trazer para a significação da cultura juruna e, portanto, são, sim, os artefatos com miçangas, pregos, elementos de plástico e outros materiais, tidos como pertencentes a sua cultura. Assim, fica claro aqui que não tenho uma concepção de cultura como algo estático, como algo que não deva ser “corrompido” por elementos exteriores. Há muito tempo se pensa cultura como algo muito mais amplo, em constante mudança. Assim, o leitor deve pensar que cultura material, com seus artefatos produzidos, não precisa necessariamente se restringir a algo antigo, sem relações com outras culturas, sem influências, como se existissem culturas totalmente isoladas, sem contatos com outros povos. Os materiais exógenos, como as miçangas de vidro, foram e são, como disse antes, incorporados à cultura, passando por um processo referido por autores como “domesticação”, como tornar pertencente e próprio (Fargetti, 2021, p.32)

Os anciões *Yudja* relatam que a miçanga já existia desde muito tempo, foi descoberta na região do surgimento do povo *Yudja*. Era parecido com peixinhos com várias cores diferentes, ficava dentro de buraco de pedra cheio de água, as cores eram: preta, vermelha, branca, azul, amarela, laranja, marrom, cinza... cada cor era separada no buraco de pedra. O próprio nosso pai criador *Selã* ’ ã disse para o povo: “Aqueles peixinhos ali não são verdadeiros peixinhos, são miçangas, vocês pegam com a peneira e colocam em cima da pedra e com a quentura do sol transformam em miçanga”. Então fizeram conforme o pedido, orientação dele e deu certo, os olhinhos de peixinhos se transformaram em miçangas. Então, assim, os *Yudja* já conheciam a miçanga há muito tempo.

Porém, com o tempo essa miçanga de origem foi sumindo, principalmente, com a chegada de miçanga ocidental. Portanto, a miçanga ocidental se incorporou e ficou no lugar da miçanga tradicional e, hoje em dia, essa miçanga ocidental é utilizada para fazer vários artefatos, como pulseiras, tiara, cinto, colares e brincos. Cada vez mais a juventude está usando para fazer seus artesanatos com as miçangas. As miçangas fazem parte da cultura

Yudja, sendo usada para fazer a pintura corporal nos artesanatos, cada vez mais está presente e é trabalhado com os alunos na escola. É uma forma de praticar arte *Yudja* com a miçanga ocidental. Aqui eu trago como é feito os colares com a miçanga.

Figura 5: Colares e pulseiras de miçanga *Yudja*



Fonte: Karin Juruna, 2023

Voltando à questão da organização social, no caso do nosso povo *Yudja*, do estado de Mato Grosso, atualmente têm três tipos de organizações na aldeia Tuba-Tuba (aldeia Central), que antes não existiam. Associação, Escola e Centro de Medicina tradicional dos *Yudja*, cada uma delas com suas diferentes responsabilidades. Os responsáveis por cada área destas organizações são indicados numa grande reunião que chamamos de “Governança do povo *Yudja*”. Nesta reunião, contamos com a presença de todos os membros das comunidades. Nesses encontros, em reunião, são apresentados vários assuntos de interesse comunitário, familiares e os interesses individuais. Isso é uma grande mudança na organização do meu povo *Yudja*, com influência da cultura ocidental, pois, antigamente, parece que não tinha esse tipo de organização especificamente montado para discutir e

resolver assuntos específicos. Nesse contexto, destaco que a organização atual tem modificado muito, pois não está como era antes. Embora haja mudanças, nossa organização tradicional ainda é ativamente praticada e transmitida para gerações mais jovens, isso é uma forma de manter a organização tradicional do nosso povo fortalecida. Os anciões narram que, antigamente, para se tornar um cacique ou ser uma pessoa de destaque e ter certa liderança na comunidade tinha que ter sua formação específica, pois tem várias responsabilidades. Tais cargos são, além do cacique, o pajé, o raizeiro, o curandeiro, a parteira, o dono da festa, responsável pelo guerreiro, responsável pela caçada, responsável pela pescaria.

Cada um tinha sua formação diferente, a formação acontecia durante reclusão, tinham as pessoas específicas para cuidar, principalmente os raizeiros que cuidavam durante a reclusão até se tornar a pessoa conhecedora. Normalmente a reclusão acontecia com 14 anos de idade e a comunidade acompanhava durante processo de formação, contribuindo com a alimentação; mingau, peixe e farinha. A preparação tinha duração de 3 ou 5 anos para se tornar realmente a pessoa conhecedora e dominadora da prática cultural. Então, era o processo mais profundo para se tornar uma liderança. Porém, atualmente essa prática está começando a enfraquecer, não está sendo praticada ativamente como era antigamente, por conta da interferência da cultura ocidental. Atualmente está sendo escolhida a pessoa para ser a liderança na comunidade, só aquela pessoa que tem conhecimento da política na comunidade e de não indígena, que sabe ler e escrever na língua portuguesa. Isso para função de cacique ou como braço direito dele, como: articuladores políticos, dentro da aldeia e fora da aldeia. Isso tem mudado em pouco tempo dentro da organização do povo. Para outras lideranças, ainda é ativamente praticada, ainda tem a formação especializada na comunidade.

Nós mantemos muitas das práticas da nossa cultura tradicional, como rituais que acontecem todo ano no mês de julho. *Kuataha de abia*, festa do pátio da aldeia, é organizada coletivamente pelas mulheres, porém, no meio dessa coletividade têm duas pessoas responsáveis para cuidar da festa, que chamam e orientam os participantes. Essa festa tem 424 músicas cantadas, e a sua história de surgimento vem de muito tempo atrás. Ela surgiu através de uma moça que desceu do céu (*alapa*), do povo do céu. Foi ela que ensinou essas práticas musicais para o meu povo (*taratararu ikaria*). A festa da flauta é organizada pelos homens, acontece praticamente depois da festa das mulheres, no centro da aldeia. Dois homens ficam responsáveis para cuidar dos momentos em que está acontecendo a festa. Normalmente, são os homens que tocam a flauta e as mulheres dançam

junto com eles. A história de surgimento aconteceu há muito tempo, numa ocasião em que os homens tinham planejado uma caçada, ficando por uns três dias fora da aldeia. Então quando saíram para caçar, só ficaram na aldeia as mulheres e um ancião para cuidar delas. Ao anoitecer apareceu o grupo de homens saindo do rio com suas flautas e foram até o pátio da aldeia e lá começaram a tocar suas flautas e convidaram as mulheres para dançarem junto com eles e se comunicavam com a mesma língua materna. Então assim aconteciam as festas durante a noite até amanhecer o dia; quando amanhecia, aproximavam do rio e sumiam todos no rio e quando anoitecia voltavam novamente e dançavam, até que completaram os três dias de festa.

Naquela ocasião, os maridos já estavam voltando da caçada, quando eles estavam aproximando a aldeia ouviram o som da flauta e os movimentos, danças e os gritos. Foram aproximando e viram o que estavam acontecendo com as mulheres, elas dançando indo ao rumo do rio e caíram no rio e foram devoradas. Os caçadores chegaram e não encontraram as mulheres, só encontram as flautas deixadas na beira do rio no pátio da aldeia. Os que sabiam se esconderam, principalmente, o ancião. Ele contou tudo o que tinha acontecido durante a ausência deles. Ele gravou todas as melodias da flauta na memória, algum tempo depois começou ensinar, praticar a tocar as melodias e dançar, assim aprenderam e até hoje praticamos essas melodias da flauta dos espíritos do rio.

Outro ritual que acontece todo final de semana é o ritual de *caxiri* (*maritxa*). Caxiri é uma bebida fermentada, bebida da floresta, bebida típica *Yudja*; ela é feita de mandioca e a sua mistura é batata. No processo de preparação, a mandioca fica durante três dias na água até amolecer, então as mulheres descascam quando amolecem, espremem, amassam no tipiti, após espremer passam pela peneira e depois tem que torrar no tacho. Após ser torrado, é colocado numa panela que tem água e espremido com as mãos junto com a batata ralada até misturar; depois, tem que peneira, terminando de peneirar, o *caxiri* já está pronto. Então, tampa e espera fermentar durante dois dias. Fica pronto depois de dois dias, então, o dono do Caxiri chama a comunidade toda para beber e festejar com todo mundo, dançar, cantar, contar a história de pescaria ou de caçada.

O ritual *Caxiri* é uma alegria total para meu povo *Yudja*. A alimentação durante os rituais são: peixes assados, cozidos, pirão de peixes, farinha, beiju, carne de caça; (anta, paca, porco, mutum, jacu e outros...). Geralmente esses rituais são realizados no centro da aldeia, onde temos casa construída e onde são realizados reunião e rituais, como festas e outras demandas. Para nós, *Yudja*, o Deus mais importante é o *Selã'ã*, criador de todo o

universo e da humanidade. Ele é o único Deus, é nossa raiz, é o verdadeiro Deus e ciência de todas as ciências.

O ritual de passagem para meu povo acontece após 5 meses de falecimento de uma pessoa. O ritual de encerramento de luto conta com a participação de todos, as famílias e os membros de todas as comunidades para se despedir e alegrar o coração e o espírito, para o povo voltar fazer suas atividades com muitas alegrias e terem seus pensamentos positivos. Para o ritual de passagem, preparamos caxiri, nos pintamos, cantamos e dançamos no pátio da aldeia, assim, as brincadeiras, as festas e outras atividades ficam autorizadas para o povo.

Assim é a nossa tradição *Yudja*. No tópico adiante, para fechar este capítulo, falarei da nossa organização social e política em tempos atuais.

1.4 Organização social e política do povo *Yudja* da aldeia *Tuba-Tuba* em tempos atuais

Atualmente, a organização das comunidades *Yudja*, com influência já do convívio com a sociedade ocidental, se faz através de Associações como entidades legais, mas, mesmo com a Diretoria legalmente constituída, as reuniões e discussões são sempre junto com os caciques para tomadas de uma decisão relacionada ao povo. Quando é uma coisa só da comunidade de uma determinada aldeia, é a decisão daquela comunidade que vai ficar valendo, como, por exemplo, o responsável pela festa ou outra atividade na comunidade será definição daquela comunidade. Quando o assunto é algo maior, é levado para um espaço chamado de Governança para discursos coletivos, aberto para todos os membros das comunidades participarem.

A governança *Yudja* é o espaço e o jeito certo de tomarmos uma decisão coletiva sobre a gestão de nosso território; os brancos inventaram Prefeitura, Ministério Público, Tribunal, Polícia, Deputados e muitas outras coisas para governar seus países. Assim, nós também temos uma forma própria de organização política. Atualmente, são muitos os desafios e ameaças que exigem uma governança forte e articulada, como no caso das obras de infraestrutura que o governo decide fazer sem nos ouvir primeiro e que acabam por impactar nossos rios e floresta. A governança é o espaço das lideranças unirem, conversarem, apresentarem algumas demandas das suas comunidades. É o encontro das lideranças e os caciques, é uma forma de administrar ou governar o povo.

As associações existentes entre nosso povo são: associação *Yarikayu*, uma associação geral que nos representa juridicamente e politicamente; os membros são escolhidos na

assembleia geral, na presença de todas as comunidades; associação *Wire itxũkĩ*, uma associação comunitária da outra aldeia, cujos membros são escolhidos pela comunidade local. Os nomes são escolhidos para as seguintes funções: diretoria, presidente, vice-presidente, secretário, segundo-secretário, tesoureiro, segundo-tesoureiro.

São várias as ações e responsabilidades de uma liderança nas comunidades, porque a liderança é responsável pela organização geral e é considerado o porta-voz da comunidade. Ele é um instrumento, um ser humano que tem essa responsabilidade de defender o seu povo. A liderança maior na comunidade é o cacique, cada aldeia tem um cacique, e as lideranças são aquelas que responsabilizam pelas outras demandas, como: festa, história, pescaria, caçada. Nós temos o cacique geral, que fica na aldeia central, seu nome é Sadea Juruna e seu vice é Yabaiwa Juruna.

Uma liderança tem funções de destaque nas comunidades; ele é uma pessoa responsável, tem que saber organizar a comunidade, planejar as atividades junto com seus membros. Deve realizar e conduzir reuniões para transmitir as informações recebidas; também faz articulação com outras lideranças e tem importante participação nas políticas públicas, em educação, saúde e política sobre território. Ele é responsável por esse “peso”, o de responder e representar a comunidade; se a pessoa tem esse preparo, essa capacidade para liderar o povo, então ele é escolhido e indicado direto como liderança. Antigamente essa função era repassada de pai para o filho e a função era ocupada durante a vida de uma pessoa até certa idade, aí era repassada para o filho. Há trinta anos, só existia uma liderança do povo *Yudja*, mas, depois com o aumento da população, foram sendo criadas mais aldeias e cada aldeia indica suas lideranças.

Mais ou menos de dez anos para cá, centralizamos discussões e decisões mais gerais na aldeia *Tuba-Tuba* para que todas as aldeias sejam vinculadas a ela. Assim, pensamos, porque o povo terá unidade nas decisões. Nessa ocasião, além da liderança que já estava representando as comunidades, indicamos um vice-cacique, os dois chamados de caciques gerais do povo *Yudja*, para liderar todas as comunidades, mesmo tendo outras lideranças em cada aldeia.

A função da associação é mais ligada à proteção territorial, vistoria no limite, fortalecimento e a valorização dos seus padrões artísticos tradicionais (festa, dança, rituais, história), então essa é a função da associação. A educação tem sua política mais voltada para a organização de ensino, reunir a comunidade, discutir os assuntos relacionados à escola, os componentes curriculares lecionados, comportamento dos estudantes, práticas culturais, merenda escolar. Então é essa a função, como educação da comunidade e segue o ritmo da

aldeia. O Centro da medicina *Yudja* tem sua função totalmente diferente; há dez anos nosso povo *Yudja* reencontrou com a medicina que era utilizada há muito tempo pelos nossos ancestrais, uma planta (cipó) sagrado. Essa medicina sagrada (*waapa*) atualmente está mais próxima do povo. O cipó é plantado nas aldeias e, para que não seja utilizada de forma incorreta, centralizamos a medicina e escolhemos uma pessoa como mestre central que tem a responsabilidade de conduzir a medicina para o povo. Esse mestre tem função de líder espiritual dentro da comunidade. Recentemente foi construída uma casa de cura, então essa casa passou a ser chamada de Centro de Formação Espiritual *Yudja*, onde acontece a utilização da medicina tradicional e os rituais.

Espero que até aqui você tenha gostado de conhecer sobre o meu povo, porque no próximo capítulo vou contar sobre a nossa educação escolar *Yudja*.

2. EDUCAÇÃO ESCOLAR *YUDJA*

2.1 A escola *Yudja* e o trabalho na/com a comunidade

Figura 6: Escola Indígena *Kamadu*



Fonte: Karin Juruna, 2023

Em 2006, criamos e centralizamos a nossa escola na aldeia *Tuba-Tuba* e suas salas anexas, com o objetivo de ensinar, ler, escrever e fortalecer o aprendizado dos alunos. A escola tem se fortalecido e atingido um de seus principais objetivos: o ensino da escrita da língua materna.

Em 2018, com o aumento de demanda da escola, conseguimos implantar o Ensino Médio regular, e isso foi o resultado das lutas dos caciques e lideranças do nosso povo. Na nossa escola, alfabetizamos as crianças na língua materna *Yudja*. Quando as crianças começam a apresentar facilidade com a escrita na língua, ensinamos a segunda língua, que é o português. Isso é a decisão do povo.

Temos poucos materiais didáticos produzidos, mas dentre esses poucos, temos materiais bilíngues que incluem o livro sobre o artesanato *Yudja*, o livro sobre o milho e o livro de nutrição. Alguns materiais utilizados na escola foram escritos em português e distribuídos nas aldeias indígenas pelo Ministério da Educação (livros de Geografia,

História, Língua Portuguesa, Ciência, Matemática e Artes). Os componentes curriculares na escola *Kamadu* são as seguintes: Língua Materna (*Yudja*), Língua Portuguesa, Matemática, Tecnologia Indígena, Saberes Indígenas, Práticas Culturais, Geografia, História, Ciência, Prática agroecológica, Arte, Física, Educação Física, Química, Filosofia, Sociologia e Biologia.

Nós, professores, estamos trabalhando ativamente nas salas de aula e na comunidade pela manutenção da nossa língua e cultura *Yudja*, incentivando as crianças e jovens, isso é uma forma de garantia e de continuidade da nossa língua materna. O ensino da língua materna na escola é muito importante, pois a língua materna faz parte de nossa identidade, de nossa espiritualidade, por meio dela, nos comunicamos, pensamos, sentimos, criamos e vivemos. Ela é sinônimo de identidade cultural, por essa razão, o ensino da língua na escola é necessário, pois facilita a compreensão dos alunos. Para isso é necessária a produção de materiais didáticos escritos na língua materna para cada escola ter seus materiais produzidos pelos próprios professores e alunos. Assim a escola vai respeitar cada vez mais a especificidade de ensino de seu povo.

Nossa escola recebeu o nome de *Kamadu*, que significa bonita, algo atraente, porque a escola para nós deve ser atrativa, para que as crianças, jovens e adultos se encontrem para poder aprender e ensinar de forma coletiva, diferentes do ensino tradicional que acontece em casa junto às famílias. Significa também o nome de uma cuia grande com uma pintura muito bonita que é usada para tomar *Maritxa*, bebida tradicional nossa. Nessa cuia, cabe muito *maritxa* e é usada durante as festas para que todos bebam nela e também quando chegam muitas visitas. Assim também é a escola, ela é de uso coletivo. Esse nome também é dado para filha de chefes ou para mulheres que são lideranças na comunidade ou para mulheres muito lindas. (PPP, 2021, p. 11)

A esperança das comunidades e dos alunos é que a escola ajude a entender a escrita e a oralidade para desenvolver as atividades relacionadas à comunidade e ensine coisas boas que ajudem na nossa realidade, ensine português, nossa tradição e preparar para o futuro. Formar as pessoas para atuarem na política em defesa dos direitos dos povos indígenas.

A escola trabalha, de acordo com a realidade da comunidade, então educação na escola deve caminhar junto com a educação tradicional do meu povo. A escola deve ensinar a língua do não indígena (oralidade e escrita) para nos comunicarmos com falantes de outras línguas, também, ensinar a escrita de nossa língua e fortalecer nossa cultura, ensinar somente coisas boas que valorizem nossa cultura e que tenham a ver com a realidade e necessidade de

nossa comunidade. Ensinaamos todos os componentes curriculares por meio da língua materna, ou seja, a língua como instrução oral e também como instrução escrita.

A língua materna é a base para ensinar aos nossos alunos e alunas outros componentes curriculares na escola, como História, Geografia, Ciências, Matemática e outras áreas do conhecimento. A política linguística é uma decisão tomada pela sociedade Yudja, e existem os espaços específicos para tratarmos da nossa língua materna. Todos os membros das comunidades participam, é um espaço exclusivamente para tratarmos do ensino da língua de vários componentes curriculares. É o momento de nós avaliarmos as atividades desenvolvidas pela escola central e suas salas anexas, principalmente, o avanço de ensino da escrita de língua materna. Esse espaço é aberto, livre para todos e todas participarem e fazer suas avaliações do trabalho dos profissionais das escolas, dos alunos e os resultados alcançados. Os encaminhamentos para o ano seguinte é que professores e gestores das escolas melhorem e avancem em suas atividades escolares.

Então, a escola não pode ensinar aquilo que prejudica a comunidade. Escola é o espaço de bem, todos participam da escola: alunos, pais de alunos, professores, idosos, crianças, adultos, jovens, toda comunidade. Nós entendemos que as pessoas trazem seus conhecimentos para escola e nela elas podem aprender e ampliar seus conhecimentos. (PPP, p. 21). Para desenvolver as atividades da escola, utilizamos algumas modalidades de ensino, conforme descrição abaixo:

Aula para cada turma na sala de aula

O professor planeja uma aula em uma ou mais áreas do conhecimento para sua turma que pertence a uma etapa.

Forma de avaliação: o professor pede uma atividade para avaliar o aprendizado do aluno, que pode ser: desenho, texto, mapa, relato, gravação, texto coletivo. Quando não houver produto, valerá a observação do professor, registrada no diário de classe.

Aula por meio de pesquisa

O aluno faz uma pesquisa com orientação do professor. O professor escolhe um tema junto com os alunos e organiza um roteiro de questões a serem pesquisadas. O aluno pode fazer a pesquisa por meio de entrevistas, visita em lugares, consulta em livros etc.

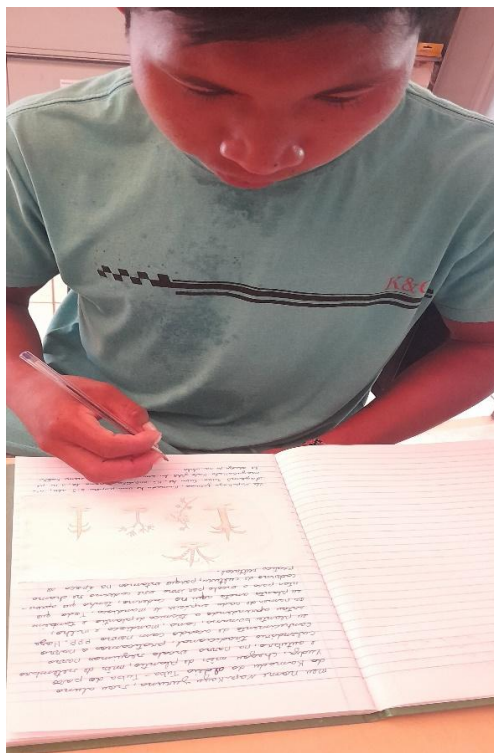
Forma de avaliação: o aluno irá apresentar sua pesquisa de várias maneiras: oralmente para o professor ajudar a fazer um texto coletivo; em forma de texto; desenho, teatro, música entre outros.

Aula de práticas culturais

O professor organiza junto com os alunos e a comunidade o planejamento para fazer atividade prática. Existem os anciões especialistas em alguma prática cultural, eles passam esse conhecimento para algumas pessoas que moram perto deles. O professor pode chamar um ancião para socializar seu conhecimento na escola. Nessas atividades, não há divisão de turmas por etapas, todos participam juntos. O professor pode planejar o aprofundamento daquele conhecimento com sua turma, através da escrita das palavras, por exemplo, usando as letras; i, ã, ã, ã, ou nome de planta que se inicia com essas letras, produção de texto etc. Outra maneira de acontecer aulas práticas é durante as atividades coletivas ou familiares como a roçada, o plantio e as festas. Nesse caso, o aluno fará o registro no “caderno de cultura”. O caderno de cultura é mesmo coisa que o caderno de memória; nele os alunos fazem anotações dos acontecimentos e fazem desenhos, conforme as práticas culturais acontecidas, como: queimada de roça, plantio, festa, pescaria. É por isso que é chamado de caderno de cultura. O registro das atividades é feito em duas línguas: materna e portuguesa, cada aluno faz de sua escolha. Esse registro pode ajudar no desenvolvimento do aprendizado do aluno, na produção de texto, ilustração, leitura, e de tudo que ele estiver praticando com sua família. É o registro do conhecimento adquirido através da cultura. Ele é apresentado para escola e avaliado pelos professores, pois o caderno de cultura é muito importante para o desenvolvimento de cada aluno, é o registro do aprendizado dos conhecimentos do nosso povo.

Na foto abaixo, o aluno Napikayu Juruna está fazendo seu registro de aula prática para ser apresentado à escola.

Figura 7: Registro de aula prática no caderno de cultura



Fonte: Karin Juruna, 2023

Forma de avaliação: Observação, entrevista oral, teste prático na escola, textos, desenhos e registro no caderno de cultura.

Projeto de estudo: É uma maneira de estudar que envolve uma ou mais modalidades, uma ou mais aldeias, em torno de um objeto comum de ensino e aprendizagem. Seu planejamento prevê a realização de diferentes etapas de aula/trabalho e tem duração mais longa dentro do calendário escolar.

Forma de avaliação: Avaliar se as etapas foram realizadas, avaliar os resultados dessas etapas e avaliar entre os professores se o objetivo foi atingido (PPP, p. 23).

Calendário Escolar: Na nossa forma de organização na escola, fizemos um exercício de organização do calendário escolar, considerando o tempo de atividades tradicionais, as outras ocupações dos professores, sejam no trabalho familiar ou em outros trabalhos que estão envolvidos (associação etc) e as 800 horas – aulas/ ano letivo estabelecidas na Lei de Diretrizes e Bases – LDB. Para a elaboração do calendário, lemos a parte da LDB que estabelece essa carga horária e que dispõe de flexibilidade, quanto ao calendário em razão das necessidades locais e a Resolução CEB nº 03/99 do Conselho Nacional de Educação, que estabelece as diretrizes para educação indígena, permitindo calendário diferenciado. Conforme o que organizamos para o funcionamento da nossa escola, estamos sempre cumprindo, respeitando, fortalecendo e valorizando o currículo da nossa escola.

Neste tópico, mostramos a você um pouco do funcionamento de nossa escola, mas, acho importante, também, reforçar sobre o seu papel na manutenção e fortalecimento de nossa língua materna.

2.2 Como a nossa escola ajuda na manutenção e fortalecimento da língua *Yudja*

Como já mencionei anteriormente, somos falantes da língua materna, da família Juruna, tronco Tupi. Outros grupos do *Yudja* se encontram no Pará e já deixaram de falar a língua materna. Nós, *Yudja* do Mato Grosso, temos uma população de aproximadamente 880 pessoas, distribuídas em 11 aldeias, localizadas na região do baixo Xingu, de acordo com levantamento realizado com meus alunos em fevereiro de 2022.

Eu resido na aldeia *Tuba-Tuba*, município de Marcelândia-MT. Sou professor formado na UNEMAT em “Línguas, Arte e Literatura”. Desde o ano de 2006, comecei a atuar na sala de aula na Escola Indígena *Kamadu*, aqui na comunidade da aldeia *Tuba-Tuba*, onde trabalhava com alunos do Ensino Fundamental. Atualmente, trabalho com os alunos do Ensino Médio. Durante esse tempo, venho observando a mudança da língua na comunidade e isso tem me causado uma preocupação muito grande e despertado em mim a motivação para estudar e entender melhor uma forma de fazer a manutenção da língua *Yudja*.

Hoje, com o aumento de nossa população *Yudja*, cada comunidade fala de um jeito, principalmente, as crianças e os jovens e isso tem me preocupado muito. Ressalto que a variação na língua está surgindo recentemente, pelas novas gerações, no momento em que dialogamos com outras pessoas da mesma etnia ou família, uma modificação das palavras na linguagem. E traz uma impressão de mudança da língua materna, mas não significa que está errada, mas sim está diferente da língua original e modifica a escrita da língua. Isso tem trazido uma preocupação muito grande na nossa sociedade, principalmente, na escrita e oralidade. Atualmente estamos discutindo o processo de organização de variação da língua e sua escrita. Aqui eu trago algumas informações do professor Txapina Juruna sobre o estudo da variação da língua falada nas comunidades, registradas em sua pesquisa de Mestrado, em 2023.

Para a narradora Nario Juruna, falante da língua materna *Yudja*, de 62 anos, moradora da aldeia *Tuba Tuba*, a língua não permanece a mesma em todas as aldeias ou no território onde é falada. Quem varia as palavras são os jovens e crianças. Também os pais não ensinam para as crianças ou jovens quando começam aprender a falar, quando elas e eles aprendem e pronunciam uma palavra de forma diferente, sendo a mesma palavra. Por isso, existem as variações na língua *Yudja* falada por

algumas pessoas das aldeias. Assim, pode-se ouvir, no dia a dia, classificações informais sobre os falares na língua do povo Yudja. Temos por exemplo as palavras *txihe*, *txihidji* e *txidibi*, que, embora possam ser traduzidas como “depois”, apresentam distinção semântica e de uso. *Txihe* significa ‘depois’, por exemplo, “vou depois para a praia”, já *txihidji* significa que se fará algo após um fato, como “após o almoço, vou descansar”. *Txidibi* é uma forma variante, que é usada pelos mais jovens no lugar de *txihidhi* (Juruna, 2023, p.)

Para ilustrar melhor essa mudança, trago um exemplo, do uso do vocábulo *txihidji* em língua *Yudja*, retirado da dissertação do professor Txapina Juruna:

“*Txihidji uma taetatxa*. Depois eu vou tomar o banho.”
 “*Txihidji una eta be txa*. Depois eu vou para praia.” (2023, p.)

Então, diante dessas mudanças, tenho como objetivo registrar, enquanto ainda há anciões, sabedores dos conhecimentos da língua, descrever e explicar a importância do uso da língua *Yudja* e como podemos fazer para mantê-la sempre viva. Percebemos que esse problema tem ocorrido, principalmente, por causa dos casamentos com outras etnias, dentre outros motivos. Entendemos que para uma língua continuar forte e não ser enfraquecida futuramente, é preciso trazer como debate para a comunidade a temática sobre a manutenção da língua.

Há décadas, nossa comunidade *Yudja* trabalha coletivamente para a manutenção da língua indígena, usando diferentes estratégias, na escola e fora dela. Existe grande preocupação por parte da comunidade em manter a língua forte através da língua falada (uso diário, evitando influência do português) e através do trabalho na escola. Neste tópico, apresento estratégias usadas em diferentes contextos para refletir sobre o papel da escola no processo de manutenção da língua.

Nesse sentido, a escola tem um papel fundamental no fortalecimento e manutenção da língua materna, pois com a criação da escola compreendemos profundamente a importância da escrita da língua materna, matriculamos e alfabetizamos as crianças na língua materna, conforme a proposta curricular de nossa escola. Esperamos que ela seja uma boa escola para ensinar toda ciência de linguagem da própria cultura *Yudja* para novas gerações e registrar todos os conhecimentos adquiridos. A escola trabalha com a ciência da linguagem registrando as palavras faladas pelos anciões e anciãs, para entender e compreender as diferenças entre as palavras que existem na língua materna, por exemplo, palavras masculinas e femininas. Trago aqui como exemplos: *Paku sade* (quando acordamos).

<i>_Pakane</i> (Bom dia)!	<i>Hũba, paku una</i> (sim, acordei), diferente na palavra (<i>hũba</i>)
	Palavra feminina (resposta)
<i>_Pakane</i> (Bom dia)!	<i>Hẽ, paku una</i> (sim acordei), diferente na palavra (<i>hẽ</i>)

Na língua *Yudja* têm diferenças entre palavras faladas por homens e mulheres, existem as palavras que só homem podem falar e t~em palavras que só as mulheres podem falar. Existem essas diferenças nas palavras, isso já vem desde a nossa criação. Hoje estamos estudando essas diferenças na escola com os alunos e entendendo as diferenças entre as palavras masculinas e femininas. Nesse processo de estudo, entendemos que essas palavras são exatamente para separação de gêneros. É importante registrar esses conhecimentos e deixar como material escolar para as novas gerações e dar continuidade à manutenção e fortalecimento da língua.

Em relação às palavras antigas que se encontram somente nas letras das músicas cantadas, a juventude não tem conhecimento sobre elas. Essas palavras têm seus significados que traduzem sentimentos e emoções. Essa iniciativa de registro sobre a ciência da linguagem *Yudja* é extremamente importante para manutenção e fortalecimento da nossa língua materna. Todas as palavras que existem estão sendo estudado por nós, professores e alunos (as), junto com nossos anciões, considerados verdadeiros guardiões e enciclopédias dos saberes da ciência da linguagem tradicional. Para que a nossa língua não seja extinta, esse é o melhor caminho para manter o conhecimento ou saberes tradicionais sempre vivos. Todos os nomes que existem, sejam nomes de frutas comestíveis e não comestíveis, plantas medicinais (*waapa*), pássaros e animais (*Waapa* é o nome geral para todas medicinais tradicionais que existem na floresta) é de nosso desejo registrar para estudar e praticar essas palavras.

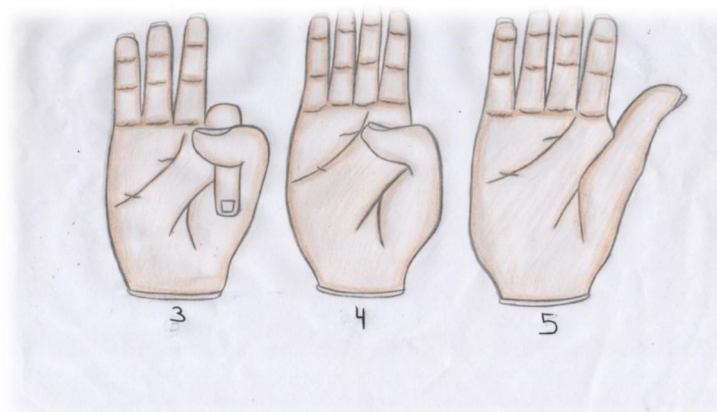
Por isso, a escola tem a função de ensinar os dois conhecimentos: as tradições *Yudja* e conhecimentos necessários para as relações de contato e os novos trabalhos voltados para a comunidade. Por meio da interculturalidade, oferecemos a oportunidade de formação no conhecimento ocidental e fortalecemos o nosso patrimônio cultural.

Nós, professores *Yudja*, temos trabalhado duramente, desde que assumimos as nossas carreiras como educadores. O nosso desejo é que todos os alunos das escolas *Yudja* entendam, compreendam e escrevam bem na língua materna, que saibam usar a escrita da língua.

Nesse processo de ensino da língua, para que os alunos saibam ler e escrever na língua, trabalhamos coletivamente. Fazemos oficina de estudo da escrita da língua, e todos os professores e alunos(as) participam para elaborar textos na língua, como por exemplo, a oficina de matemática *Yudja*, *Pa hidji udaseha da semawĩrea* (Ensino inicial de matemática

na língua *Yudja*). Nós, povo *Yudja*, temos nosso jeito de contar, como ilustra a figura abaixo, e esse conhecimento ensinamos aos nossos alunos e alunas.

Figura 8: Sistema de contagem *Yudja*



(*Mêmê* (um), *Yauda* (dosi), *Txabiü*(três), *Duwadjuse*(quatro), *Sewapaunanê* (cinco))
Desenho: Djonari Juruna, 2022

A maioria dos textos produzidos pelos alunos são todos escritos na língua *Yudja*, isso é resultado positivo de fortalecimento e de manutenção da língua *Yudja*. Hoje os alunos têm facilidade de escrever na língua materna, esperança dos pais e de toda comunidade. As expectativas do povo são de que os jovens sejam habilidosos nos conhecimentos, na escrita, na leitura, na comunicação e na política. E queremos que, cada vez mais, a nossa língua seja fortalecida pelas novas gerações e seja escrita nos livros.

A nossa expectativa, enquanto professores, é produzir materiais pedagógicos e específicos na língua materna que atendam às necessidades de nossas escolas e de todos nossos alunos. Pensamos em produzir e publicar os materiais didáticos para nossas escolas, junto com os alunos e membros das comunidades, como os anciões que são sabedores dos conhecimentos da nossa língua materna. Trabalhar coletivamente é a forma correta de fazer os materiais para escola. Uma vez publicada a produção como livro, todos acessarão e terão seus materiais nas mãos. Isso é nossa expectativa de manter a nossa língua sempre fortalecida.

O professor Yabaiwa Juruna, formado no magistério “Urucum Pedra Brilhante” e cursando graduação em UFG, no uso da palavra em reunião realizada, disse:

Eu, como professor, quero falar a todos vocês, com responsabilidade e respeito, sobre o registro de produções de materiais pedagógicos na nossa língua materna e sobre as pesquisas em andamento, realizadas por professores e alunos do ensino médio. Vamos registrar o que é de nossos conhecimentos, e produzir livros escritos na nossa língua materna, para garantir e fortalecer nossos saberes ancestrais. Vocês jovens têm que praticar o que é

nosso, cantos, danças. Os nossos conhecimentos devem ser escritos por vocês, achar o caminho melhor para registrá-los. Achar uma maneira de manter a nossa língua sempre viva, isso é uma garantia para as novas gerações, para darem continuidade à manutenção de nossa língua (Yabaiwa Juruna).

Dessa forma, os nossos anciões e anciãs estão sendo valorizados (as) pela escola e eles contribuem com seus conhecimentos adquiridos, retransmitindo para novas gerações, em forma de oficina na escola, no centro da aldeia, no plantio da roça, na pescaria, na caçada e nas outras práticas culturais, mas, tudo se resolve na escola com os professores e alunos fazendo relatos ou transcrições das histórias narradas. Então, por isso, a escola para nós é um espaço importante, é um lugar de conhecimentos e a casa de saberes. Convidamos o ancião ou anciã na escola para contar uma história, conforme o planejamento e todos alunos (as) participam do momento, fotografam, filmam, assim, após a narrativa, cada aluno faz relato escrito.

A escola já publicou alguns livros com o apoio dos parceiros: ATIX, ISA, UNIFESP, UFMG, FUNAI, RAIFORT, NCA, UNESP. Os textos são produzidos pelos próprios alunos das escolas Yudja, os livros são bilingues. Foram produzidos os seguintes livros: *Kanemaĩ' a ãhã dju a papera* (livro do Artesanato do povo Yudja), *Makaxi abiãha dju' a papera* (livro do Milho do povo Yudja), *Wãbi seha* (livro de Saúde Yudja), *Atxuã seha* (Nutrição). Assim a nossa escola está caminhando, contribuindo para as pesquisas dos próprios alunos e queremos que ela cada vez mais melhore e fortaleça essa iniciativa de produção ou publicação dos livros na língua materna Yudja.

Todos os conteúdos trabalhados na escola estão sendo voltados para a realidade do povo, traduzido e explicado na língua materna. Então, por isso, a escola é um lugar de aprendizado, de registro da cultura, é, também, um lugar para fortalecer e valorizar as músicas tradicionais. É um lugar para aprender a ter ética com nossa tradição, com as músicas sagradas, nosso trabalho, nossa língua, estudar e respeitar nosso modo de vida. Desse modo, compreendo, então que:

Primeiramente, a língua indígena deverá ser a língua de instrução oral do currículo. Chama-se de "língua de instrução" a língua utilizada na sala de aula para introduzir conceitos, dar esclarecimentos e explicações. A língua indígena será, nesse caso, a língua através da qual os professores e os alunos discutem matemática, geografia, etc. Esse tipo de procedimento permite que os alunos que têm pouco domínio do português possam aprender melhor e mais rapidamente os novos conhecimentos de fora, necessários devido ao contato com a sociedade envolvente. Mas ele traz, além disso, outras vantagens: os alunos aumentarão sua competência oral em língua indígena, pois aprenderão a utilizá-la também para falar sobre os novos conhecimentos adquiridos, em vez de terem que recorrer ao português para isso. A língua indígena ficará, assim, mais forte, pois passará a ter mais uma função importante, aquela própria do espaço escolar. Nas situações escolares onde

convivem mais de uma língua indígena, uma delas poderá ser escolhida para ser a língua de instrução, desde que todos sejam capazes de entender o que nela é dito. Em segundo lugar, a língua indígena deverá tornar-se a língua de instrução escrita predominante naquelas situações que digam respeito aos conhecimentos étnicos e científicos tradicionais ou à síntese desses com os novos conhecimentos escolares de fora. Da mesma forma que acontece com a oralidade, os alunos aumentarão sua competência escrita em língua indígena mais ainda, esse tipo de procedimento poderá contribuir para a criação e para o desenvolvimento de funções sociais da escrita nessas línguas. Como isso poderá ocorrer se houver uso intenso e extenso da língua escrita, em todos os espaços e situações possíveis, a escola é, sem dúvida, o local ideal para se desencadear e reforçar tal processo (BRASIL, p.117, 1998).

A língua materna é tão importante na sala de aula, porque ela facilita o diálogo com os alunos que não dominam bem a língua portuguesa e o professor esclarece melhor os assuntos para seus alunos. Nas perguntas, explicações e nas interpretações das linguagens, os alunos entendem mais rapidamente os pronunciamentos das letras ou das palavras. Assim também, nas outras matérias como, por exemplo, na matemática em que o professor deve ensinar oralmente as noções de espaço (dentro/fora, em cima/embaixo, longe/perto, na frente/atrás, direita/esquerda). Tudo é na oralidade ou através de desenhos, noções de dimensão (grosso/fino, alto/baixo, grande/pequeno, muito/pouco, maior/menor). Tudo isso deve ser ensinado na língua materna oralmente e na escrita. Assim também na geografia, o professor com sua turma, faz o desenho ou mapa da aldeia, o mapa pode trazer as informações para os alunos, quais são informações: roça, caminhos, aldeia, casas, rio, lagoas e igarapés. Os alunos compreendem mais rápido, através de desenhos e diálogo em língua materna. A leitura do mapa é em língua materna para os alunos compreenderem mais rapidamente. Nós ensinamos nossos alunos em duas escritas, escrita da língua materna e escrita da língua portuguesa, por exemplo: (iya/ água, aka/casa) usamos duas línguas. O conhecimento científico tradicional é repassado na oralidade na escola ou no centro da aldeia para alunos. Reconhecemos que essa é uma forma de ensinar e fortalecer o conhecimento ancestral.

É por isso que valorizamos o ensino e o uso da língua *Yudja* no espaço escolar. Em cada componente curricular, utilizamos a nossa língua materna para facilitar o entendimento da linguagem, nas explicações, escrita e na oralidade. Desde o primeiro dia de aula da criança na escola, o professor ensina a escrita da língua.

O ensino de escrita da língua materna está cada vez mais presente em qualquer disciplina ministrada pelos professores *Yudja*, tanto é que os professores traduzem os textos escritos na língua portuguesa para a língua materna *Yudja*, para os alunos compreenderem os textos com facilidade, assim também, é na oralidade. Trago exemplo breve:

Txaseha (Despedidas)

- *Txa una hae*

(Tchau, estou indo)!

- *Txihe una ezaka ebe* (Te vejo mais tarde)!

- *Txihe una edua ebe* (Te encontro depois)!

- *Abi he una edua ebe* (Te vejo por aí)!

- *Ezaka una ebe* (Te vejo então)!

O uso da língua e ensino estão presentes em qualquer momento, na sala de aula, na casa, na reunião e nos outros espaços de vivência. Usamos nossa língua frequentemente na nossa aldeia, por isso, todas as comunidades são falantes da nossa língua materna. Nossos anciões(ãs) ensinam oralmente várias informações dos conhecimentos da língua materna e nós professores ensinamos ou transmitimos para nossos alunos(as) por meio da oralidade, palestras, escrita, leitura ou produzindo textos. Os textos produzidos pelos professores e pelos alunos são escritos na língua materna, assim, queremos cada vez mais fortalecer, ensinar melhor para nossos alunos serem conhecedores da própria língua, e ter a facilidade de escrever na língua *Yudja*. Portanto, o nosso olhar e esperança é registrar os conhecimentos adquiridos por nossa ancestralidade.

Neste capítulo, mostrei como a nossa escola *Yudja* ajuda na manutenção e fortalecimento de nossa língua materna; no próximo, falarei um pouco da política linguística em nossa comunidade.

3. POLÍTICA LINGUISTICA NA COMUNIDADE YUDJA

3.1 Situação sociolinguística em nossa comunidade: a nossa língua vive

No dia a dia de nossa comunidade, não conversamos em segunda língua (língua portuguesa), pois valorizamos e fortalecemos nossa própria língua materna e usamos ela em nosso cotidiano. Em algumas comunidades e outras aldeias onde há falantes de outras línguas como *Kawaiwete*, *Ikpeng* e *Khisetjê*, as famílias ensinam seus filhos a falar nessas línguas.

A nossa realidade hoje é multiétnica, mas não deixamos de falar e escrever em nossa língua materna. Nós só usamos a língua portuguesa para conversarmos com outras etnias ou com não indígenas, nos momentos em que é necessário facilitar o nosso entendimento. O que valorizamos mesmo em nosso cotidiano é uso da língua materna. Crianças, jovens, adultos (as), anciões(ãs) falam na sala de aula, em reuniões e outros espaços livres, somente na língua *Yudja*. As crianças são ensinadas por sua família, desde seu nascimento, a praticar a língua materna.

Em nossa comunidade, as mulheres e anciãs são monolíngues, elas não falam nem praticam a língua portuguesa, já a juventude entre si, dialogam na língua materna, mas na comunicação com outros povos só conversam em língua portuguesa. A transmissão da língua materna ainda é muito forte nas comunidades do meu povo, ela é respeitada, considerada como conhecimento que alimenta nosso jeito de viver, comunicar, pensar e falar, por ela ser uma ciência que conduz nossa vida. Nós respeitamos a nossa língua materna. Ela é usada em qualquer espaço da comunidade, na casa, centro da aldeia, roça, pescaria, nos rituais, canto, dança e caçada, em qualquer prática cultural, porque é um ensino sobre os saberes da tradição. Assim funciona a nossa educação Yudja, educação está em qualquer ambiente.

3.2 As ações desenvolvidas na comunidade para manutenção e fortalecimento da língua

Nas ações desenvolvidas pela comunidade, a língua *Yudja* é priorizada como principal assunto, considerando e reconhecendo que a língua materna é a fonte de ensino da oralidade no espaço livre do povo, sem ela a nossa mente fica vazia. Com ela, a nossa mente é alimentada, na forma de pensar e nos expressarmos na oralidade.

A comunidade acompanha as atividades desenvolvidas pela escola, analisam e avaliam se o trabalho está de acordo com a realidade do povo, como por exemplo, ensino da escrita da língua pelos professores na sala de aula. Os textos que circulam na comunidade são escritos na língua materna, todas as informações, convites sobre eventos como festas, reuniões, são escritos na língua *Yudja*, principalmente, nos momento em que só os *Yudja* podem participar. Na imagem abaixo, mostro um exemplo dessa circulação de textos, um cartaz sobre a Covid 19, afixado na parede da Unidade Básica de Saúde-UBS, de nossa aldeia.

Figura 9: Aluno Tupau Juruna mostrando cartaz da Covid 19



Foto: Karin Juruna, 2023

Outros textos como, radiograma, cartazes ou áudios, também, circulam nas redes sociais, para os *Yudja* entenderem com facilidade os assuntos. Essas ações têm trazido melhores resultados para nossa comunidade, professores e alunos (as) sobre o fortalecimento da oralidade e da escrita da nossa língua *Yudja*. E, como estamos falando de ações de fortalecimento linguístico, quero contar brevemente como foi o processo de criação de nossa grafia.

3.3 O processo de estudo e criação da grafia da língua *Yudja*

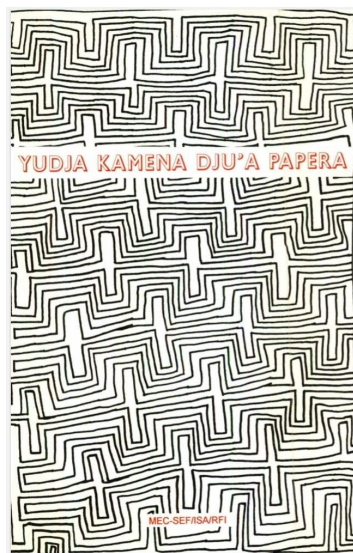
Em 1994, realizou-se o primeiro curso de formação em Magistério, “Urucum Pedra Brilhante”, para os professores indígenas no Território Indígena do Xingu, promovido pelo Instituto Socioambiental-ISA, no Diauarum. Esse curso trouxe conhecimentos importantes para ajudar a defender a cultura indígena. E também foram criadas as grafias das 16 línguas faladas no TIX, porém, no início do ensino das línguas maternas, os alunos e as comunidades não davam importância para escrita da própria língua, porque não entendiam qual poderia ser seu uso, uma vez que todas as comunidades eram falantes de línguas indígenas e não viam sentido em aprender a escrita, porque todas as demandas de escrita e leitura vinham de documentos e textos em língua portuguesa. Mas, aos poucos, perceberam que a escrita ajudava a entender a própria língua, como foi o caso das letras de músicas.

A dificuldade encontrada também era em relação à escola e à comunidade. Antes a comunidade pensava que a escola era somente do professor e que ia acabar com a cultura. Por isso, a comunidade fazia muita crítica à escola. Mas, depois de entender a importância dela,

meu povo *Yudja* decidiu criar a escola na aldeia preocupando-se com as futuras gerações. Tendo a escola na aldeia, as novas gerações poderiam estudar e aprender a escrever a língua do não indígena e, ao mesmo tempo, aprender escrever sobre sua própria cultura, como: histórias, músicas, o modo de viver, entre outros conhecimentos.

Em 1998, nós, professores *Yudja*, Karin Juruna, Yabaiwa Juruna, Tarinu Juruna e Adjilha Yudja, junto com a professora Doutora e Linguista Cristina Fargetti, discutimos muito para definição da grafia e estudo de fonética da língua *Yudja*, ou seja, o estudo dos sons da língua para entender a transmissão dos sons da fala. Para podermos escrever corretamente na língua materna, letras, palavras nasais e abertas, como por exemplo, *ã'ĩ*, *ba'ĩ*, *pa'ĩ*, *ẽ*, *ũ*, *a*, *e*, *i*, *u*, *ũtũ*, essas definições de transcrição da língua foram levadas para a comunidade ter o conhecimento e concordar com a grafia estabelecida. Depois de todos terem conhecimento da grafia, produzimos alguns materiais pedagógicos bilíngues, junto com a professora Cristina Fargetti como o livro inicial de alfabetização, livro de culinária do milho, artesanato e livro da saúde *Yudja*. Assim foi a nossa iniciativa de estudo sobre a nossa língua materna. Para ilustrar, trago a seguir, a imagem da capa do primeiro livro produzido sobre a grafia *Yudja*:

Figura 10: Capa do livro sobre grafia *Yudja*



Fonte: Karin Juruna, 2023

Mas em todo esse movimento, não podemos deixar de fora os nossos anciões e nossas anciãs, por isso, é importante saber o que esses sábios(as) dizem sobre nossa língua *Yudja*.

3.4 O que dizem os anciões sobre a língua materna

Para sabermos o que dizem os anciões *Yudja* sobre a nossa língua materna, realizamos algumas entrevistas com eles. Elas foram realizadas com anciãos da aldeia *Tuba-Tuba*, tendo como entrevistadores os alunos. Eles foram à casa de cada entrevistado, a começar pelo cacique Sadea Juruna. Usaram celular para gravar a entrevista e, após a gravação, levaram para sala de aula e transcreveram a fala do entrevistado.

Figura 11: Conversa sobre a língua *Yudja* com Sadea Juruna



Desenho: Kudayawa Juruna, 2022

1. Como nossos bisavôs faziam manutenção da língua antes da escola?

Payũ hidji papera aka ulẽ ãmiĩ be tihaũ anu, iwã xĩhã dakĩ ta, suhidji yãhã he ulẽ ãmiĩ kamena ubahu wãbi sese; imese papera aka hahi isãmiĩ se kĩ su, isãmiĩ se kĩ hi kamena da imawĩa wĩre tese sese, du'urahi kĩ bi hida ali kamena ubaha baha. De ali dju hida sekamena kĩ hidji da kamena mena, aka he, kaĩtade hida idjuse abĩ xa abĩaha da kamena mena, sabĩa da, ã da dakĩ kamena da pãpã kamena bã tade hida tese yũxixiha xiha. Wãbi kamena êdu, wãbi kamena da kamenu a'a hida de ali be, kahuna esi kamena imahua hide a'a hida tese. Kamena de hida de ali ũbaha baha, aka he, kuata adjidji, anasẽ dawai a'ipãnu duha he. Suhi da se ãmiĩ sekamena dju pãyũ wĩ su, yũkaukaru hida idju alu si maxi idju au yãhã ha te wĩ su. Suduhade hi se'urai, se' ãmiĩ kĩ seme papera aka ha ã seme papera ha anu, si subi ubahu yãhã há.

Essa versão em português é da fala do cacique Sadea Juruna, escrito pelos alunos na língua materna.

Há muito tempo atrás, não tinha escola para nossos bisavôs nem escrita, mas com sabedoria e conhecimento aprendiam bem a língua, os tataravôs eram escolas deles, eram eles que ensinavam e formavam como falantes da língua materna. Eram os pais que ensinavam seus filhos. Naquela época, não existiam outras linguagens, era uma única língua. Para não sair do sentido, eles tinham que ter esse cuidado de ensinar bem as crianças, orientando para falar bem a sua língua materna e para não inventar e/ou modificar a língua. Ensinavam as palavras que respeitam as lideranças da comunidade, as palavras eram corrigidas oralmente. Por que isso? Porque futuramente pode ter o risco de ter a mudança, podemos perder a verdadeira língua. Prestem bem atenção às falas, nas palavras, elas têm canais, então, por isso, não podemos brincar com nossa língua quando ela sai do canal não tem a volta. Então, por isso, nossos bisavôs não paravam de orientar as crianças naquela época. Eles eram considerados como escola, livros ou dicionários. As reuniões para discutir os cuidados da língua eram realizadas no centro da aldeia, com a participação de todo mundo; anciões, jovens, crianças, adultos, pajé, raizeiros, etc. Então, assim, acontecia a manutenção da língua Yudja.

Os alunos também entrevistaram o historiador Tarinu Juruna. Eles foram à casa dele coletar as informações sobre a segunda pergunta. Para isso, usaram aparelho celular para a gravação de entrevista. Quando terminaram de gravar, voltaram para a escola e transcreveram as informações sobre as estratégias. A imagem que trago, a seguir, é a ilustração de um dos momentos da entrevista, ilustração esta feita pelos próprios alunos.

Figura 12: Conversa com o historiador Tarinu Juruna



Desenho: Areaki Juruna, 2022

Alu si maxi sekamena de kamenu alu, papera aka he.

Maxi si papera aka dju au alu ã dakĩ papera wãxiãhai, sedju sekamena ã'ã ha, da semawĩrea há, iwãxiha da; maxi si sekamena wãxiãhã da kuperia ide sekamena kudamaũ seha há, sekamena karika si, iwãxihã dasi mawĩrea, papera desi ikarika te, sutade papera du maseha mã. Se ali dju si sutaha xa, tese si wãbi imaka yubi ubaha bãaha susi dube tade sekamena du pãyũ aha masehama se ali be, se mitãmaĩ be, awae si xaũ taha xa, awae da yũpakua kuha hinakada te, masehaũ yãhã ha, awae da ewae da si ikarikaũ taha karika bitu papera de.

Essa versão em português é da segunda pergunta sobre as estratégias, traduzida pelos alunos. Vejamos o que nos diz o senhor Tarinu Juruna:

Hoje em dia, temos nossa escola na comunidade, e os professores que nós ensinamos a ler e escrever são nossos orientadores, nossos guias. As estratégias que utilizamos para a manutenção da nossa língua no tempo atual são produções de textos na língua com os alunos na sala de aula e na comunidade. Estudamos e aprendemos a escrita da nossa língua, trabalhamos com as produções dos textos, publicação de livros didáticos. Se produzirmos e publicarmos livros didáticos, não terá o risco de perder; isso temos que fazer para nossos filhos terem acesso com facilidade. Tendo esses materiais nas escolas de

todas aldeias Yudja facilitaria para os professores trabalharem nas salas de aula. Isso é uma garantia de língua e manutenção de língua.

Figura 13: Ensino de língua materna



Desenho: Karamina Juruna, 2022

A escrita abaixo, em língua materna, é da terceira pergunta do (Grupo 3) sugestões dos alunos da proposta 3, foram respondidas as perguntas pelos alunos sobre como podemos continuar trabalhando em conjunto (na escola e fora dela) para a manutenção da língua.

Maxi si kamena mamaku seha ubahu alu ĩ si awae wābi hidji sebe imakate, iwāxihã da kamenu seha ubaha si, ĩ si dakĩ sawa be iwāxi wāxi seha he adada seha ubaha, papera ã'ã tahai be, setxu'ai be. Sutaha ã'ã si se ali dju papera aka he, sutade sekamena du masehama. Awae si sekamena mākā ikibe hidji.

Sekamana du ide wāriũ yāhã há si sabiaha wāxi wāxi, sede si papera ã'ã; ka'a de, kania de, pitxade, mikata de, sekaria de, sabiã de, sawari de, ĩ dakĩ ipa'i taha ta; anaibĩa, kuadi, madika. Sutaha abiãha abiã si iwāxihã da. Sutaha sekamena yũmĩximã hã ha anu.

Essa versão em português é da tradução da proposta 3, do grupo (3) escrita em língua materna.

Hoje em dia sabemos escrever a escrita da nossa língua, vamos cada vez mais conhecendo e aprofundando essa prática de escrita, saber escrever, ler escrita da nossa língua, escrever carta de amigos na língua, mandar carta escrito na língua para outros alunos da escola, escrever convite na língua materna para outra comunidade. Para

manutenção da língua é preciso trabalhar com produções de texto na língua materna ou trabalhar nos registros das histórias infantis, história do próprio povo, como tais; sobre história do surgimento do povo, história das flautas, história do surgimento dos produtos da roça, história do rio, histórias dos animais, dos peixes, história da lua, do sol, das estrelas. Essas são principais fontes que podemos fazer para manutenção da nossa língua materna ficar sempre fortalecidas. A língua tem que ser pesquisada na comunidade e também nas outras comunidades tanto na escola e fora dela. Vamos pesquisar nossos anciões, eles são nossa biblioteca, livros e nossos dicionários, eles são fontes das sabedorias e dos conhecimentos. Trabalhar com a produção de textos e publicar em livros didáticos, para utilizamos na escola com nossas crianças. Fazendo isso não teria o risco de se perder, isso é um fortalecimento da língua e garantida para o futuro geração.

Após conhecer os entrevistados Yudja e o olhar de cada um sobre a nossa língua materna, passarei ao capítulo 4, dos sabores aos saberes pedagógicos na escola.

4. DOS SABORES AOS SABERES PEDAGÓGICOS NA ESCOLA

4.1 Do percurso pedagógico ao produto educacional

Iniciei a minha pesquisa sobre os peixes, fazendo a reunião com a comunidade no centro da aldeia, com a participação de todos alunos, isso aconteceu no mês de agosto de 2022, conforme imagem abaixo.

Figura 14: reunião com alunos e comunidade



Foto: Karin Juruna, 2022

Nesse momento, expliquei que a pesquisa era sobre o registro de peixes, tipos e os nomes. Falei que não são todos os peixes que comemos e também há regras e cuidados com as crianças depois do parto. Expliquei que as informações que iríamos registrar (a escrita) era toda na língua materna. Orientei, também, que a pessoa ou quem for pescar, por favor, não esquecer de fotografar os peixes, porque isso iria ser trabalhado na sala de aula. Os anciões e as anciãs vão nos ensinar, então, passei para o conhecimento deles um pequeno roteiro para seguir:

- Fotografia do peixe
- Nome de peixe
- Onde vive
- O que come
- Regras e cuidados com as crianças depois parto

Essa foi a primeira atividade que eu fiz com a comunidade sobre minha pesquisa, foi muito importante a participação e contribuição de cada pessoa que apoiou e deu importância a minha pesquisa.

Eu compreendo que trabalhar o ensino com pesquisa possibilita aos alunos se aproximar mais dos saberes tradicionais, pois desperta a curiosidade, porque ao invés de só reproduzir conhecimento, eles podem opinar, se posicionar diante das situações, descobrir aquilo que não se conhece, perceber os saberes adormecidos, a partir do olhar de cada um. Por meio da pesquisa, podemos guardar os nossos conhecimentos ancestrais em forma de registro escrito, além dos novos conhecimentos que vão se ressignificando, novos conhecimentos que adentram em nossas casas, em nossas comunidades, em nossas escolas.

Aqui acho importante trazer o que o grande educador Paulo Freire diz sobre isso:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2013, p.16)

A partir do que diz Paulo Freire, compreendo que a pesquisa que desenvolvemos no contexto escolar em diálogo com a comunidade, junto com os anciões, alunos e demais professores é a pesquisa como princípio educativo (Freire, 2013), pois os participantes desse processo podem agir e pensar com liberdade, refletir sobre aquilo que pesquisa, as coisas que descobrem. No caso de nosso trabalho, a pesquisa como princípio educativo permitiu aos nossos alunos descobrir mais sobre os peixes, enfim, sobre os nossos saberes ancestrais, em diálogo com nossos anciões, em convívio com a natureza, com nossos rios, praticando a pesca, nossa língua materna, nossos rituais.

Sobre a pesquisa como princípio educativo Paulo Freire explica que:

Toda a docência implica pesquisa e toda pesquisa verdadeira implica docência. Não há docência verdadeira em cujo processo não se encontre a pesquisa como pergunta, como indagação, curiosidade, criatividade, assim como não há pesquisa cujo andamento necessariamente não se aprenda porque se conhece e não se ensina porque se conhece e não se ensina porque se aprende (FREIRE, 1992, p. 192-193).

E seguindo esse percurso, com mergulho nas águas do rio, no mês de setembro de 2022, eu fiz a segunda atividade com o cacique Sadea Juruna e sua esposa Nario Juruna, com a participação de alguns alunos para fotografar, gravar e filmar sobre o mito *Yudja*,

surgimento da humanidade, libertação do rio e do peixe. As perguntas foram: Como surgiu o povo Yudja? Como libertaram o rio? Como surgiram os peixes? Então ele e esposa contaram o mito. A gravação durou 5 horas, e quando terminou, nós levamos para sala de aula e trabalhamos a transcrição junto com outros alunos. Foi muito importante a participação dos alunos, porque eles queriam ouvir o mito e também contribuíram muito para a escrita da língua materna. É uma longa narrativa, mas achamos importante registrar ela aqui. O meu vô cacique Sadea Juruna contribuindo para a minha pesquisa contando o mito.

Figura 15: Cacique Sadea Juruna e alunos e alunas registrando o mito



Fonte: Karin Juruna, 2023

Wahu seha (Surgimento da humanidade)

Selã ã - Deus

Duda - Selã ã ila!

Duda hi apĩ ha su, apĩ urahu yãhã ha hi su... se'ãmise, ania kĩ hi dubia ha su, idja ha... ipa'i hi apĩ su, baetataka txa de. Ania kĩ hi izaku te su, txi kĩ hi idju kamenu sese, kamenu dade hi kururu hinaka naka, sutade hi ania kĩ ědu tesu... hẽ! batakũ hi hae! Ĩ tee abi xiakua mama ali akĩrĩ duha he tee ikua, tade hi, "kuĩ" a'ũ hinaku te ĩ bitu tee akuata kua ta, dakĩ a'ũ hinaku te ta. Ĩ dakĩ kururu ta, sutade hi hae! "Hẽ Etxuku hi, iya a hi hae"! Ĩ tee iya awa, awi dade dakĩ kururu ta... "hẽ ila'i hi." A i ania idju su, txi kĩ hi izaku te su.

E' ãmĩ semawahu yãyã. Araya hi Duda yabika meme yãhã ha su, txi baetataka kĩ txadeyã yabika ha... urahu hi yabika, urahu dade hi dania ha imawahu, ita hi te su, dania ha. Txi he hi labĩa pĩku, ania hi karuku txa, anumeta wĩ tade hi uhu txa dade ikaruka epĩa upĩ yãhã du, sudade hi hae!

- Uh, ata a i baa! A hi.

Sudade hi pe kutakuta, makãu hi dania dju su, suhinaku dula pikaha maku, aumeta duba txa tade hi ali yubi txa.

- Baba, baba! A hi yubi txa.

Sutade hi aumeta yube e' u dade iwade ali ita txa. Su hinaku dulapĩka papa ha maku ã dakĩ suhinaku hi dakĩ ide txi' ã maku ta, adjidjase. Makãu hi dania dju su, adĩma hinaku hi karuka kĩ he de' ali mamaku su. Izase ha hi idjase urubi djumaku, urubi dju hi, naa kania dũbia há tade. Txi de hi abĩaka dania ipiyãu su, suyãhã de ali sãtade ayade ãtxĩni txĩnikĩ urubi ne. Ubahu hi itupa tesu, sudade hi hae abĩdai "yauda hinaku we ali ha nu, amĩ izase kania me ha anu!" De ali apĩlãu txi izase de.

Sudade hi idjase be hae:

- Txitxi ane ube hae?

- Hẽ, alune kade kane una ebe pãpã hae hiã hide.

Pãpã hi dapĩaka makakayu su. Dahi ubahu tesu, su izase zuzide yãhã, txi izase de hi ipĩlãu tese su. ĩda ali urarahu, txabiũ hida su, yapĩka paapa hi Pubata, ide txĩ ã Payãrẽma ĩ izase Urubiata. Su ãmase dade hi aka sabe yãhã kĩ he idjuse su, suyãhã de hida ali sabe su txi dїzase de. Sutade hi itupase dakĩ sabe dania yusu aka nana he.

Ania papa suhu de ali au yãhã he lahua su, kua be hi txa, txi dibi kĩ hi wĩũ anumeta aka be, apĩaka hi tesu, abi axiakua mãmã da hi abaku tesu... urarahu dade hida i' ali aka te dutxase kaa, dahi itupase tese abĩũ su, duda urarahu dade ubaha teba ahinaku hi su. Sehu hi ania nana yu' i au su, sabe hi txi dania djusu aka nana he, txi dulapĩka izase de.

Urarahu ida ali, pararahu hida su, suduhade hida puduku txa, dutaha ha ka hida txa... ĩda ka' a upa apipi sutade hi ka' a upa uxixi ha ala karakara ĩ hida iwã duhahe idjutxa dade ape' a peda peda he, ape' a pedu duha he hida atxua txuha txuha he axi amukuha he ĩda ixi' ixi te. Kaĩtade hida txa puduku ta, adiũ hida daka dibi puduku txa, sudade hida dakĩ ka' a upa apipi ta, tade hi ka' a upa ala karara, tĩ'tĩ'tĩ, uxixi ha. Atxĩbĩ adikãu dade hida txa idju ta ĩda ape' apedu duha ha he atxua' txuhu duha he ixi te ta.

Ĩda dakĩ patehidji txa ta dutaha ha txi pe ide txatxa duha be. ĩda dakĩ apipi te ta, panahu hida aupa api, dapi bĩa tade hi tarukawa urahĩhĩ ha maku, dapi bĩa tade hi e' e!

- Asaa! Ahi ala kara.

Biditu kara duha txabupahĩ yāhā he hi idjuse kamenu.

- *Apa a una esebe yāhā de hiane wapipi ube anu ahi tese, “una ne una esi anu yāhā ha ese txase abaku?” ahi tese, amĩ esizase de hi asupase abi ixiakua māmā da ese txase ixi anu baa! A hi tese. Sutadei una naĩma ese txase abaku anu, ahi tese.*

- *Asetxase hi ěkia mahi baa, ěma de hi asupase abi ixiakua māmā da abaku te anu daa! A hi tese.*

Pae dube tade hida aumeta txa, aumeta txa dade hi izase txa dupaa be, baba edju na kamenu wĩ hae a hi te!

- *Baa! Alune kaĩ a hi te!*

- *Ka’ a upa apipi kara dade udi panahu, ka’ a upa urahu yāhā api, sutade e’ e, asaa, a e’ e, tarukawa arahĩhĩ ha ala kara!*

- *Apade esebe?*

- *Una ne una esi anu yāhā ese txase abaku? Abi ixiakua māmā hi ese txase abaku anu baa, txi abaku he anu, esetxase hi ěkia mahĩ baa, suyāhā de ixi te anu, alube.*

- *Ese hi txi ne mahĩ ka’ a upa apipi ũbaa a hi tese!*

- *Adji panahu kaneana ebe hae.*

Idju kanu duha he hi aumeta txa, daitxabĩ be, ĩda te ědu! Apade ebe?

- *Abi hi udja ixi anu! Abi ixiakua māmā esetxa ixi anu a ube.*

- *Ědane abi be au yāhā be tee?*

- *Ědu nate! Kahuede txi abi au su, a’ i desu ana te!*

- *Ubahāu si tee a, au di abĩ he anu taa, a ube!*

Pĩ ubahāu yāhā ne hi su, pāpā hi hae su, ubahu hide duhahe.

- *Ubahāu si tee, isi hi txi kĩ ha ne mahĩ ka’ a upa apipi baa! Alu panahu abĩxa esebe ekua dualu, izakahidji... Abi esee xi’ ixi esebe, txamaku ikatee! A hi tee.*

Idju kamenu duha he hi izase anumeta wĩ daitxabĩ be, ĩda te ědu; apade ebe? A hida te.

Ubahāu si te a hinaku ube, audi abĩ he anuta a ube!

- *Izaka si te, si iya he si izaka he!*

Txa hida daka be ĩ hida iya iya kabĩta he. Tĩhāu hi kamadiĩ su, kapube kĩ hida iya iya su daka he. Ĩ hida pe papaka a duha he hida papaku, sudade hi i’urahase dizase be ědu tee:

- *Paěde? Kahuabe ane izaku tee? A hi tee ědu?*

- *Yakahua be a hi tee!*

- *Kahue hi anu baa! A hi tee.*

Idjuse kamenu duha he hi tese hae!

- Txa ana supase dju kamenu hae! Ahi tese.

Pae hinakāu hi txa dupa be!- ĩ te hae:

- Ena ube abĩũ hide yāhā he na izaku tee, yakahue hi anu baa, txa na yube hae, udja imĩanu na txa hae, adikamana abi be!- ahi tee.

Sutade hi itupa te hae:

- Āhai, txamaku, abi da ese xi'ixia esebeĩ!- ahi tee.

Idju kamenu duha he hi anumeta wĩ dai txabũ be, ĩda te ědu:

_ Apade ebe kaĩ?

_ Txamaku abi be a ube, abi da ese xi'ixiaĩ a ube!

Sutade hida aitxabũ te hae:

_ Pāpā hae, txa si yube!

Īda dupakĩrĩ ha karikarika, dupakĩrĩ karikaha masehu tade hida txa, be izaku duha be, ibuhu hida ě'ě txa, atahi au, kamenu...ĩ idu tese, idese elu.

_ Esi hiane wĩ? Kahuhiane txa hae?

_ Puduku udi kara hae, awae kĩ udi esube wĩ hae!

_ Ah, sude kaĩ, wābi sa!

Etxuku hi abi au su, ĩda dube kĩ hida izaku te au su, sutade hi ana ali e'ee mamiā dade.

Sutade hi izase anabe ědu te:

_ Alune de hae?

_ Tĩhāu kaĩ; mamiā hi hae hide.

Awae kĩ hi ali ena ' ena! Sutade hi te ědu:

_ Alune de anu kaĩ? - ahi tee.

_ Mami anu. Ahi abi tee.

_ Huā! Sude anu kaĩ? - alune de sudu ha he alu hinaku mami, meũ alu yāhā anu. Alaũ si mami anana, meũ anu. Amĩne udi pahidji, sutade ulupase aluxibia unĩnaku alu, sutade maxi wābi alu.

Sutade hi abi te ědu:

_ Alune te kaĩ?

_ Epa akuata da unĩnaku te anu! Ulude txi duha he unaka naka he, sutade ti wābi anu!

Etxuka txuka udi ĩ udi mami mami, su wābi anu, esi sutade dakĩ wābia. Txi dibi hi pāpā mǎu ibube iwadi, sutade hi imizaku mami txa, sutade hi te hae:

_ Alu si mami anana, aluseha txi wābi anu, esi atade udi dakĩā esebe ta, sutade esi wābi a ta.

Pae dube tade hi abi i uraha be ate:

_ Xuhi dakī ulube teīta! – xa udi te.

Idjuse hida dume epabe, ixini xini hi imese epa su, da ixibiase unīnaka bīa ha. Pa hida tese abī, ya ’ i tade da txapapaka ahida abi be. Wī hi ana pa, īda “taī” abide txii, “para” ahi da ixibia unaku epa da.

_ Maxi hi wābi ba, wābi hinaku esi maxi mamiā.

Sutade hi ana wī ta, dakī hida te ta, ede txi duha he hida epa ixibia unaku ta; sutade hi pīdītu ta. Wī hiana ta, īda dakī he ta, ide txi duha he hida dakī ixibia unaku ta, ī dakī pīdītu ta. Suhida abi adikāu anasē.

Sehu hida itxībi adikāu te, alu hi araxidi xidi txa, ti kuadī pe abī yāhā be hi kara hinaku, sutade hi panahu ubahu te, papana txapakāu tade, sudade hi alusē hinaku abī xutaha wāna wāna ka ’ a be. Ubahu panahu te.

_ Sadikāu ka sebe anuhitani!

Wāna dade hi de ali iwiwa, īda ipīdīdiku te de amī utaha ha... īda wāwa waku ē ’ ũ be, akīrikīri duha he hida, hukā ’ ē yāhā a ’ ũ duha he yūkā ’ ē te aka kālī kī, kā ’ ē txa tade hida txayāhā yāhā pe imīnu duha ha. Xī hi txatxa hī. Uhu tade hida hae:

_ Txa sī!

Ī i urahase dume mīnu, ide txi ā dume mīnu, sutade hi izase dume mīnu hide, yauda kī hi imananiū te, peū hi te; sutade hida atxabīi tehae:

_ Ena anu yāhā de supase sedju meū anu kara. - ahi da te.

Īda asute, sutade hi imīnu dume be, bituhu mīnu. Imīnu dade hida wana, wī hida; anumeta wīdade hida pīza he pārē da wī, uruku wīasē... pīza e ’ a wī ī pārē e ’ a wīa...

Pīreu-xīxī, pubata pārē iwaka

Tdū’tdū de u’a pārē wāxī’wāxī ba,

pārē wāxī’wāxī ba de,

u’a pārē wāxī’wāxī ba de,

u’a pārē wāxī’wāxī ba de... de, de dee...

pārē wāxī’wāxī ba,

pārē wāxī’wāxī ba de,

u’a pārē wāxī’wāxī ba de... de, de dee... de, de dee...

Pireu-xĩxĩ, payārẽma pārẽ iwaka

Tdũ' tdũ de u'a dju, karia na wĩĩ, karia na wĩĩ, karia wĩĩ...
 u'a dju, karia na wĩĩ, karia na wĩĩ...
 u'a dju, karia na wĩĩ... de, de dee...
 karia na wĩĩ, karia na wĩĩ...
 u'a dju, karia na wĩĩ... de, de dee...

Pireu-xĩxĩ, urubiata pārẽ iwaka

Tdũ' tdũ de, unikapa yãã wabara' bara, wabara' bara de,
 unikapa yãã wabara' bara, wabara' bara de,
 unikapa yãã wabara' bara, wabara' bara de... de, de, dee...

Pae hida txayũ txa, sutade hi idjase ha êdu tese, sudade hi dabiaka be hae:

_ Atae pida ali wĩ yãta! Ahi dapiaka be.

_ Huã! Paeti na ebe ha eauda anu.

Wiasẽ hi izase dupa be txa ã tehae:

_ Wĩ udi, imianu udi ulutxase be!- ena ube abiũ hide yãhã he na txa yube ã na imianu utxa be.

_ Uh! Txa hiane ne ta?

_ Ena ube abiũ hide yãhã he na txa yube ã na imianu utxa be.

_ Abi esse xi ixia esebe.

_ Wexãu abi ube, unamĩtxã utxa imianu.

_ Maxi esi hukã ã yãha a ua, abi atxa itxade mĩnu yãhã.

Dube hae tade hida hukã 'ẽ yãhã a 'u. Ì idjase hukã ' ã yãhã txade ã ' ã he; idjase nana hi txi, wãbi hit xi idjase su. Abi da ixu duha he hit xi ita su... imĩnu idjase axi tax he.

Sudade hi hae:

_ Hu'u!- ati subi ixu seha ha tĩhãu... au ti aparũ wĩ he hide, asa mikãrĩ ha, ti wabeha na subi ixabiãha? Ahi dapiaka be.

_ Wabehe hi teĩta, ede edjuka bã ha. Ahi daniã be.

Txa hi hunama itaĩta, ahi tese, pae dube tade hida txa itahe! Idju wĩ bã tade hi aniã te hae:

_ Ati hunama itxade maku yãhã ha aĩkua tĩhãu! Ahi aniã te.

— *Au hi anu ba! - ahi itupase. Abi dai ki da aikua hai.*

Pae dube tade hida sube elu!

Ī aikua ha iminu tese, yube paku hi iminu tese ĩ hunama ita duha he itxadese imaku te, wabia da axi aminu, hunama akuhu tade hi pe asa ūmā ameku; pe aru ihunu te, ahi daniā be. Kuadi piri txa tade hi awabehu yāhā masehu, izase hi txatxa yubeū he hide, sutade hida ide kūrītika tika, ahida aitxabii itxusu, ati ahida te.

— *Uhu! - ahi dapiaka be.*

— *Pe'aru hunama yabiku! – pada taetaeta txa! ahi daniā be.*

Sutade hida dube hae tade yabiku te.

— *Aū! - āma esi, taetaeta txa.*

Dube paetade hida aū; aū ihida akīda hida txatxa, axi kīha, īda txa iya be.

Iya be txa dade hi i'urase pae:

— *Ala Pubata be hide ta! -pāpā maku dade txuxia hide! Ī iya be tahu: sīī... ahi iya he ala txa, īhi ūtxūtxū... ūtxūtxū hi kara.*

Ide ti'ā hi adjidjiase tahu ta, dakī hi paeta:

— *Ala Payārēma be hide ta! -pāpā maku dade txuxia hide! Ī iya be tahu: sīī... ahi iya he ala txa, īhi, ūtxūtxū... ūtxūtxū hi kara.*

Xibia ahi izase tahu:

— *Ala Urubiata be hide ta! – txuxiū Urubiata anu! Ī iya be tahu: sīī... ahi iya he ala txa, īhi, ūtxūtxū... ūtxūtxū hi kara.*

Arutxa'rutxa hi maku, sutade hida asu te, sutade hi wābi maku.

Sutade hida te hae:

— *Txitxi ka ena pāpā maku anu hītani? - ahida aitxabii te! Pāpā maka hade di ena anu kara nuta! ahida te. Iya dibi ē'ē dade hida awi hida txatxa, ikiaha hida txatxa, dusa lūpānu tade. Sutade hi itupase daniā be hae:*

— *Taetaeta duha he wī biā tade imetxuku tese! - ahi daniā be.*

Wūi dibi wiasē hi izase txa dupa be, aka he hi au, ti kī hi txasu.

Ī dupa be hae:

— *Txuxiū na! - ena ube txuxia ene, a ena ube yāhā he na txuxiū!*

— *Wābi esi anu! - ahi itupa te.*

Ī daniā be hae:

— *Tese iyāhāse apā 'apāyū.*

Pae dube tade hi idjase tese iyāhāse apā'apāyū.

Iyãhãse hi batataku, awiia ha duhade, tiki hahi iyãhãse su, idjubia. Ì idjase ha, aĩbata dju sã, aĩbata ipakuha dju, awã ayã hi ãta da bababata, suse hi iyãhãse su. ã tese apã ' apãyũ... ãda aĩbata ipakuha hese.

_ Imetxuku tese, etxukada!- ahi daniã be.

Sutade hi, pae dube tade, imetxuku tese, abi wãza da, asa mikãrĩ bi, ã da etxuku.

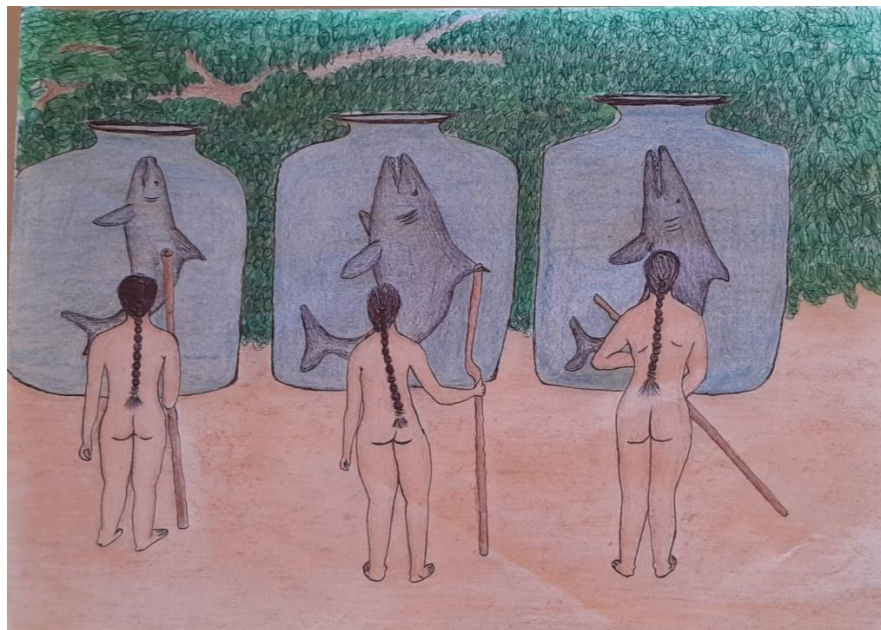
Etxukabã tade hi tese hae:

_ Alumã esi hide, asedjase hi êkiamahĩ baa! Suduhada abi mixu anu, suyãhã de esi idjaũ anu. maxi esi txama abi pe yãhã be, abi esexi ixia esebe hide, pekiã esi!- ahi tese.

Pae dube tade hida peki aka ki he, pudukaũ hida ta.

Iya abãaha

Figura 16: A libertação do rio



Desenho: Tamakade Juruna, 2023

Payũ hi iya tihaũ, anĩ maxi duha ne, au hi su hide da hi duyãhã ki he su, txabiũ hi iyãhã, arahu hi su, atĩdaru hi, suyaha de hi iya pe bãta bãta kara yahã iki be. Da hi idju'a au, kania ha hi su. Aberi hi idju'a hã su, izaka hã, suduha de hi isae se ha su, anasẽ kania isae ha. Suyãhã de hi e'ãmĩ ali iya a'a te se'se, txidai ki paa dubia ha dade, au hida abi ne hinaku paa imawahu taha su hide, suduha de hi da êdu te su. Duyãhã he hi iya mĩsasa su. Txa biũ hi, idese ki. E'ãmĩ ali txabã hinaku yãhã nee.

Aberi hi iya dju a ha su

Figura 17: Juriti, a dona da água



Desenho Kudayawa Juruna, 2023

Paa hi abahaũ tese, panahu hi ukahaũ dube a'a bĩa tade, tesse hae.

_ Wĩ alu hia txi kĩ ha ube iya a'a ma hĩ, panahu ka esi ube abahuĩ! A hi iza se be.

Pae dube tade hi e'a, sudade hi txa dupa be, sudade hi te hae.

_ Apane ?

_ Ati a'ai ube iya de ta'ihũ! a hi dupa be.

Dube iya a txa kade a'ai ube hae, txi kĩ ha, esi ube iya a'a mahĩ a a'ai ube a hi, sudade hi dupa be hae. Alunea dane si anu a'ai iya de ta'ihũ yãhã he, iya be hide a hi, tade hi itupa te hae!

_ Duzide ti ana'ini anu, awiwi seha ha.

Sutade hi hae!

_ Panea dane a'ai ba apidu sade hide, sutade si anasẽ temahaũ awiwia te hide.

Sutade hi itupa te hae!

_ ã'hai ada pa'ĩ sewãã sebe takai, pa'ĩ pe anu! A hi itupa te.

_ Ada tĩhamai! A hi dupa be.

Tade hi aitxabĩĩ ědu te au. Suyãhã he hi txa daitxabĩĩ be, tade hi da te ědu! Paede!

_ Awia ne iya be? A hi da te!

Te hae yāhā ēdu duha de hi, da te ēdu su!

_ Apa de supase ebe kaĩ? A hi da te!

Sutade hi daitxabii be abĩ te! “Pana’ini” a ube! sutade hida te hae, “sude kaĩ” a hida eeda hinaku te. Apida hanu si a’ai ba iya be hide a una tee a hi tese, sutade ube hae, “pa’i esewā ese be hide a ube”, pāpā ka hai a hi aitxa bii te, txa da si yubei a hi da, paesē hi da wana. Sudade hida du pakĩri (dumakutxu) karikarika txa, pakĩri xĩxĩ hi pupuha iwataha taha ha, daa idji daidaku duha ha hida ika rika rika te su.

Kuadi hi txikaũ su, suyāhā de hi kamadi ti haũ su, sutade hi iya mĩssa su, idibi hi anĩ abaha ne ikarakarahu su. Suyaha de hi iya tahu dade yubi wĩa hinaku anu. Sutade hi da txa yube, da hi itupase izaka hinaku tese, pazaũ hi bitu tese, dai hi da dakĩ ine duhade ede txatxaku su. Txi, dai txabiše be de’ae iya de ta’ihũ yāhāde hida yube txa su. Sudade hida diza be hae, paekadea patene apidu teĩta a hi da te. Pitxamabĩa hi pe, tee Yudja a bĩa, warapiwa a hi ila hidji. Anĩ iya bi wĩ yāhā de hida te yudja a hae, iya iwaa ha yāhā de. Txi dibi hi si pĩ ela ita hae, dakĩ iya lapidu tade izaku i yubi wĩ a sehade hi si hae, yudja ha udi alu, iya bi wĩ yāhā ha udi alu, iya wĩ’i, wariaha he sehade.

Sutade hi da yube txa dade da paa su, izase mĩ txā hi daa pa hide, ai txabii hida yube txa dade dume asusu duhade pate api apida ne te, sutade hi izase kĩ dume dju maku, sutade hi da te asu, sutade hi apidu te. Api apidu dade hi da pĩri pĩrika dade te asu, sutade hi izase dume apidu i pĩrika hide, i xihu pa’i ikaxebe e’u txa. Sutade hi iya lapidu dade erere.

Sutade hi itupase ēdu dade hae!

_ Oh! Txa hĩ ka ěmaeĩ iya be taĩ! A hi, iya dube erere txa tade.

Sutade hi idjase ha te hae, ena tese hae mahĩ a hi te, tade hi hae.

_ Txi dai ti yube txa anu! Una’ne ada tese anu! Īwāāka iya adaka tese hae hi tãĩ! A hi.

Sutade hi iya tahu tade, pa’i txi izase ita dade awae kĩ iya bi idju tahu. Sutade hida dilase ita a dade, iya yakĩ’a kĩri. Sudade hi da ehu ha mamaku anu, da kuaha mamaka bĩa hi, anĩ te kuaha ipĩu i arapupa ipĩu ta, imĩnu txa du ha he hida iya duwa txuka hinaku tade asu’ su te hide, da hi kara hidji itxade, daraku hi te, sutaha hi kuaha ha xa hinaku anana, na imĩna bĩa tade watxuka se hinaka naka taha. Su hida yākĩa kĩri te txa. Sutade hi abĩ kuaha mamaku wĩ anu.

Su hida idju wĩ, anĩ pee dubĩdaha iwa txa duha be. Ana’ini hida dakĩ imĩnu te hide, da hi watxuka hinaku tese ta, sutade hida hae maxi si kahu mĩtxa txa a hi da. Sutade hi izase pa’i ikaxibe ikĩ abaru txa su, da hi pa’i da kulā’aũ su, su hinaku hi idju txa su. Sutade hi da kahu adĩma mĩ djā txa, anĩ dubĩdaha pee yaha dibi, kahu pĩaya mĩdja ha txa su, yakurewĩ ha hida

da txa su. Suduha de hida txabuhu iminu te, ehu urahihi ha, iminu hida te, sudade hi da hae maxi da wābiai a hi da, iminu txa bīa masehu txa yāhā he hi erere txa, sutade hi da asu te, tade hi kuaha ha maku, txi txade hida dizase ita'a su. Sudade hi i'urahase te edu!

_ Maha dane? A hi te.

Tade hi hae!

_ Una há!

Tade hi te hae!

_ Una há! A hi te.

Sudade hi udjahu la susu.

Ati a hi iza te, yukaru tee!

- Ba! Yūkara na te! A hi.

Iya taba ha hi pa'i idju puduru txa, txi dakiri ha de iya dula txa tade hi pa'i yubi idju dula txa, tade hi itxade pirika duha he ikaxibia dibi iyu te, suduha he idju pirika dade iya asu, sutade hi iya dju tahu dade kuaha upiide, tade hida yubi asu te... ani iya urahihi ha, awae da petakaa... Suyaha de hi iya awae yābe'e anu.

Txi hidji hi da dizase ita dade pakuha akiri kiri i ipide iminu duha he hi da itxade imaku te, txi hidji hida apeta ka... akiri kiri hida te, bitihu hi da apeta ka, abi apeta pe au taha he hida iwāwā te. Kapa ha hi da maku (minu) pitxa dedea ha. Suyaha de hi ani pitxa dedea e'amī ha anu... iwāwā duha masehu tade hida asu te... sutade hi aū, sudade hi tese hae!

_ Alūneā ne una? a hi tese!

Sutade hi da te hae, alūneā una a maku! A hida te.

_ Ena anu yāhā de supase saū sebe kara anu. Txixti dēi ena pāpā maku ta... a hi da te.

Lūpā txitxi hi kara, sutade hi da asusu te, da susu bīa tade hi wāriū maku. Sutade hi da idju txa. Ibila hidji iwa hida, apeta ilaū duha ki dju hida txa. sutade hi iya tahu dade, iya urahihi ha maku, awae hida yubi asu tee! Sutade hi petakaa... dizase wābi maku tade hida anae ta e'u... ekua mabīa tade hi idjase ha e'a kara, sudade hi itupase be ehae!

_ Ena tese halaū anu! Ahi te!

Sutade hi te hae!

_ Txi dai napiukau anu, iwāā dade iya adaka iwāā tese anu! A hi te.

Suyāhā he hida txa ekua, txi pe iya apidu duha he... txa hida daka be, ihida au hinaku daka he, kuadi lāmihaū yāhā de hi txa buha hinaku su. Panahu hida izaku tese, sudade hi hae!

- wī ka hanudaī! A hi.

Sudade hi idu tese txa, tade hida dupase be hae:

_ Wī udi! A hida te.

Da hida au se, dakī izaka se au duha de hi ide se temaũ, ubaha hi naku te su. Tade hi txi izase txa dupa be; sudade hi te hae.

_ Wī udi, txide kana ena ube hae yāhā he wīũ! Apidu udi iya be, upīdikaũ iya adaka ube! a hi dupa be. Maxi sebe wābi alu, temaũ si awi hinaka te ĩ si taeta a sade temaũ taeta hinaka, a hi te. Suka anui, wābi maxi sebe anu a hi itupa te. Sudade hi te hae maxi hia anu seha he abī xa na be txa a maku hia ti! A hi tese. Pada anu abī xa imasehu txa anu ba, adeĩ suta! Sudu hade hi pāpā tese pae se se. Txi pāpā maku yāhā de hi itupase ide aũ tese su, txi de hi da aitxabī te hae se se, ena anu yāhā de supase saũ sebe anu, a hida te... ala ne txi txi kararaũ kai, a hida te, txi dai hi txi txi mamaku yāhā ha duha de da dupase ne su. Pubata, payārēma ĩ txi izase urubiata a hida su. Yauda hi da dupa ne su, txi hi izase urubi dudja dju tade, dupetu yāhā ha maku duha de pāpā yāhā ha su. Suduha de hi atxūpā txade awī, txi de hi da te hae Urubiata. Txi de hi itupase aũ tese su, izakaũ hi te su hide, da hi su xu duha de ubahu te su... kania idju tade, txi de hi abi ixibia kua mama da idja ixu su. Su yāhā de hi idjase ha txi imaza maza tese yā su, itupase ania. Txi hi imabīaũ su, suyāhā de hida aibidaũ senahī pinaha txabiũ su.

Karuka kī he hida mamaku su, txi dai aitxabī, idjuũ hi dania be su, dania karuku tade epīa upī yāhā zaku dade hi hae!

_ Ude, ata a'i ba! A dade hi txi kī he kuta kuta ta.

Wābi dania dju tade hi apeta unaka hina ka hide, suduha hade hi txi pe karu yaha kī he kuta kuta tade ali há duba tahu tade yubi txatxta.

_ Baba, baba! A dubi txa tade hi anumeta yube e'u dade iwade itxita te.

Su hinaku hida i'ali yauda mamaku su. Suduha de hida ine hinaku su. Su hinaku hi su. Pae iya abiāha hae.

No dia 01 de setembro de 2022, aconteceu o planejamento de pescaria de timbó. Convidei todos os alunos para irem até o centro da aldeia, para podemos combinar uma pescaria. Expliquei que nós estávamos na época de atividade cultural, que precisávamos comer peixinhos moqueados com beiju, e que todos eles fizessem suas flechas. Então eles ficaram muito contentes, com alegria no rosto, querendo matar peixinhos com flechas. Perguntaram para mim:

_ Professor, quando podemos fazer isso? Já tem uma lagoa para podemos bater o timbó?

_ Sim, já tem lagoa. Mas, o que podemos?! Primeiro passo, amanhã tudo mundo vai se preparar, vamos novamente nos encontrar aqui na casa do centro. Eu quero que todo mundo traga cana brava, imbé, cera e pontas de flechas para podemos preparar nossas flechas de

matar peixinhos. Após a preparação das nossas flechas, no período da tarde, vou levar vocês no lugar de timbó e vamos extrair raiz.

Assim encerrou a reunião de planejamento da pescaria com os alunos. No outro dia, nos juntamos novamente na casa do centro e fizemos nossas flechas. Todos nós, professores e os pais alunos compareceram, ajudaram a fazer as flechas. Todas as crianças ficaram com suas flechas já prontas. Isso aconteceu no dia 02 de setembro/2022, pela manhã. No período da tarde, nós, professores, e um grupo de 15 alunos fomos extrair a raiz de timbó.

Figura 18: Preparação do timbó



Fonte: Karin Juruna, 2022

Após extrair, levamos até a lagoa, deixamos o timbó mais próximo da lagoa. Combinei com eles que no dia seguinte, às 2 horas de madrugada, iríamos levantar e partir novamente para o lugar. Pedi que trouxessem lanternas e isqueiro; lanterna para nós aluminar o caminho e isqueiro para acendermos o fogo quando chegássemos ao lugar. Quando foi no outro dia, levantamos no horário combinado, nos reunimos e fomos para o lugar onde estava o timbó. Acendemos fogo para podermos dar procedimento na atividade, aliás, para batermos o timbó até terminamos. Quando deram 6 horas, caímos na lagoa com timbó e fomos acordando, espalhando o veneno de timbó. Às 8 horas, os peixinhos começaram a morrer, assim, pedi para que eles avisassem as famílias na aldeia. Assim o fizeram, e às 9 horas, os peixinhos já estavam morrendo bastante, resultando numa pescaria bem produtiva, pois pegamos muitos peixes. A pescaria de timbó é a esperança de todas as crianças, é uma alegria total.

Ali edaku anu, iya kuata idaku da anu, itĩ' iũ iya anu, sepikua padji ha hinaku itĩ' i yãhã anu. Ibilu ami iaya kuata anu: hũtxĩyã, kĩriaxi, uritxa, huã' i, txapaka, areduĩ mabĩa, yãkarepitxa, ãnĩ, txĩ' i txĩ' i, kahuri, karure... itxibĩ pitxa mabĩa pe au anu.

(Os meninos estão batendo timbó numa lagoa pequena, a lagoa não é tão fundo, bem metade da altura do nosso joelho, e cheio de peixinhos, o que tem dentro, são: traíra, curimba, cascudo, peixe elétrico, pacuzinho, jaraqui e outros peixinhos que tem dentro.)

Figura 19: Pescaria do timbó



Fonte: Karin Juruna, 2022

Quando os alunos voltaram da pescaria de timbó, no dia seguinte, reuni todos para que cada um deles contasse que tipo de peixinhos tinha matado na pescaria de timbó. Cada um trouxe as informações da pescaria, dizendo que mataram vários tipos de peixinhos. No relato, cada um descreveu que matou, por exemplo: piranha, bicuda, traíra, tucunaré, a carazinho, pintadinho, mandi, pacuzinho, peixe-cachorra e peixe elétrico. Tem um deles que levou choque de peixe elétrico, mas não aconteceu nada. Ele disse que o peixe elétrico passou entre as pernas dele, sentiu que as pernas ficaram adormecidas. Então, assim, foi o relato de cada um deles, sobre a pescaria do timbó, uma atividade cultural que faz parte do nosso currículo

No mês de outubro de 2022, sentei novamente com os alunos para podermos trabalhar a atividade sobre os peixes. Já tínhamos algumas fotos de peixes para trabalharmos na sala de aula, então, chamei dois anciões para passarem informações sobre os peixes que conseguimos fotografar. Convidamos para a sala de aula, o senhor Duriu Juruna e a senhora Duyadi

Juruna. Foi muito legal a presença de duas pessoas, para compartilharem as informações sobre peixes. A senhora Duyadi Juruna disse que têm peixes que nós, povo *Yudja*, consumimos e têm peixes que não consumimos, porque pode causar problema para nossa vida. “Vocês, alunos e jovens, têm que saber, é importante vocês terem essas informações para não consumirem os peixes não comestíveis. Isso existe”.

Nós ficamos muito fortalecidos com as informações que ela nos passou. Em 1982, numa Assembleia promovida pelo CIMI, em Cuiabá-MT, Paulo Freire falou da importância de se considerar e valorizar o conhecimento comunitário, pois segundo ele, “não há prática pedagógica que não parta da concretude cultural e histórica do grupo com quem se trabalha. Esse é o princípio fundamental dessa pedagogia, serve lá também. É absolutamente autêntico lá” (Freire, 1982, p. 24)

Continuando nosso percurso, no mês de novembro de 2022, voltei a trabalhar novamente com meus alunos a minha pesquisa. Convidei novamente a senhora Duyadi Juruna e seu marido Duriu Juruna, para continuar nos ensinando sobre os peixes, então assim, continuamos a pesquisa sobre os peixes na sala de aula. A anotação das informações foi feita coletivamente, instalamos telão para que todos os alunos participassem da aula e contribuíssem também com informações.

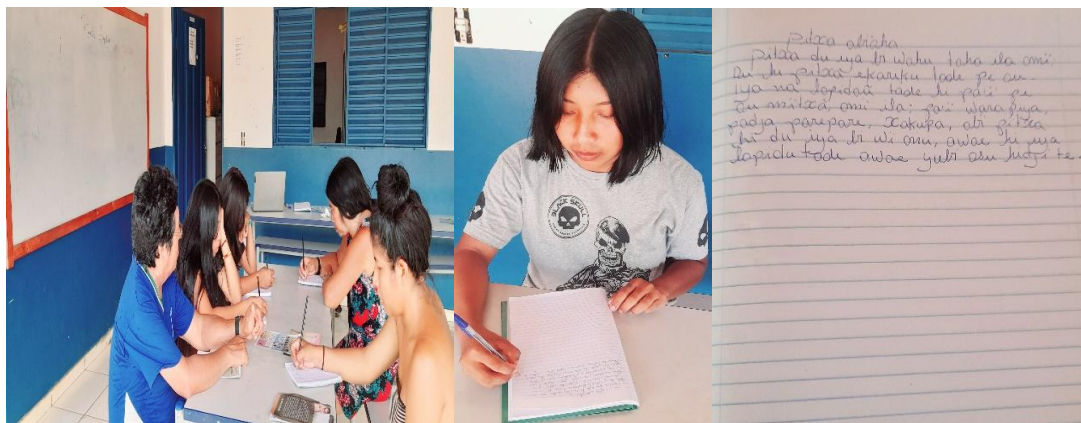
Figura 20: Estudando sobre os peixes



Fonte: Leo Juruna, 2022

Aqui estamos, eu Karin Juruna e professor Txapina Juruna, contribuindo para minha pesquisa sobre coleta de informações sobre peixes, nas explicações e nas anotações. Assim aconteceu a atividade com os alunos: nome de peixes: *pa i*, *wara piya/Yudja*, *padja parepare*, *xakupa*, os peixes que surgiram junto com rio dentro de geleiras, conforme o historiador professor Tarinu Juruna

Figura 21: Atividades com os alunos



Fonte: Karin Juruna, 2022

Em janeiro de 2023, voltei a trabalhar novamente a minha pesquisa, chamei os mesmos anciões para dar continuidade às informações sobre os peixes. Conversei com os dois em casa, mostrando no computador as fotografias de cada peixe e os textos escritos na língua materna, organizando as informações, principalmente, os pronunciamentos de som das letras e da escrita na língua materna. Eu fazia a leitura do texto de cada peixe para ela ouvir se estava correta a informação. Nesse dia estavam presentes: Duyadi Juruna, Duriu Juruna, Kuyawa Juruna e o filho Yarawade Juruna, que contribuíram muito para a escrita da língua materna.

Quero ressaltar que produto educacional proposto por mim e aqui apresentado, foi produzido junto com os alunos(as) e também com a ajuda dos anciões e anciãs da comunidade, que são os maiores conhecedores sobre os peixes, desde o início do nosso percurso pedagógico.

Após o relato de cada um dos alunos, perguntei também sobre o modo de preparo de peixinhos em casa:

- a) Qual foi o preparo de peixinhos em casa?
- b) Quem preparou?
- c) Deu para alimentar a família?

Cada aluno respondeu oralmente e anotei as respostas na lousa:

1. Quando voltei da pescaria, eu levei os peixinhos que eu matei para minha mãe, ela pegou e limpou os peixes, assou e depois chamou todos nós, filhos, para comermos peixe

assado com farinha, beiju e molho de pimenta. Depois tomamos mingau, foi uma delícia. Deu para alimentar toda família.

2. Quando voltei da pescaria, entreguei os peixes para minha irmã, pedi para ela assar na folha de bananeira e ela limpou os peixes, passou o sal e enrolou com a bananeira, deixou no jirau e assou. Quando ficou pronto, ela chamou toda família e abrimos folha de bananeira, os peixes estavam delícia e comemos com a farinha mole e beiju. Ficamos satisfeito com isso. Deu para alimentar a família.

3. Quando cheguei da pescaria, entreguei os peixes para minha irmã e limpou todos os peixes cozinhou e quando estava pronto, chamou nós para comer. Ela tinha temperado o caldo com a pimenta, estava uma delícia, comemos com a farinha.

4. Quando voltei da pescaria do timbó, levei peixes para minha mãe e minha irmã, as duas limparam os peixes, enrolaram na folha de bananeira, fritaram. Após os peixes ficarem prontos, chamaram toda família e comemos os peixes, foi bom demais os peixes assados na folha de bananeira e frito.

Após registrar os relatos na lousa, pedi para cada um fazer desenhos de peixes e colocar os nomes. Escreveram os textos, explicando onde vive o peixe, o que come e os cuidados. Então assim fizeram desenhos e as produções de escrita na língua materna. Eu convidava um dos anciões para explicar os cuidados dos peixes no processo de resguardo, respeitando a tradição. Com isso, facilitava o entendimento e compreensão da escrita da língua de cada aluno.

Eu, como professor, fui orientando como cada um podia fazer a correção da escrita da língua, uso de pontuação, acentuação. Após terem terminado os desenhos, a escrita, a produção de jogo de memória com fotos de peixes, pedi que cada um ou duplas apresentassem seus desenhos.

Eles apresentaram as produções para própria turma. Depois de apresentados, digitalizamos e depois apresentamos novamente na sala de aula no Data Show. Também apresentamos no centro da aldeia para a comunidade, professores e todos os alunos do ensino fundamental e ensino médio participaram, assistiram a nossa apresentação do produto educacional.

4.2 Um recorte do nosso produto educacional

Txatxari

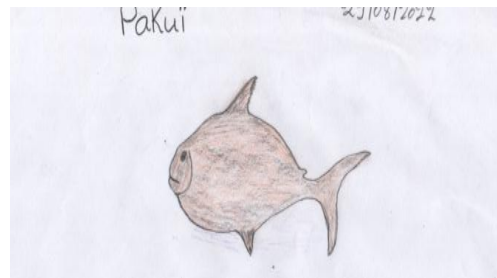


Iutaha: Pitxa mabïa, u' a, kuhala ã pitxa atxa ixe anu ta

Pe yãhã: Iya itxabï he au anu, iya iwãrï he, yubaha he ã eta de au na

Txatxa amï, pitxa urahu yãhã ha anu, ipãkï tïhaũ anu. Dai sudu ha he sebe kaipa' i anu, ali xï tade si ixaũ te anu, ali yumita te hide, si idju ixe tade ali be dubidãmã daika hide. Sutade ali ware ware ã dakï mamiãmiã, ena'ena hide txi kï he yũmita tesa hide, suyãhã de si ali na xï tade ikarikaũ te anu, ali urahu tade kï ixe seha wãbi anu. Txatxari iwiyã ha wãbi anu, kã' ã yãhã ha, lûsïrïrï ha wãbi anu, asa bi si ixe te anu ã aparu bi ta.

Pakuï



Iutaha: Ka' a i' a, Kuhala, txudaha, awãtxaberi, eda, kupadaha, kania atxa, pitxa mabïa ã pitxa atxa

Pe yãhã: Iya itxabï he anu, imïtxima, yubaha, iyatïda ã tawa he anu

Pakuï amï, pitxa wãbi yãhã ha anu, ipãkï au anu. Dai si su yãhã ali pasã tade ixaũ te anu, ali hi i' ã na adaka hide. Suyãhã de si ali xï tade ixaũ te anu, ali yumita yãhã de, si idju ixe tade ali be du ãna adaka daika hide. Suyãhã de si ali na xï tade ixaũ te anu, ali urahu tade

kĩ ixu seha wābi anu. Pakuĩ iwiyā ha wābi anu, kã' ē yāhā ha, lūsirĩrĩ ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparũ bi.

1 IIDJA PA MATXIA TADE IXAŨ SEHA, ALI BE KANEA' UA DA HIDE



Ali xĩ tade si i' urahai ha sade urutxa ixaũ anu, ali hi ikũrĩtxa hide, suyāhā de si ali na xĩ tade ixaũ te anu.

2 A' I PITXA ILA KAA, TIHIDJI ENA WABĪADA IMAMAKA TE

txuariha

txapaka wara ũna iwaa

txapaka yākuxi

txĩ' ĩ txĩ' ĩ

kĩriaxi

txatxari

yākuḍā

tātātāyā

kahuri



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema do trabalho aqui apresentado no ensino de língua materna, sobre os peixes do Rio Xingu, foi bastante conversado e planejado com a comunidade e junto aos alunos. O resultado desse material didático-pedagógico intitulado “Sabores e saberes tradicionais sobre os peixes do Xingu” é um catálogo ilustrado com os nomes dos peixes em língua materna, para ser utilizado em nossas escolas indígenas diferenciadas.

Para construir essa pesquisa, realizamos várias etapas. Conversar com a comunidade, professores e alunos sobre o assunto foi fundamental para a busca de conhecimento sobre os peixes, para planejar atividades de pescaria ou para descrever e registrar um mito na língua materna.

Para meu povo *Yudja*, esse material é muito importante para ajudar no fortalecimento da cultura, especialmente, da nossa língua *Yudja*, para que possamos continuar falando nossa língua ancestral, com práticas de oralidade e de escrita, que consideramos como um dos nossos elementos mais importantes. Todos (as) alunos (as), jovens, entre outros interessados(as) terão acesso a esse material.

A Escola Estadual Indígena de Educação Básica Central *Kamadu* tem seu papel fundamental, sempre incentivou o ensino da cultura *Yudja*, tema que está garantido no PPP (Projeto Político Pedagógico) para o trabalho de formação específico e diferenciado, de acordo com o currículo escolar, que nós professores *Yudja* sempre seguimos. Ensinaamos a escrita da língua *Yudja*, o nosso artesanato, a dança, os cantos, a técnica de fazer cerâmica, a cestaria, tecelagem, pintura corporal e o ensino do nosso calendário tradicional. Atualmente nossa escola tem trabalhado bastante o ensino da escrita da nossa língua materna, a nossa escola é uma referência para toda a comunidade *Yudja*. Esse material vai ser utilizado na escola pelos professores e alunos do ensino fundamental e ensino médio, vai servir de exemplo para quem for fazer a sua pesquisa para produzir mais material didático na língua materna.

Quero deixar também registrado que, para iniciar meu curso de mestrado na UNEMAT, aconteceram vários imprevistos, na minha aldeia e nas comunidades *Yudja*, a Covid-19. Veio à óbito, por Covid 19, uma senhora que me orientava sobre as atividades culturais do meu povo. Ela era uma das conhecedoras das práticas culturais. Devido a esse

acontecimento, não pude sair da aldeia no momento de fazer a matrícula presencial, mas com muito respeito, o meu avô cacique me deixou participar do curso de mestrado, uma semana depois. Isso dificultou o começo do meu estudo na UNEMAT. Não me concentrava direito naquele momento, eram dores que eu sentia no coração, mas ao passar dos dias, fui me posicionando, colocando o pensamento no lugar. Eu sei que a Covid-19 não era uma doença simples, é uma doença perigosa, contagiosa e leva à morte. Por este motivo, não foi possível fazer algumas atividades junto à comunidade, até uma parte das aulas do curso de mestrado aconteceu de forma virtual e outra parte aconteceu presencialmente, pois era preciso o distanciamento social naquele momento, mas seguimos o protocolo criado, como uma forma de nos prevenir e nos proteger.

Outra dificuldade enfrentada durante as aulas virtuais era falta de internet. Eu não participava direito das aulas, a nossa placa, via sistema solar, funcionava das 8 horas até as 17 horas, às vezes, não funcionava à noite. Mas quando a aula era pela manhã ou no período da tarde, eu marcava minha participação. Quando era no período noturno, não acompanhava, isso dificultou a minha participação nas aulas virtuais, ainda mais na época das chuvas, mas com todo esforço eu pegava as matérias trabalhadas pelos professores para estudar.

Os momentos significativos desse percurso didático-pedagógico foi a escrita cuidadosa dos nomes dos peixes, com muita atenção para a escrita na língua materna *Yudja* e fotos e ilustrações para compor o catálogo com os nomes dos peixes na língua materna.

Durante o desenvolvimento do trabalho, foi necessário trazer alguns anciões conhecedores de peixes que contribuíram com a história, nomes, os cuidados e regras para compor os registros dos peixes. Isso me faz refletir ainda mais sobre o ensino da língua dentro da sala de aula com os alunos.

Quero ressaltar que pensar uma metodologia para se trabalhar uma língua, ou planejar a Unidade Didática com atividade de leitura e de escrita, contribuiu para o protagonismo indígena, no sentido de oportunizar, não só a construção de uma proposta metodológica para ser desenvolvida em nossa escola, mas também, para a produção autoral de material específico e diferenciado, de acordo com a nossa realidade, que valorize nossa língua e nossos saberes ancestrais. Destaco, ainda, que além de contribuir para a minha autonomia pedagógica, também contribui para o fortalecimento cultural e linguístico de nosso povo *Yudja*.

Destaco, ainda, que além de contribuir em vários sentidos de fortalecimento linguístico, também servirão como guia de planejamento dos professores *Yudja* e como fonte de ideia para elaboração do projeto de pesquisa. Todos os *Yudja* terão acesso a essa

construção de produtos pedagógicos para o fortalecimento da língua nas comunidades e nos espaços escolares.

Por fim, desejo que o produto educacional intitulado “Sabores e saberes dos peixes do rio Xingu” seja de extrema importância para o uso em nossas escolas e que seja melhor para o desenvolvimento de nossos alunos, assim como um incentivo aos professores indígenas *Yudja*, para mais produções autorais e diferenciadas, de acordo com a nossa vivência e nossa cultura *Yudja*.

Wãbi anu!

CONSULTORES E CONSULTORAS YUDJA

JURUNA, Duriu. **Conhecimento sobre os peixes do rio Xingu.** (Fonte Oral) Saberes Yudja. Terra Indígena do Xingu. Aldeia Tuba Tuba. Marcelândia-MT, 2023.

JURUNA, Duyadi. **Nome dos peixes na língua Yudja.** (Fonte Oral) Saberes Yudja. Terra Indígena do Xingu. Aldeia Tuba Tuba. Marcelândia-MT, 2023.

JURUNA, Nariu. **Mito de Origem Yudja.** (Fonte Oral) Saberes Yudja. Terra Indígena do Xingu. Aldeia Tuba Tuba. Marcelândia-MT, 2023.

JURUNA, Sadea. **Mito de Origem Yudja.** (Fonte Oral) Saberes Yudja. Terra Indígena do Xingu. Aldeia Tuba Tuba. Marcelândia-MT, 2023.

JURUNA, Tarinu. **Peixes do rio Xingu:** história, regras e cuidados. (Fonte Oral) Saberes Yudja. Terra Indígena do Xingu. Aldeia Tuba Tuba. Marcelândia-MT, 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTO, Flávia de Freitas. **Kania ipewapewa**: estudo do léxico juruna sobre a avifauna. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2013.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas** - RCNEI. MEC, Brasília: MEC, 1998.
- FARGETTI, Cristina Martins. **Terminologia da cultura material juruna**. Araraquara, Letraria, 2021.
- FARGETTI, Cristina Martins. Para uma Terminologia Etnográfica. In: Nadin, Odair; Zavaglia, Claudia. (Org.). **De Histórias, Palavras e Dicionários** - Estudos em Homenagem à Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa. 1ed.Campinas: Mercado de Letras, 2019, v. 1, p. 137-170.
- FARGETTI, Cristina Martins. (Org) **Léxico em pesquisa no Brasil**. Araraquara: Letraria, 2012.
- FARGETTI, Cristina Martins. MOSCARDINI, Lígia Egídia. Escrever em português: desafios para uma escola indígena. **Anais do SIELP**. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/06/volume_2_artigo_081.pdf Acesso em 19/09/2023
- FRANCO, Maria Amélia do Rosario Santoro. **Prática pedagógica e docência**: um olhar a partir da epistemologia do conceito. R. Bras. Est. Pedag. [online]. 2016, vol.97, n.247, pp.534-551. ISSN 2176-6681. <https://doi.org/10.1590/S2176-6681/288236353>.
- FREIRE, Paulo. **Um diálogo com Paulo Freire sobre educação indígena**. In: Assembleia do Conselho Indigenista Missionário. Anais [...]. Cuiabá: Cimi, 1982. p. 115-151.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um encontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 44. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
- JURUNA, Txapina. **Variações e mudanças na língua indígena Yudja e o ensino na escola Kamadu**. Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural-PPGECII. Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT. Barra do Bugres-MT, 2023.
- LIMA, Tânia Stolze. MACEDO, Eric. 2018. Yudja. **Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil**. Disponível no site: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yudjá/Juruna>.
- LIMA, Tânia Stolze. **A planta redescoberta**: um relato do encontro da ayahuasca com o povo Yudjá. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 69, p. 118-136, abr. 2018.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. 2004. **Language policy in Brazil**: monolingualism and linguistic prejudice, ISSN 1568-4555, Volume 3, Issue 1, pp. 3 –23.

OLIVEIRA, Adélia Engrácia. **Os índios Juruna do Alto Xingu**. *Dédalo* ano VI, n. 11-12, p. 7-292, São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 1970.

PPP. ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA CENTRAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA KAMADU **Projeto Político Pedagógico da escola estadual indígena de educação básica central Kamadu povo Yudja**. Aldeia Tuba Tuba. Mato Grosso, 2008.

RODRIGUES, Aryon Dal'Igna. **Línguas brasileiras**. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

ANEXO

NARRATIVA DE ORIGEM DO POVO YUDJA: NOSSA HISTÓRIA SAGRADA

A narrativa que apresento a seguir, sobre a origem do nosso povo, foi relatada por Sadea Juruna e sua esposa Nario Juruna. Assim ele começa...

“Eu vou contar a história de *Selã’ã* para vocês ouvirem e compreenderem, como ele nos criou há muito, muito tempo.

[*Wahu seha*] - surgimento da humanidade

Selã’ã - Deus!

Duda - é o nome do *Selã’ã*!

Duda é uma onça, uma onça bem grande, ele é nosso vovô e sua esposa é gente uma mulher. Ele, a onça, só vivia em cima de jirau (*baetataka*), só a esposa podia se comunicar com ele, só ela o entendia, porque ele falava como onça, só esturrava, mas a esposa que traduzia a fala. A sua alimentação era de crianças dos índios sem ânus que surgiram primeiro na terra, então ele se alimentava com isso. Quando sentia a fome, só esturra, a sua esposa sabia que estava com fome e levava sua alimentação. Após ser alimentado, dava o sinal, esturrava, por estar satisfeito, a esposa pegava água e levava a ele, ele bebe. Só a esposa que cuidava dele.

Selã’ã nos criou. Araya e o filho único do Duda, que só vivia em cima de jirau, o filho *Araya* cresceu, após de ser crescido *Araya*, fez a própria esposa e casou-se com ela, com ela fez seus filhos, ele fez filhos no furo que o jato de urina abriu na terra. A sua esposa foi urinar, ela urinou; foi lá mesmo que *Selã’ã* fez o primeiro filho dele, no furo que o jato de urina abriu na terra, ele não se deitou com a esposa.

Viu o furo e disse:

_ Ah, uma vagina!

E pôs o pênis lá, foi lá mesmo que o *Selã’ã* fez o primeiro filho dele, quando ele voltou do furo de jato de urina, a criança veio atrás dele lhe dizendo!

_ Pai, pai, pai, pai!

Ele voltou e pegou na mão da criança, fez segundo filho da mesma forma, a esposa foi urinar, ela urinou e ele foi atrás viu o furo e fez a mesma coisa e fez segundo filho; fez um, fez o outro, fez os dois. A esposa estava longe... O caçula surgiu quando a mãe deles se deitou com um bicho gambá, o gambá deitou-se em cima da mãe deles. Foi no tempo em que os bichos eram gente. Então com isso o pai deles zangou-se com sua esposa por ter feito isso,

havia manchinhas negras no rosto do caçula, quando ele nasceu. O pai sabia, disse: “estes dois irmãos são meus filhos, aquele caçula não é meu filho, ele é filho de um bicho”. O pai zangou-se com os meninos por causa disso.

Ele disse à mãe:

_ Será que você está me dizendo a verdade?

_ Claro! Por que eu mentiria?

A mulher estava mentindo. O *Selã'ã* sabia, o caçula era diferente! Então por isso zangou-se com os meninos por causa do caçula. Os meninos cresceram, são três filhos, primeiro filho é *Pubata*, segundo filho é *Payârêma* e o terceiro é *Urubiata*. O pai deles resolveu deixá-los, numa casa separada; os meninos moravam numa casa separada, moravam separados do pai por causa do irmão caçula. E o Pai deles *Selã'ã* morava sozinho com a esposa por causa do caçula, morava numa casa separada. A primeira esposa, depois de terem os filhos ela sumiu, ela foi na roça e de lá mesmo ela não voltou mais para casa, foi o próprio o marido que fez isso; ela foi morta pelos, (*abi ixia kua mãmã*), índios sem ânus... Após crescerem, os filhos procuravam saber da sua mãe, mas o pai nunca contava, ele sabia que quando crescessem descobririam o fato ocorrido. *Selã'ã* já tinha outra esposa e assim ele morava sozinho com ela separadamente numa casa por causa do caçula.

E os meninos cresceram, estavam rapazes, eles saíam em buscar de seus sustentos. Chegavam no lugar e flechavam folhas, as folhas caíam na forma de passarinhos e levavam, depenavam, assavam na brasa e comiam. À tarde, iam andar longe de casa, iam flechar folhas; as folhas caíam gritando, *tĩ'tĩ'tĩ*, a forma de passarinhos. Após matarem bastante, depenavam, assavam na brasa e comiam.

Em certo momento saíram novamente em busca dos seus sustentos no lugar que sempre flechando as folhas. E os meninos estavam flechando folhas novamente, flecharam uma folha grande (*aupa*, folha de embaúba), a folha se transformou em Jacu grande (*tarukawa urahihi*) a folha caiu na forma de Jacu e alguns momentos depois o Jacu conversou com os meninos:

_ Asaa!!! O que fiz para vocês me flecharem? Por caso fui eu que matei a mãe de vocês? Foi por causa do caçula de vocês que o *Selã'ã* matou a esposa com os índios-sem-ânus; ela se distanciou, ele a matou com os Índios, os índios-sem-ânus a comeram. Então não fui eu quem matou a mãe de vocês!

Os meninos foram embora e o caçula foi até o seu pai.

O pai perguntou:

_ O que aconteceu?

_ Apareceu-nos o grande Jacu.

_ E o que ele disse?

_ Por acaso fui eu quem matou a mãe de vocês? Foram os índios, foram eles que comeram a mãe de vocês! Ela era libertina e os índios a comeram. Após conversar com o pai voltou aos irmãos e disse;

_ Comeram minha mãe, ele me contou. Os índios-sem-ânus comeram a mãe de vocês, foi o que ele me disse. Então perguntei ao pai!

_ Onde é que eles vivem?

_ Não sei, eu próprio nunca vi...

Ele finge, finge que não sabe; não quer revelar a localização dos índios para seus filhos;

_ Eles vivem longe, muito longe... Jamais os vimos... Vocês vivem flechando as folhas, foi por isso que o bicho apareceu para vocês, cuidado! Os índios acabam comendo vocês, não procurem. Depois de conversar com o pai, o caçula voltou até os irmãos. Os irmãos perguntaram:

_ O que ele disse? O caçula respondeu:

_ Vocês vivem flechando a folha, então por isso a folha se transformou em Jacu, tome muito cuidado com isso, foi o que ele me disse; a mãe de vocês era libertina, os índios comeram a mãe de vocês, foi o que ele me disse.

Perguntaram!

_ Onde foi que ele disse que os índios vivem?

_ Não sei aonde eles vivem, disse-me. Não informou a localização dos índios. E os irmãos disseram:

_ Eles vivem longe, nós os veremos durante o sonho.

E foram para casa, cada um deitou na sua rede, ficaram em silêncio e dormiram. Não era noite; dormiram à luz do dia, dentro de casa. Horas depois acordaram e os irmãos perguntaram-lhe.

_ E então? Você viu onde os índios vivem? Perguntaram para o caçula!

O caçula mente!

_ Ah, sim! É naquela direção que os índios vivem.

Apontou a direção errada, os irmãos disseram.

_ Não! Os índios vivem naquela direção. Indicaram a direção certa. Então após conversa o caçula foi à casa do pai e disse a ele:

_ Você não me disse, mas eu vi, é naquela direção que os índios vivem! Estou indo para matá-los, estou indo para vingar minha mãe!

E o pai disse:

_ Não vá, não! Os índios vão comer vocês!

Depois de conversar com o pai, voltou até os irmãos que perguntaram:

_ O que ele disse?

_ Não vá, os índios vão comer vocês!

Os irmãos disseram!

_ Não é verdade! Vamos lá!

Então assim foram naquela direção onde viram no sonho e chegaram no local onde estavam os índios. Os índios receberam eles e perguntaram!

_ Vocês chegaram? Onde vocês vão?

_ Nós estamos passeando, visitando a casa de vocês!

_ Ah! tudo bem!

Os índios estavam comendo quando eles chegaram e eles começaram a observar. Começou a chorar a criança que queria fazer cocô. Perguntou o caçula a um dos índios:

_ O que foi?

- Não é nada não, é que ele quer fazer cocô. E logo a criança começou a vomitar!

Então perguntou:

_ O que foi?

_ Ele está fazendo cocô. - O índio disse.

_ Ah é? está? Por que que ela faz cocô desse jeito? Isso não é certo! Não é assim que se faz cocô, assim não é certo. No começo, nós também éramos assim, no começo, nós também não tínhamos ânus. Depois nosso pai fez o nosso ânus.

O índio perguntou:

_ E como foi que ele fez?

_ Com um pedaço de pau. Primeiro nos cortou com um facão, depois nos furou com um pedaço de pau, e ficou bom! Então por isso nós comemos e fazemos cocô por lá, isso é que é certo, vocês podiam ser assim também.

E logo o caçula sentiu dor de barriga e fez cocô na frente dos índios e disse:

_ Assim que se faz cocô. É por lá que se faz cocô, isso é que é certo. Nós faremos isso em vocês também e vocês ficam direitos.

E os índios pediram aos irmãos:

_ Então façam em nós! Vamos fazer!

Cada um deles tinha pedaço de pau bem apontado para furar ânus dos índios. Veio o primeiro índio, cortaram as costas dele com um facão, furaram o ânus com um pedaço de pau.

_ Vai ficar bom, vocês vão fazer cocô pelo traseiro.

Em seguida, veio outro Índio, pegaram, cortaram, furaram. O índio caiu no mesmo lugar. Veio outro. Cortaram, furaram com um pedaço de pau, o índio caiu no mesmo lugar. E assim foram matando os índios. Havia já muitos mortos no chão, os índios desconfiaram e começaram a correr para a mata, fugiram. Apenas os mortos ficaram. Os índios haviam descoberto; já havia passado o tempo e os companheiros não acordavam, então eles descobriram.

_ Eles estão nos matando.

Quando descobriram, os que fugiram deixaram as crianças e os irmãos capturaram algumas crianças. Então assim abriram a barriga dos mortos, limparam, cortaram em pedaços, ergueram o moquéem no próprio interior da casa, deixaram a carne assar e quando assaram fizeram as cestas (*txayãhã*) para carregar a carne. As cestas eram todas pequenas, a cesta do caçula era pequena também, todas no mesmo tamanho. Depois de todos prontos, disseram quando a carne estava assada;

_ Vamos embora!

E os mais velhos foram pondo na cesta os pedaços de carne de índio, o caçula pôs em sua cesta, com dois pedaços já tinha enchido e nenhum pedaço cabia mais na cesta. Os irmãos disseram-lhe:

_ Ah você é bastardo, hein? É por isso que você é assim!

E assopraram a cesta do caçula, assim cabia mais. O caçula foi pondo na cesta mais e mais pedaços de carne. Toda a carne coube nas pequenas cestas. Assim os meninos retornaram. Depois do massacre dos-índios, os meninos voltaram comemorando, tocaram flautas pequenas ao longo do percurso de canoa.

Melodia da flauta *pĩreu-xĩxĩ*, *pubata parẽ iwaka*- irmão mais velho

Tdũ'tũ de u'a pãre wãxĩ'wãxĩ ba,
pãre wãxĩ'wãxĩ ba de,
u'a pãre wãxĩ'wãxĩ ba de,
u'a pãre wãxĩ'wãxĩ ba de... de, de dee...
pãre wãxĩ'wãxĩ ba,
pãre wãxĩ'wãxĩ ba de,

u'a pãre wãxĩ'wãxĩ ba de... de, de, dee... de, de, dee...

Melodia da flauta *pĩreu-xĩxĩ*, *payãrẽma parẽ iwaka*-segundo irmão

Tdũ'tũ de u'a dju, karia na wiĩ, karia na wiĩ, karia wiĩ...

u'a dju, karia na wiĩ, karia na wiĩ...

u'a dju, karia na wiĩ... de, de, dee...

karia na wiĩ, karia na wiĩ...

u'a dju, karia na wiĩ... de, de, dee...

Melodia da flauta (*pĩreu-xĩxĩ*, *urubiata parẽ iwaka*) caçula

Tdũ'tũ de, unikapa yãyã wabara'bara, wabara'bara de,

unikapa yãyã wabara'bara, wabara'bara de,

unikapa yãyã wabara'bara, wabara'bara de... de, de, dee...

Assim eles foram chegando, encostando no porto e a segunda mãe deles ouviu e disse ao marido:

_ Oh! Os meninos estão chegando!

_ Ah Sim! Eu disse para você que estão vivos!

Ao chegar, o caçula foi na casa do pai e disse:

_ Nós voltamos, vingamos a nossa mãe!

_ Você não me contou nada, onde os índios moravam, mas eu vinguei minha mãe.

_ Ora! Por que vocês foram?

_ Você não me contou nada, mas eu encontrei eles, eu vinguei minha mãe.

_ Os índios podiam ter comido vocês.

_ Não me comeram, não! Eu é que matei eles, eu vinguei minha mãe.

_ Então ergam o moquém para a carne de índio! E os meninos ergueram o moquém. E a mãe pôs a carne em cima. Essa mãe já é a outra mãe (uma boa mãe) com quem *Selã'ã* casou depois que os índios comeram a primeira. Ela pôs a carne em cima do moquém e disse:

_ Oh, não tem acompanhamento para a carne... Havia mandioca de molho a pubar.

_ Devo torrar farinha? - Disse ao marido

_ Torre para eles comerem! - Disse para a esposa!

Pedi que os meninos pegassem o tacho, e os meninos trouxeram o tacho, não havia pedras para pôr o tacho em cima.

_ Oh, não tem pedras! - Disse a mãe

_ Tem sim! Veja só! - Disse o pai. Eles vão servir de pedras, ponha o tacho em cima deles!

Os meninos se entreolharam.

_ Resista! - Disseram ao caçula

_ Agora se agachem!

Assim o tacho foi posto em cima deles, o fogo foi aceso, e a massa de mandioca foi despejada no tacho. Os dois olharam o caçula, ele se queimando, sua pele estava cheia de bolhas. Os irmãos assopraram para ele não se queimar; ele ficou bom. A farinha foi torrada. Foi de manhã cedo que isso começou, e foi até o sol declinar.

_ Já está pronta a farinha! - a mulher disse ao marido.

_ Pois tire o tacho! disse o marido.

_ Levantem-se e vão tomar banho! - disse o pai.

Eles se levantaram, o caçula estava se queimando, os mais velhos não se queimavam. Quando o caçula começava a se queimar, cuspiam nele e assopravam. Ao fim, levantaram-se.

_ Vão tomar banho! - Disse o pai.

Eles foram ao rio, e antes de caírem na água, os mais velhos disseram:

_ *Pubata* não havia de se queimar! De fato, não se queimará! Caiu na água: sũũ...

_ *Payârêma* não havia de se queimar! De fato, não se queimará. Caiu na água: sũũ...

O caçula disse:

_ *Urubiata* não havia de se queimar! Caiu na água: sũũ...

A sua pele estava cheia de bolhas, estava queimada. Os mais velhos assopraram, ele ficou bom.

Os irmãos disseram:

_ Você é bastardo mesmo, hein?

Foi assim que falaram com ele!

_ Você é bastardo!

O pai deles disse para sua esposa:

_ Quando eles voltarem do banho, alimente eles!

Ao saírem do rio, os meninos ficaram lindos. A pele deles estava descascando. Então, assim ao sair do banho, o caçula foi na casa do pai. O pai e a mãe estavam em casa, apenas o caçula ia até a casa deles.

O caçula disse ao pai:

_ Eu não me queimei! O senhor me disse: “Você vai se queimar!” Eu não me queimei!

_ Então vocês estão bem! - Respondeu o pai.

_ Amarre redes novas para eles! – O pai falou para a esposa.

E a mãe armou redes para os meninos. Suas redes estavam rasgadas de tão velhas, essas redes velhas eram as únicas que tinham para levar consigo. E ela amarrou redes novas para eles, redes com franjas de dentes de índios.

- Dê comida a eles! Eles vão comer!

Ela serviu- farinha (assada com barriga de índio; os meninos comeram).

Após eles comerem disse aos filhos:

_ A mãe de vocês era libertina, foi por isso que os índios a comeram. Para vocês ficarem sem mãe que a comeram. Vocês não devem ir mais ao local dos índios de novo, os índios comem vocês. Fiquem em casa! - Disse o pai.

E os meninos ficaram em casa...

Iya abiaha (A libertação do rio)

Há muito, muito tempo atrás, não havia rio, tudo era apenas terra, havia somente os sinais de canais para onde o rio vai se espalhar. A água era em forma de geleiras bem grandes, eram três caixas enormes, caixa mais grande estava na frente e dentro delas tinham (*pa'i*) e os peixinhos chamado *Warapiwa* (*Yudja*), como se fosse o piauzinho-aracu pintado, *iya'iwaa* o dono do rio. A Juriti era apenas responsável pela água, ela que atendia os três irmãos quando iam pedir água... os três irmãos consideravam ela como avó. Todas as vezes quem pedia água era o caçula deles, assim ela atendia... Certo dia os meninos foram pedir novamente a água e a Juriti negou.

Disse a Juriti:

_ Parem de pedir água para mim! Vocês acabam com minha água, estou cansada de atender vocês!

Os meninos voltaram e o caçula foi chorando ao pai. O pai lhe perguntou:

_ O que aconteceu?

Ele respondeu:

_ A avó negou água para nós!

O pai disse a eles:

_ Vocês ficam pedindo água para ela, que deve estar cansada de atender vocês!

_ Ah, nós vamos libertar a água, para que todos tenham acesso a ela. Para que tenham o mesmo direito de beber, aí não precisamos de pedir água. Cada um pode beber sem precisar pedir. Onde ficam as caixas d'água?

_ Oh, cuidado! Os peixes comeriam vocês, não façam isso!

Após conversar, voltou até os seus irmãos e eles perguntaram:

_ O que ele te disse? Ele contou onde ficam as caixas d'água?

_ Sim! Disse que ficam naquela direção e disse que se nós quebrarmos as caixas, os peixes grandes (*pa'i*) comerão a gente!!

_ Ah, vamos dormir e veremos a direção certa! Os peixes não vão nos engolir!

Dormiram, quando acordaram perguntaram para o caçula:

_ Onde que ficam as caixas d'água?

Ele apontou na direção errada.

Eles disseram:

_ É por ali que fica! - Indicaram a direção certa.

Então combinaram, planejaram e se prepararam, fizeram suas bordunas. Após terminarem, foram lá na direção localizada no sonho e encontraram. Estavam as três caixas bem enormes, dentro de cada caixa estava *pa'i* de cabeça erguida. Pensaram em como seria a libertação. O irmão mais velho começou... Correu na direção da caixa d'água e bateu a primeira caixa maior. A caixa quebrou e ele pulou longe para que não fosse engolido pelo peixe grande (*pa'i*). A água quando derramou fez um grande barulho. O segundo irmão também correu na direção da outra caixa e bateu, quebrou, pulou longe também. O caçula correu para bater a última caixa, bateu, bateu, não quebrou, então, os irmãos assopraram, assim com a força dos irmãos, ele quebrou. Tentou pular longe, mas não conseguiu alcançar o outro lado, caiu na boca do peixe. Assim o *pa'i* engoliu ele, fez um grande barulho, correu com ele.

Os dois irmãos dele foram atrás e alcançaram, passaram na frente do peixe, foram na frente, tentaram fazer barragem, enquanto eles colocavam as árvores (*pitxa-makaxi, kuaha-ipiu, kaêpa*), até outro lado, mas o *pa'i* alcançava muito rápido eles... Então assopravam e transformavam em cachoeira, a barragem era para impedir ou diminuir a velocidade que peixe tinha e tirar o irmão deles da boca do *pa'i*. Eles colocavam os galhos fazendo barragem até o outro lado, assopravam e transformaram a cachoeira, mas era tanta velocidade que o peixe não dava tempo de terminar a construção. Assim os dias foram passando, daí pensaram e tiveram a ideia de irem mais longe, para fazer uma obra bem grande! Foram longe, fizeram a

última barragem bem grande, daí tiveram mais tempo de terminar a sua obra. Assopraram bastante que transformou em uma cachoeira enorme, maior de tudo. Após quatro dias, conseguiram terminar, e quando terminaram ouviram o barulho de água descendo com muita velocidade e os irmãos mais velhos esperando, prontos para tirar o seu irmão da boca do peixe *pa'ĩ*. Irmão mais velho disse:

_ Deixa comigo!

Ele foi bem no meio da grande cachoeira, o peixe foi chegando já diminuindo a sua velocidade e o caçula na boca do peixe, daí quando aproximou da barragem, o irmão pulou na cabeça do peixe e tirou seu irmão da boca dele. Ele pulou com ele lá pra outro lado do rio, na margem direita do rio, onde estava o irmão dele, daí assoprou o rio!

_ HUUUU...

O rio fez um grande barulho, alargou e se transformou no mar. Os dois irmãos levaram o corpo do caçula e colocaram em cima da folha de banana brava (*pakuha*). Tentaram achar a gotinha de sangue, quebraram os dedos, braços e pernas, assim foram encontrando um pouco de sangue, juntaram, colocaram em cima da folha e assopraram, ele levantou e disse!

_ O que foi que aconteceu comigo?

_ Você é bastardo! Por isso o nosso pai está zangado com a gente, por causa de você, talvez isso seja verdade!

Ele ficou passando a mão no rosto, fraco e até foi ficando bom, o corpo ficou normal. Quando ficou bom, eles foram embora e o caçula foi direto até o pai, e disse:

_ Pai, nós voltamos!

_ Para onde vocês foram?

_ Nós fomos libertar o rio. Agora ficou bom para nós ter acesso, beber água quando sentimos sede, sem precisar pedir. Assim fica bom para quem está necessitando. Você disse que o bicho ia me engolir e não aconteceu nada, eu não fui engolido!

Os irmãos se entreolharam e disseram para si mesmos: “ele está mentindo.”

Assim libertaram o rio... E os peixes *Pa'ĩ* e *Warapiwa* já existiam dentro das grandes geleiras de água, que são guardiões, donos do rio. São os espíritos, os donos de peixes. *Pa'ĩ* e *Warapiwa* (*Yudja*) são os primeiros peixes que existiram. Quando o rio foi libertado pelos três filhos do *Selã'ã* o nome *Yudja* surgiu. Eles passaram a ser chamados de *Yudja*, os donos do rio. O nome *Yudja* significa “dono do rio ou povo do rio”. Os três filhos do *Selã'ã* receberam o nome de *Yudja*, por terem libertado o rio.

Os meninos foram testados com os espíritos poderosos (*abīxa isāmī*)

Kupiyāma - Noite

Primeiro desafio enfrentado... Não tinha noite, como tem hoje, não tinha como dormir. Os meninos, filhos do *Selā'ā*, faziam o que podiam fazer. Quando iam descansar, conseguiam dormir um pouco. *Selā'ā* já havia dormido na escuridão, sem contar para seus filhos. Certo dia, o caçula viu ele vindo da escuridão, após dormir lá. Com cabelo embaraçado, ele perguntou:

- _ De onde você está vindo, pai? Parece que você acordou agora!
- _ Ah, fui dormir lá na noite, sempre estou dormindo naquele lugar!
- _ Onde é que fica isso?
- _ Não sei onde fica não!

Após conversar com seu pai, o caçula voltou para seus irmãos e contou o que tinha acontecido. Disse que tinha encontrado o pai vindo de lá da noite, e os seus irmãos perguntaram:

- _ O que é isso?
- _ Noite! Onde o pai passa a noite inteira dormindo.
- _ O que ele disse? Indicou onde fica?
- _ Não! Perguntei para ele, mas disse que não sabe!

Os irmãos dele lhe informaram, eles sabiam onde ficava noite. Após ter a conversa com seus irmãos, o caçula foi até o pai e disse a ele:

_ Pai, nós vamos quebrar a noite para que possamos ter direito de dormir. Do jeito que está, não dá... A gente fica acordado, sem dormir. Assim não está dando certo! Por isso, vamos quebrar para tudo mundo ter direito.

- _ Cuidado, vocês vão se perder na escuridão! - O pai disse:
 - _ Não vou me perder! - disse o caçula.
- Voltou para os irmãos, que perguntaram:

- _ O que ele disse?
- _ Disse que nós nos perderemos no escuro, quando quebrarmos a noite!
- _ Não, isso não é verdade, vamos lá!

E foram lá, eram três caixas enormes. O mais velho se aproximou e bateu com sua borduna, quebrou a caixa! O segundo irmão correu também, bateu a segunda caixa e quebrou! O caçula correu para a terceira caixa, bateu, bateu, não quebrou... Os irmãos dele assopraram, assim com a força dos irmãos, ele quebrou a terceira caixa... O tempo apagou, o dia ficou escuro, o caçula se perdeu no escuro, os irmãos procuraram até que o encontraram e disseram para ele:

_ Você é bastardo mesmo, hein! Por isso o nosso pai está zangado com a gente!

O pai dele estava sentado fora da casa, quando o tempo apagou, ele disse:

_ Oh, eles foram lá? Eles não me ouvem, eles não me obedecem! Deixa eles se perderem no escuro!

Então, assim escureceu, demorou para o dia amanhecer, mas então, aguardaram. O tempo foi passando e o novo dia aparecendo, amanheceu e ficou bom. Quando amanheceu, os três retornaram e o caçula foi até seu pai e disse:

_ Nós fomos lá, pai! Agora ficou bom. Dá para ficar acordado durante o dia e quando for a noite, só dormimos!

_ Ah, vocês foram lá? Perguntou o pai.

_ Sim! Nós fomos lá. Você me disse que ia me perder? Não me perdi no escuro... agora ficou bom, porque de dia a gente faz o que pode fazer e de noite apenas dormimos.

Assim que conseguiram a noite!

Mapĩ apidabĩa

Depois de quebrar a noite, deram tempo por alguns dias. Depois o caçula foi visitar o pai, ele estava sentado na porta, fora da casa. Então ele abraçou seu pai, viu algo nas costas do pai e perguntou:

_ O que é isso nas suas costas, pai?

_ Ah, esse é sinal de mosquito.

_ É mesmo? Que bom, como é que o mosquito é, pai?

_ Isso é sinal de mosquito!

_ Que bom, gostei de furar, gostoso, bonito de a gente furar, onde fica mosquito?

_ Não sei! Talvez fica por aí no seu lugar!

Após conversar com seu pai, ele voltou para seus irmãos e disse:

_ O pai está sentado lá fora, as costas dele estão cheia de sinal de mosquito. Fiquei furando nas costas dele, gostei muito... perguntei para ele e me disse que não sabe.

Os irmãos dele disseram para ele:

_ Veremos isso nos nossos sonhos!

Foram dormir, quando acordaram perguntaram para o caçula:

_ E para onde fica o mosquito?

_ É pra lá! - Apontou a direção errada!

_ Não, é pra lá que fica!

_ Ah, vamos lá quebrar, muito bom, gosto de furar ... o sinal que ele deixa no corpo da gente!

Entre eles resolveram e foram lá quebrar. O irmão mais velho foi lá, quebrou o ninho. O segundo irmão também correu, bateu e quebrou o ninho. O caçula correu, bateu, bateu, não quebrou. Os irmãos assopraram, ele bateu novamente e quebrou o ninho. E muitos mosquitos saíram, se espalhando e chegaram no pai deles, enquanto ele estava sentado na porta da casa lá fora, chegaram os mosquitos picando nas costas dele. Ele disse:

_ Nossa, o que está acontecendo? Não era assim! - Disse o pai.

Um pouco depois, descobriu e disse:

_ Que coisa! Eles foram lá, eu pedi para eles não irem lá!

Depois de quebrar ninho de mosquito, voltaram à sua casa. O caçula foi até o pai e falou;

_ Pai, nós fomos lá, quebramos os ninhos de mosquitos, agora está bom, eu gosto de furar (*yãwĩ*).

Após quebrar os ninhos de mosquitos, ficaram em casa. O pai pediu que eles não fossem à procura de outros espíritos.

Yākurewĩ isãmĩ -

O pai disse:

_ Não vão ao *jaburu-isãmĩ*, eu lhes digo. - Disse o pai.

O caçula perguntou-lhe

_ Onde é que se pode encontrá-lo?

_ Não sei. Pra lá!! - Aponta a direção errada. Vocês não vão, que ele engole vocês!

Ele pega vocês e engole. E se ele pegar, vocês não voltarão nunca mais.

_ Está bem! – disse o caçula.

Conversou com o pai e foi para casa, se encontrar com os irmãos, que perguntaram:

_ O que foi que ele te disse?

_ “Não vão ao *jaburu-isãmĩ*, o *jaburu-isãmĩ* os engolirá”. - Foi o que me disse.

_ Onde foi que ele disse que o *jaburu-isãmĩ* vive?

_ Disse que vive para lá! - Aponta a direção indicada pelo pai

Então os irmãos indicaram:

_ Vive para lá! - Apontam o lado contrário, pois sabem que a direção que o caçula indica é falsa.

E depois de conversarem, foram para casa.

_ Vamos dormir! Vamos descobrir!

Dormiram. Quando acordam, os irmãos lhe perguntam:

_ Onde é que ele vive?

E ele respondeu uma mentira:

_ É para lá. Eu vi.

_ Oh!! É pra lá! - Dizem os irmãos.

_ Vamos ver!

E eles saíram a procurar e encontraram! O *jaburu-isãmĩ* estava lá pegando peixes, dois jaburus estavam pegando peixes em água bem rasa. Os três conversavam:

_ Quem é que vai primeiro?

O caçula respondeu:

_ Eu eu que vou! Eu é que vou quebrar e arrancar o bico dele! Eu vou!

Então ele foi.

Tentou se transformar em peixe (*yãuru*), mas não conseguiu se transformar em peixe. Os irmãos assopram, assim ele conseguiu se transformar. Ele seguiu como peixe, se aproximou... *ku'ku'ku*, passou no rasilho na frente dele.

O jaburu viu e correu atrás dele. *Tara'tara'tara, tai..* Ele pegou, o engoliu e bateu o bico.

_ Ahhhhh Ele o engoliu.

_ É! Ele o pegou. - Disse o irmão.

_ Puxa! Ele foi pego de novo!

Ele se transformou em marimbondo e voou, foi pousar no bico do jaburu, colheu um pouco de sangue que tinha sobrado no bico dele e trouxe! Colocaram o sangue em uma folha de banana brava e assopraram: huuuuuuuuuu... Ele se levantou e disse:

_ Ohhhh... o que foi que aconteceu comigo? - disse, passando as mãos no rosto.

_ Não diga nada! Você é assim mesmo, não é? É por sua causa que nosso pai vive zangado conosco. – disseram os irmãos.

E o irmão mais velho disse:

_ Eu vou de novo.

Transformou-se em peixe também e seguiu *ku'ku'ku*. O jaburu correu atrás, tentou pegar, mas quebrou o bico. Então o jaburu caiu e morreu.

A sua esposa estava lá e gritou:

_ Jaburu!!!!

O outro irmão se transformou em peixe, seguiu e apareceu na frente dela, no raso!

Ku'ku'ku seguiu no rasilho. Ela correu atrás, *tara'tara'tara...* Quando ela começou a bicar, ele lhe quebrou o bico. Ela caiu e morreu também. Então juntaram os dois bicos e partiram. Aquilo se tornou facão para eles, e os mais velhos deram os facões ao caçula, para ele levar para o pai.

E disse ao pai:

_ Você não me contou pai, mas eu encontrei *jaburu-isãmĩ*. Olha o que eu trouxe, eu quebrei! Quebrei o facão dele, quebrei o bico dele. Está aqui.

E o pai disse:

_ Vá guardar, guardar no lugar, lá na mala!

E ele levou e guardou lá.

Pina isãmĩ

_ Você não pode ir procurar *anzol-isãmĩ*, hein? Há *anzol isãmĩ* também.

_ Onde é que ele vive? - Perguntou.

_ Não sei! Vive por aí. Nós nunca o vimos, se vocês forem, ele vai pegá-los. Ele vai matá-los.

Após a conversa com o pai, o caçula voltou e foi se encontrar com os irmãos.

Os irmãos perguntaram:

- O que ele disse?

- Ele disse que tem a *anzol isãmĩ*! Espírito de Anzol.

- Ele contou onde é que ele vive?

- Vocês não podem ir lá, à procura de *Anzol isãmĩ*! - foi o que ele me disse.

- Ele contou onde é que ele vive?

- Disse que vive por aí.

- É, ele deve viver por aí.

Após conversar, foram dormir em casa. Ao acordarem, um perguntou ao caçula:

- Onde é?

Ele respondeu uma mentira:

- Naquela direção lá!

- Oh! É naquela direção lá. - disse o irmão mais velho, apontando a direção contrária, para posição certa.

- Vamos dormir, veremos no sonho!

Quando acordaram, perguntaram para o caçula. O caçula apontou para a direção errada. O mais velho disse:

- É naquele lugar.

E eles foram atrás naquela direção e o encontraram, ele estava pescando. Eles se aproximaram do espírito *Pina isãmĩ* e perguntou:

- De onde é que vocês vêm?

- Nós estamos passeando. E você, o que faz?

- Estou aqui pescando.

Ele estava pegando piranhas. Distanciaram-se e combinaram quem ia ser o primeiro. O mais novo disse:

- Eu vou lá pegar o anzol dele!

- Vá! Pegue o anzol dele!

Ao cair na água, quis se transformar em piranha, mas não se transformou. Os irmãos assopraram e ele se transformou em piranha grande (*pãkĩ ãlãlã*).

- Vá buscar o anzol!

No fundo da água, ele seguiu em busca do anzol, para físgar o anzol e o engoliu.

- Hĩ! Ele, o anzol-*isãmĩ*, pescou ele.

- Hĩĩ! Pescou e retirou da água.

- Oh! Ele o pescou. - disseram os irmãos.

E retirou da água e *tau'tau*! Bateu na cabeça e matou.

- Oh! Ele morreu outra vez – disseram.

E o irmão mais velho transformado em marimbondo se aproximou dele, colheu sangue, pôs em cima de uma folha de banana brava, assoprou e ele se levantou.

- Oh! o que foi que aconteceu comigo? O que aconteceu, hein? - perguntou para os irmãos.

- Você é bastardo mesmo, hein?

E ele ficou passando a mão no rosto dele.

- Eu vou de novo. - Disse o mais velho.

Ele, anzol, *pina isãmi*, estava pescando ainda. E o irmão mergulhou, se transformou em piranha muito grande. Ele seguiu por debaixo d'água e chegou no anzol e ficou puxando como se fosse piranha, físgou o anzol e o engoliu. O *Pina isãmi* puxou a linha pegou-o, quando ele quis tirar d'água, o cortou, arrancou o anzol e o levou.

- Hĩĩ! – disse *Pina isãmi*

- Oh! Que pena que levou meu anzol! - Disse anzol *isãmi*

O irmão voltou lá como os outros irmãos, se transformou em gente novamente e disse:

- Olhem aqui! - mostrou aos irmãos.

- Eu tomei!

O anzol era bem grande. Guardaram no lugar específico. O *pina isãmi* trocou de anzol e voltou a pescar novamente.

Ele, *Pina-isãmi* estava pescando novamente, com o outro anzol. O outro irmão mais velho disse:

- Agora eu que vou lá.

Mergulhou e se transformou em piranha muito grande, foi lá, achou o anzol, puxou a linha e o pegou. Quando tentou tirar pra fora d'água, com a intenção de abatê-lo, a piranha cortou e levou o anzol.

- Ah! Levaram meu anzol outra vez! - disse o *Pina isãmi*!

Depois que pegaram os anzóis, entregaram para o caçula levá-los para o pai.

- Você não me contou, mas eu encontrei o anzol-*isãmi*. Eu peguei os anzóis.

Respondeu o pai:

- Por que vocês foram lá? Não insistam nisso e se algum animal-*isãmi* matam vocês?

O caçula disse ao seu pai:

- Por que você diz que vão me pegar? Não me pegam, não.

- Pegam sim! Vocês vão acabar mortos pelos *kãnia isãmi*!

- Ah! Não pegam mesmo! Não me pegam!

Mentira! Ele próprio foi pego outras vezes.

Dĩla isãmi

O pai disse para os filhos:

- Vocês não devem sair à procura de espírito par reto (*Dĩla Isãmi*).

- Onde é que ela vive? - Perguntou ao pai.

- Não sei... Ela vive por aí... Se vocês se aproximam, ela os corta em pedaços, ela pega vocês.

- E onde é que ela vive?

- Não sei... Eu próprio nunca vi.

E depois de conversar com o pai, o caçula voltou até os irmãos. Os irmãos perguntaram pra ele:

- O que ele disse?

- Onde foi que ele disse que ela vive?

- Por aí, foi o que ele disse.

- Vocês não devem sair à procura de espírito *dīla -isāmī*! Se vocês se aproximam, ela corta vocês em pedaços. Disse-me.

- É mesmo! Ela deve viver nos lugares, vamos dormir para podermos ver, localizar onde vive ela.

Então dormiram, descobriram e a localizaram. O mais velho perguntou, quando acordou:

- Onde é? Por onde vocês viram? Localizaram?

O caçula respondeu:

- É pra lá. - Apontou a direção errada.

O mais velho respondeu:

- Ah, é! É pra lá que está ela! - Apontou para a direção certa.

Após conversar com os irmãos, o caçula foi à casa do pai. E disse-lhe

- Estou indo pai, andar, passear.

Ele voltou. Os irmãos perguntaram pra ele:

- O que ele disse?

- Vocês não devem ir lá, onde está *Dīla isāmī*. Senão ela corta vocês.

- Eu vi onde ela está. - eu disse a ele.

- Vocês não devem ir lá!

Os irmãos disseram:

- Vamos procurá-la!

Após conversar, partiram e chegaram no lugar onde estava *Dīla isāmī*. Ela estava lá a com ponta do pé voltada para a barriga dela. Então ela os cumprimentou:

- Meus netos, que bom que vocês vieram! O que vocês estão fazendo? - ela perguntou.

- Estamos passeando! - responderam.

Ela fincou com o pé na barriga dela.

- Estou cheia de bichos-de-pé, venha extrair meus bichos-de-pé! - ela disse para o caçula.

- Tá bom! Sente-se!

Colocou o banco para sentar encostado numa árvore bem na sua direção, daí quando ela esticou sua perna na sua direção, ele não se defendeu. Então ela o cortou bem no meio. Ele caiu e morreu.

- Ohhhh! Ela o matou! Ela o matou! – disseram os irmãos.

Foram olhar o caçula estava esticado no chão. Transformaram-se em marimbondo (*pitxa dedea*), colheram uma gota de sangue, assopraram a gota de sangue, e com isso o caçula se levantou, indagando:

- O que me aconteceu, hein?

- Perguntou.

Os irmãos disseram:

- Você é bastardo mesmo, hein? - disseram os irmãos.

Agora sou eu que vou tentar, vamos ver se ela me corta também.

- disse irmão mais velho.

E ele foi se sentar encostado na árvore. Ela lhe deu um espinho para ele extrair os bichos do pé. Mal ele começou a extrair, ela tentou cortá-lo, porém, ele quebrou e arrancou o pé dela.

Ela gritou!

- Ohhh! Você quebrou meu tornozelo!! - ela disse.

E ela caiu e morreu.

Daí veio a irmã da *Dila isãmĩ* e sentou do mesmo jeito que estava a outra. O segundo irmão se aproximou dela, e sentou encostado na árvore já preparado. Quando ela começou a se mexer, tentou esticar, também lhe quebrou o pé. Ela caiu, morreu e ele a carregou.

- Olhem aqui! - Mostrou aos outros. Ela morreu.

Então entregaram os tornozelos para o caçula levar ao pai. Quando voltaram a sua casa, o sol declinou e o caçula foi até o pai.

- Você não me contou pai, mas eu descobri, eu a encontrei.

- Por que vocês foram lá? - Se vocês insistirem nisso, vão acabar mortos por espíritos de animais (*kãnia isãmĩ*).

E ele lhe mostrou as que foram pegos *dila isãmĩ*.

- Vá guardá-la na mala.

Então ele guardou.

Arãmi apidaha isãmĩ- kuaha

O pai disse:

- Não vão se encontrar com pedra-de-quebrar-*Arãmi*! Eu lhes oriento, ela vai quebrar vocês, cuidados!

O caçula perguntou ao pai:

- Onde é que ela vive?
- Ela vive por aí. - disse o pai.

O caçula voltou para os irmãos e eles perguntaram a ele:

- O que ele disse?

O caçula respondeu:

- Pediu que nós não nos encontremos com pedra-de-quebrar, *arãmi ikaha apidaha isãmĩ*.
- Ele disse: “ela vai quebrar vocês”.

- Oh! É mesmo! Vamos dormir para nós vemos melhor.

E assim dormiram e, ao acordar, o irmão mais velho perguntou:

- Onde é? Por onde vocês viram?

O caçula respondeu:

- É pra lá! - apontou para a direção errada.
- Não, é pra lá. - disse o irmão mais velho e, apontou para a direção certa.

Então, assim eles foram procurar a pedra-de-quebrar-coco- *arãmi apidaha isãmĩ*.

Chegaram onde ela estava. Ela estava lá quebrando seus cocos de babaçu.

Ela cumprimentou eles:

- Vocês chagaram, meus netos? De onde é que vocês vêm?
- Nós estamos passeando, visitando você.
- Está bem! Quanto a mim, estou aqui, quebrando coco de babaçu. Vocês podiam me ajudar, hein?

E ele, o caçula disse:

- Está bem, vou lhe ajudar.

O caçula se juntou a ela, sentou na frente para quebrar o coco e, ela o esmagou com sua grande pedra.

- Ah! ela o esmagou, quebrou!

Disse o irmão mais velho:

- Eu vou lá, quero ver se ela me quebra?!

Aproximou-se dela e lhe perguntou:

- Posso ajudar?

- Sim! Venha me ajudar! Estou quebrando coco de babaçu. Você sabe quebrar coco?

Pode vir! Sente-se aqui!

Ele se aproximou. Quando ela se mexeu e levantou o braço, rapidamente ele segurou o braço dela e quebrou o seu pulso. Ela gritou:

- Ah!!! Você quebrou meu pulso!

Caiu e morreu.

Os irmãos foram ver o caçula que estava quebrado, e colheram o seu sangue e assopraram. Ele se levantou, passou as mãos no rosto e disse:

- Oh! O que foi que houve comigo?

- Você é assim mesmo! É por sua causa que nosso pai vive zangado conosco. E deram as pedras a ele.

- Vamos levar isto! – disseram.

E levaram. O caçula chegou no pai e disse:

- Você não me contou nada, mas eu a encontrei. Olha aqui o que eu trouxe!

- Oh! vocês foram procurá-la?

- Nós fomos, sim.

- Por que é que vocês vivem procurando esses lugares? Cuidado!! Não insistam nisso ou espíritos pegarão vocês. Vocês vão acabar mortos.

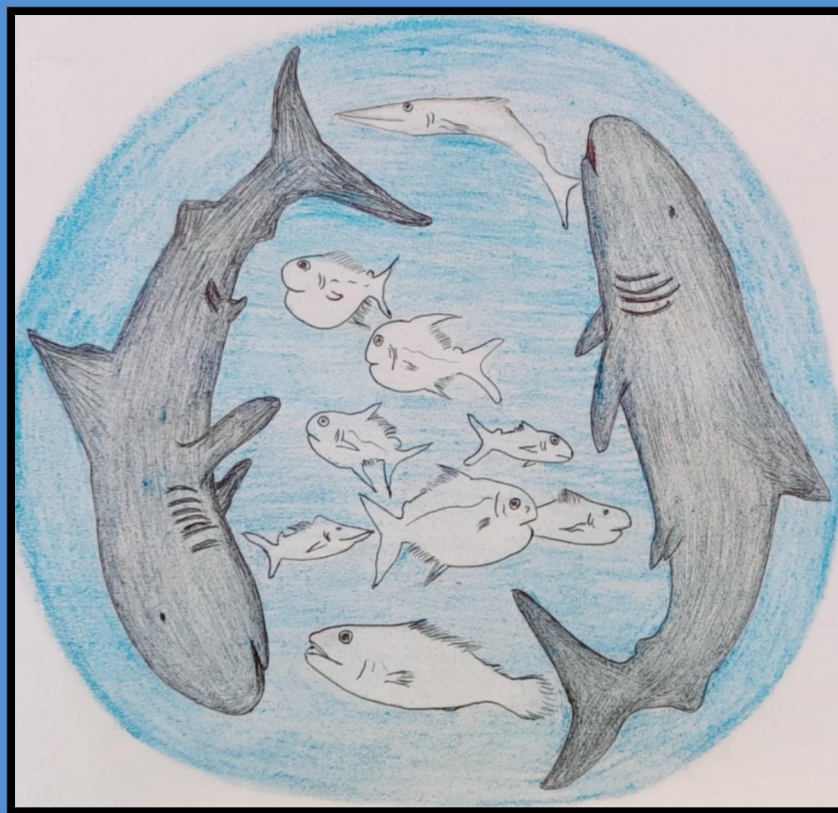
- Por que você fala comigo dessa forma? Eu sempre descubro o que você se recusa a me contar. Sempre vejo e busco!

- Está bem! Pode guardar na mala!

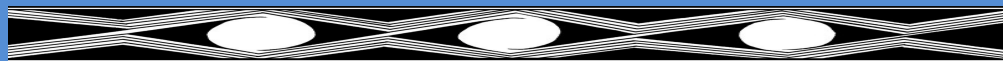
E foi guardar as pedras na mala.

Tudo que eles pegaram foi guardado no lugar certo, lugar específico para cada tipo do que foi pego. Quando pegaram tudo, o pai deles, *Selã' ã*, assoprou e as coisas pegas transformaram-se em objetos como: facão, prensa, anzol, par reto e cavadeira.

PITXA E E Ñ ABĪAHA, A I PE SEHA EPĪA HE, IYA XIPA HE



KARIN JURUNA



2023

Fotos

Djonari Juruna

Xu' ena Juruna

Thales Mariwade Juruna

Areaki Juruna

Karin Juruna

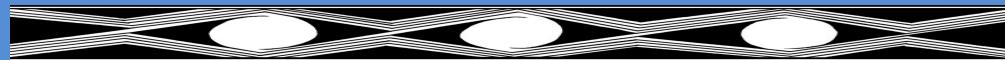
Tarinu Juruna

Thales Mariwade Juruna

Yaikade Juruna

Dayalu Juruna

Yaimaki Juruna



Autores dos desenhos

Dakiwaku Juruna

Sedu Juruna

Kudayawa Juruna

Arekadu Juruna

Tamaika Juruna

Tamakade Juruna

Kayamadu Juruna

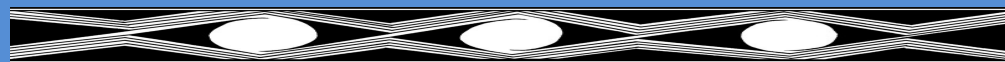
Marebidu Juruna

Areaki Juruna

Yarima Juruna

Autor da capa

Tamakade Juruna



ABĪAHA

Una kī papera mamaku alu ī papera ā ’ āhai ta, si da seme papera aka he dakuperi yāhā ha alu, ali dju, separahai dju ī urahu tahai. Kī papera sebe pitxa abī alu, ila: PITXA E E Ī ABĪAHA, A I PE SEHA EPĪA HE, IYA XIPA HE. Pitxa, anasē ila. Kī papera sekamena da ewāxī alu ī pitxa ā ā dju au anu, si ide sawīyai, se urahai abī yāhā ubahu ide seha ha anu, anasē si Yudja ha tade seme papera aka he si da kuperi yāhā ha anu. suduha he edakī si da sekamena pīdīku yāhā ha ī da yūmītxiū yāhā ha anu. iwaxīhā sekamena kī da alu, si Yudja ha sade ide udaseha ubahu yāhā ha alu, ī dakī ā ā ta.

Ulu udi kamenu dade pae, bitīhu si pitxa izaku seha, izakaū seha, ila ubahaū sehamamaka papera de a udiha kamenu, a ’ ī pe seha he. Ubaha si pitxa izakaū seha ila be sekana he. Una ubahu yāhā be kī papera urahu iba tese, yūmītximā se kamena mamakaha be papera aka he, awae papera ā ’ ā hai dume papera xu ide yāhā ha, seme papera aka he si da kuperi yāhā ha.

Kī kuperi si da sekamena yūmītxiū yāhā ha alu ī du si sekamena xu ide yāhā ha ī dakī pitxa abīaha dju ’ a ha alu, kuperi abīaha dju ’ a ha, papera wāxīhai da kuperi yāhā ha, papera ā ’ ā hai dju da kuperi bīaha ī da kī sawai dju.

Kī kuperi ide abī xa ubaha a seha mamaka a dade udi urahu ide kamenu, ali dju, papera ā ’ ā hai dju, sehu ubahu taha ī maxi ubahu txa taha dju ide ulubabīa ha, iwāxīha de, pitxa ā ’ ā de. Ide kamenu daha: papera aka he si idju se ide kuperia a udi. Sudu hadei anasē ide kuoeri duha alu, papera ā ’ ā hai ī sawīyai sabīaha ubahu tahai.

Ide wābi hidji pitxa abīaha ēdu, ubahu duha ha udi ubahu taha be hae, ulu da kamena ha suyāhā de ulube abībīa urahu ulube wābi kī papera mamaku duha he.txi dai ha dade ubaha ha anu. Abī da ulu be te, sutadei udi iwāwā te, imamaku te papera de ī ā ’ ā ta. Masehu tade yaekua te ī pitxa āhā daiku, wīwīha ha xu te, su udi xu te papera aka he ī dakī kuataha, araxidji udi xu te.

Abīaha ēdu udi, ulu djuda da kamenu ubahu taha, sebe pa ’ uraha ha taha: Sadea Juruna, Nario Juruna, Duyadi Juruna, Durio Juruna ī Tarinu Juruna. Ulu udi anasē xu yāhā kuperi amī, ila: Pitxa e ’ e ī abīaha, a ’ i pe seha epīa he, Iya Xipa he, txi abī una a ’ iesebe hae.

Udasea esi te ī esi e ’ e ubaha!

Karin Juruna

APRESENTAÇÃO

Esse livro foi elaborado por mim e pelos meus alunos e alunas, como um material de apoio didático, especificamente para nossa escola, nossas crianças, jovens e os adultos (as). O livro traz informações sobre peixes, o nome intitulado: “Sabores e Saberes tradicionais sobre os peixes do Xingu”. É escrito na língua materna, com desenhos dos peixes, é o registro dos nossos conhecimentos ancestrais, e vai ser utilizado em todas escolas do povo Yudja. Além disso, é um material que contribui para a manutenção e fortalecimento de nossa língua materna. As palavras e frases estão escritas na nossa língua materna, para que os Yudja se sintam bem com a leitura ou desenhos.

Temos nossos sentimentos ou pensamentos, em escrever, fazer o registro de todos os nomes dos peixes que conhecemos na nossa região, descobrir os nomes e os peixes que ainda não conhecíamos, em nossa língua Yudja. Tenho a esperança de que esse trabalho ajudará cada dia mais, fortalecendo a prática de escrita da nossa língua materna na escola, para que cada vez mais nossos estudantes pesquisem ou participem da produção de materiais pedagógicos para serem utilizados em nossas escolas Yudja.

Esse trabalho é uma estratégia a mais para valorização e preservação de nossa língua materna, também, é uma fonte de informação sobre os peixes, como um dos principais materiais a ser utilizado pelos professores e pelos alunos da nossa escola e na comunidade.

Para desenvolver esse produto educacional, foi uma grande responsabilidade e dedicação, junto com os(as) alunos(as) do ensino médio e ensino fundamental que poderiam fazer parte da elaboração desse trabalho. Foi pensado num percurso

pedagógico para desenvolver as atividades na escola. Portanto, ressalto que o produto foi produzido coletivamente com os alunos na escola e com as participações dos anciões e anciãs.

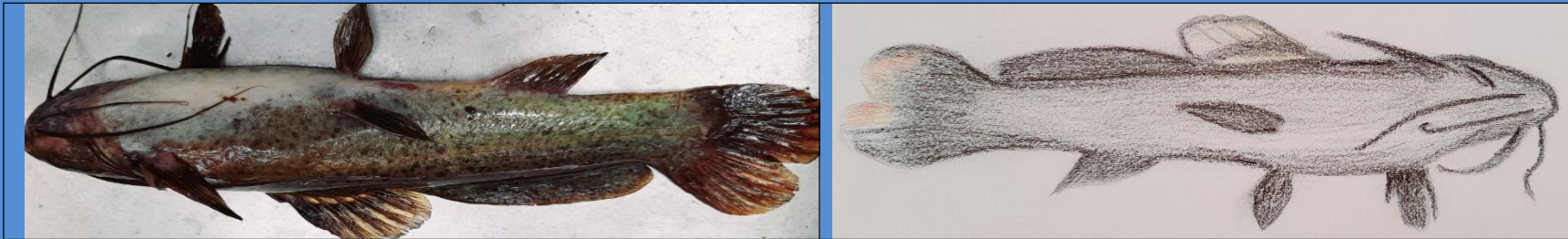
Para facilitar um entendimento melhor sobre os peixes, a participação dos anciões foi fundamental nesse processo de construção deste produto educacional, porque eles são conhecedores das histórias. Eles contavam a história, e os alunos gravavam, anotavam, transcreviam, faziam desenhos, apresentavam para classe, até fizeram jogos de memória com fotos de peixes. Assim, desenvolvemos este percurso em forma de Oficina Pedagógica, na escola, no pátio da aldeia, assim coletivamente.

Ouvimos histórias contadas pelos anciões e anciãs: Sadea Juruna, Nario Juruna, Duyadi Juruna, Durio Juruna e Tarinu Juruna. O resultado do nosso trabalho coletivo é este catálogo intitulado: “*Sabores e saberes tradicionais sobre os peixes do Xingu*”, que apresento a todos vocês.

Pode ler e saborear sem moderação!

Karin Juruna

Ĩnĩ



Iutaha: Iutaha hidji, kuhala ĩ pitxa atxa

Pe yãhã: Yubaha he anu ĩ tawa he anu ta

Ĩnĩ amĩ, pitxa ipãkĩ tĩhaũ yãhã ha anu, ixu si ali na xĩ tade te anu, wãbi anu. Ikarikama hinaku da i' urahai te anu, si dudju ikariku tade ali mamiãmia hide ĩ ena'ena hide ta. Uhu tade kĩ ixu seha wãbi anu. Iwĩyã ha wãbi anu, ĩ dakĩ ka ĩ yãhã ha... asa bi si ixu te anu ĩ aparũ bi ta, e'e anu.

Txatxari



Iutaha: Yutaha hidji, kuhala, pitxa atxa ĩ atĩha ta

Pe yāhā: ĩyātĩbĩa aya a anu, ewaa, tawa ĩ yubaha a anu ta

Txatxari amĩ, pitxa ipākĩ tĩhaũ yāhā ha anu. Ixu si ali na xĩ tade txatxari be anu, wābi anu. ikarikama hinaku ali i uraihai ha sade te anu, si dudju ikariku tade ali mamiāmia hide ĩ ena'ena hide ta, da makabĩ mahide, ali na xĩ tade pitxa ipudju te wāriũ anu. Uhu tade kĩ ixa hinaku seha wābi anu. Iwĩyā ha wābi anu ĩ dakĩ ka ĩ yāhā ha, asa bi si ixu te anu ĩ aparũ bi ta

Txatxari idja



Iutaha: Iutaha hidji kuhala, pitxa mabïa ï pitxa atxa

Pe yãhã: Yubaha anu, eta de ï tawa he anu ta

Amï pitxa txatxari idja ixaũ si ali na xĩ tade te anu, ï si ikarikaũ te anu. Si dudju ikariku tade ali mamiãmia hide ï ena'ena hide. Ali sehu urahu yãhã ixu sehai wãbi anu..., iwiyã ha wãbi anu ï dakï ka ã yãhã ha... asa bi si ixu te anu ï aparu bi ta, e'e anu.

Dīlapitxa



lutaha: lutaha hidji; pitxa mabā, pitxa atxa, kuhala ī atīha ta.

Pe yāhā: Imītima a anu, yubaha anu ī eta de dakī anu ta

Dīlapitxa amī, pitxa ipākī tīhaū yāhā ha dīlapitxa anu. Ixu si ali na xī tade dīlapitxa be anu, wābi anu. Ali na xī tade kī si ikarikama hinaku i uraihai ha sade te anu, si dudju ikariku tade ali mamiāmia hide ī ena'ena hide ta, da makabī mahide, ali na xī tade pitxa ipudju te wāriū anu. Uhu tade kī ixa hinaku seha wābi anu. Iwīyā ha wābi anu, ka ē yāhā ha, asa bi si ixu te anu ī aparū bi ta.

Alu'i

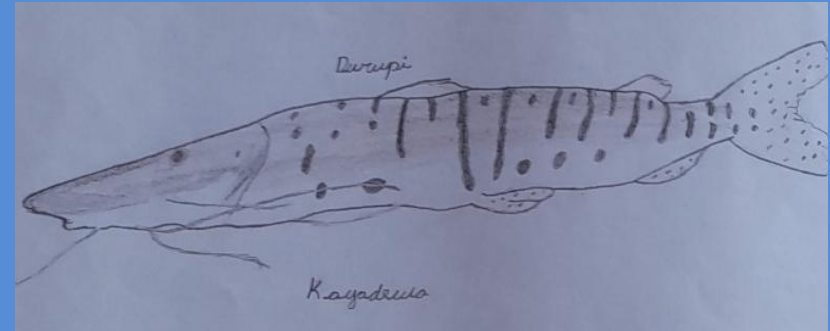


Iutaha: Pitxa mabä, kuhala i pitxa atxa ixu anu ta

Pe yähã: Iya iwãrĩ he anu i yubaha he ta

Alu'i amĩ, pitxa ipãkĩ tĩhaũ yähã ha anu. Ixu si ali na xĩ tade alu'i be anu, wãbi anu. Ali na xĩ tade kĩ si ikarikama hinaku ta anu i uraihai ha sade. Si dudju ikariku tade ali yũmita he hide, mamiãmiã hide i ena' ena hide ta, da makabĩ mahide... ali na xĩ tade pitxa ipudju te wãriũ anu. Uhu tade kĩ ixa hinaku seha wãbi anu. Iwiyã ha wãbi anu, asa bi si ixu te anu. Kã' ẽ yähã ha wãbi anu, asa bi si ixu te anu i aparũ bi ta.

Durupi

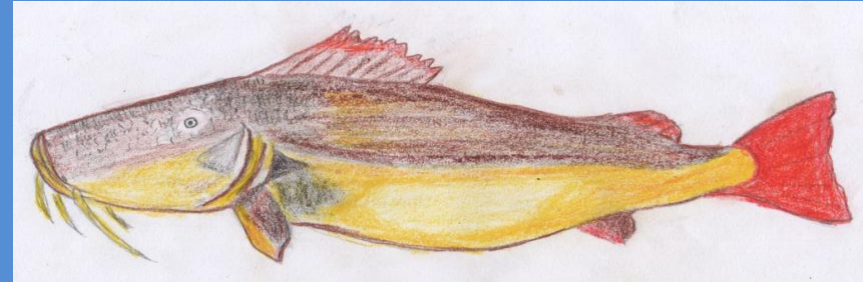


Iutaha: Pitxa mabā, kuhala ī pitxa atxa ixu anu ta

Pe yāhā: Iya iwārī he, yubaha he, etade ī iyātībā aya he

Durupi amī, pitxa ipākī tīhaū yāhā ha anu. Ali xī tade kī si ixaū te anu, ali na xī tade idju sade ali be dubidāmā daika hide, ali ware ware a hide ī si dakī i’ urahai ha sade ikarikaū te anu. Ali urahu tade kī ixu seha wābi anu. Si dudju ikariku tade ali yūmita he hide, mamiāmiā hide ī ena’ ena hide ta, da makabī mahide... ali na xī tade pitxa ipudju te wāriū anu. Durupi iwīyā ha wābi anu, kā ’ ē yāhā ha, lūsīrīrī ha, asa bi si ixu te anu ī aparū bi ta.

Txatxari

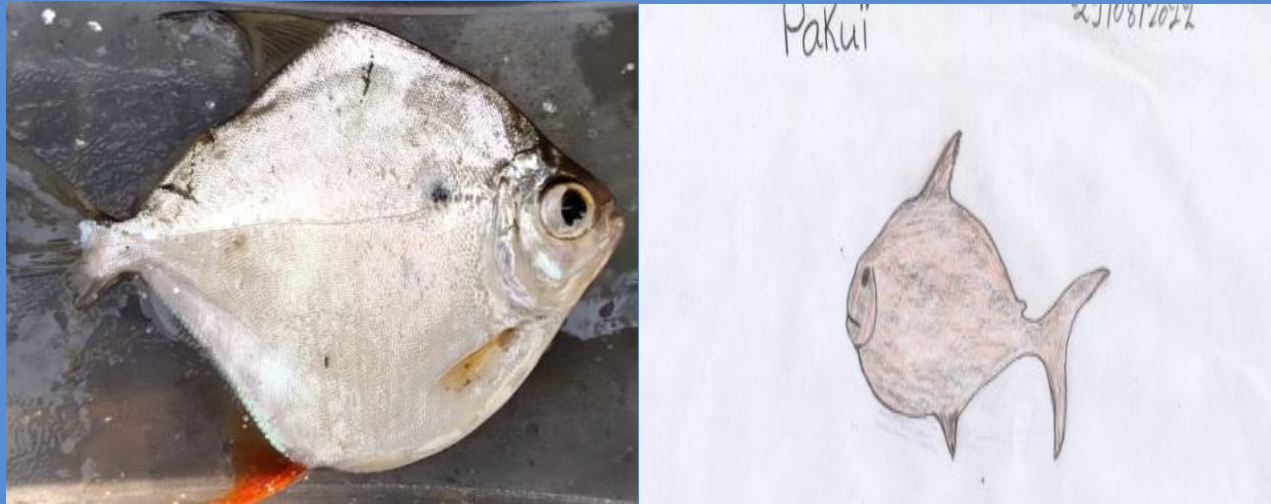


Iutaha: Pitxa mabãa, u' a, kuhala ã pitxa atxa ixu anu ta

Pe yãhã: Iya itxabĩ he au anu, iya iwãrĩ he, yubaha he ã eta de au na

Txatxa amĩ, pitxa urahu yãhã ha anu, ipãkĩ tĩhaũ anu. Dai sudu ha he sebe kaipa' ĩ anu, ali xĩ tade si ixaũ te anu, ali yumita te hide, si idju ixu tade ali be dubidãmã daika hide. Sutade ali ware ware ã dakĩ mamiãmiã, ena' ena hide txi kĩ he yũmita tesa hide, suyãhã de si ali na xĩ tade ikarikaũ te anu, ali urahu tade kĩ ixu seha wãbi anu. Txatxari iwĩyã ha wãbi anu, kã' ĩ yãhã ha, lūsĩrĩrĩ ha wãbi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparũ bi ta.

Pakuĩ

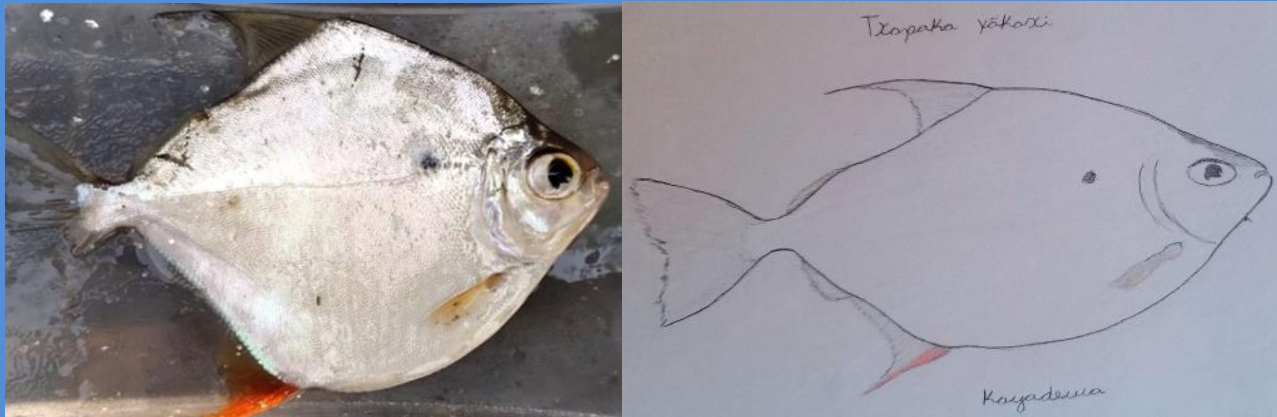


Iutaha: Ka' a i' a, Kuhala, txudaha, awãtxaberi, eda, kupadaha, kania atxa, pitxa mabĩa ĩ pitxa atxa

Pe yãhã: Iya itxabĩ he anu, imĩtxima, yubaha, iyatĩda ĩ tawa he anu

Pakuĩ amĩ, pitxa wãbi yãhã ha anu, ipãkĩ au anu. Dai si su yãhã ali pasã tade ixaũ te anu, ali hi i' ũ na adaka hide. Suyãhã de si ali xĩ tade ixaũ te anu, ali yumita yãhã de, si idju ixu tade ali be du ũna adaka daika hide. Suyãhã de si ali na xĩ tade ixaũ te anu, ali urahu tade kĩ ixu seha wãbi anu. Pakuĩ iwĩyã ha wãbi anu, kã' ĩ yãhã ha, lūsĩrĩrĩ ha wãbi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparũ bi.

Txapaka yākuxi

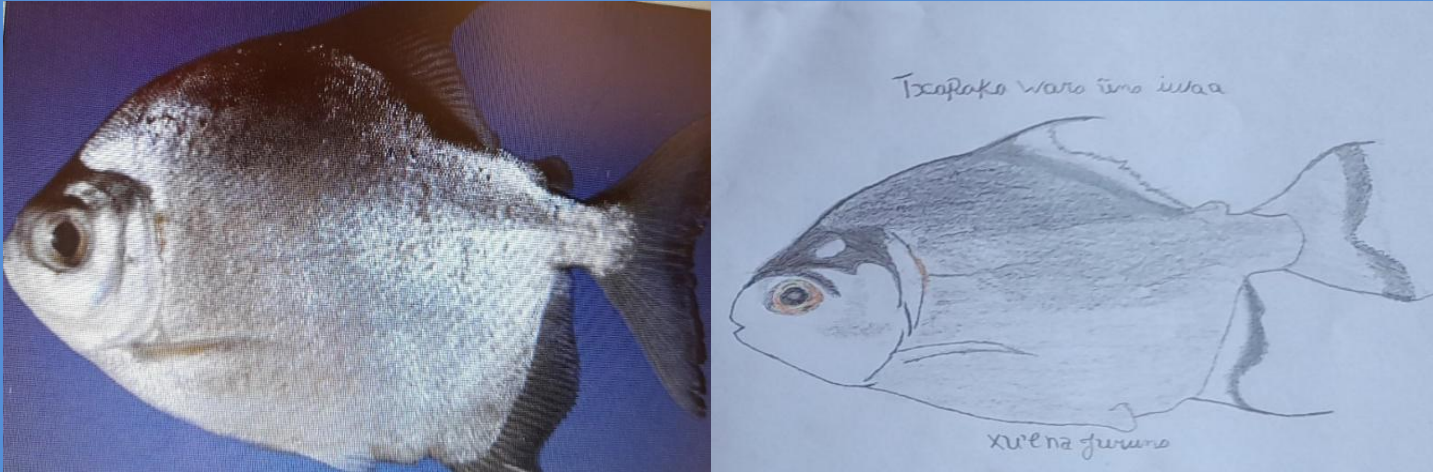


Iutaha: Kuhala, atīha, eda, kupadaha, awātxaberi, are, txudaha

Pe yāhā: Iya itxabī he anu, imītxima, yubaha, iyatīda ī tawa he anu

Txapaka yākuxi amī, pitxa wābi yāhā ha anu, ipākī au anu. Ixu si ali na xī tade te anu, wābi anu. Iwīyā ha wābi anu, kā' ē yāhā ha, lūsīrīrī ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ī aparū bi ta.

Txapaka wara ũna iwaa

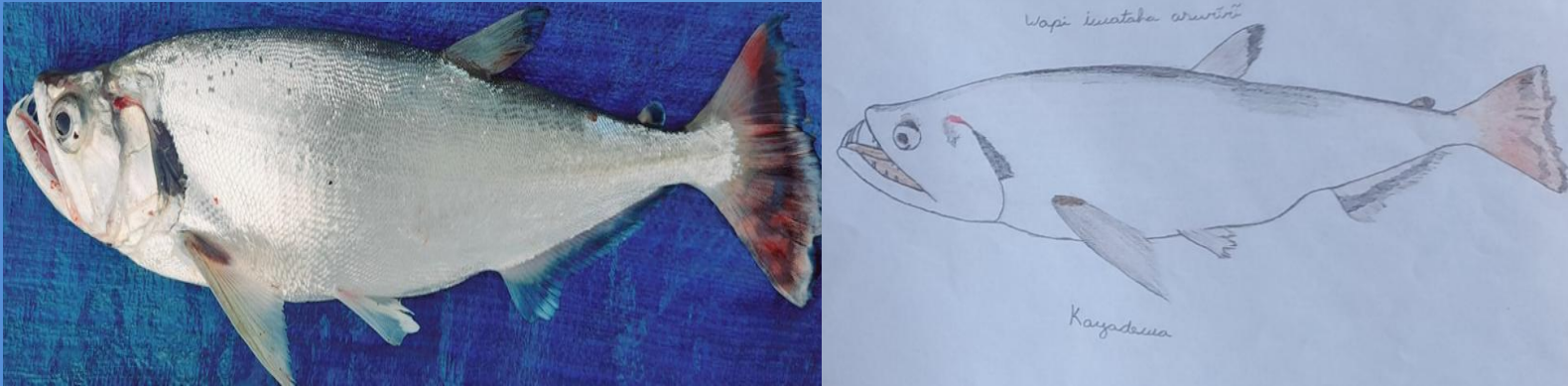


Iutaha: Kuhala, atīha, eda, kupadaha, awātxaberi, are, txudaha

Pe yāhā: Iya itxabī he anu, imītxima, yubaha, iyatīda ī tawa he anu

Txapaka wara ũna iwaa amī, pitxa wābi yāhā ha anu, ipākī au anu. Ixu si ali na xī tade te anu, wābi anu. Iwiyā ha wābi anu, kā' ē yāhā ha, lūsīrīrī ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ī aparū bi ta.

Wapi iwataha asurĩĩ



Iutaha: Pitxa mabĩa ĩ atxa

Pe yāhā: Iya itxabĩ anu, ĩwarĩ anu

Wapi iwataha asurĩĩ amĩ, idja pa matxia dade ixaũ te anu, isamĩ hi akũbĩa he atxu txua te hide ĩ dakĩ imabĩa imĩria ebĩa hide. Suyāhā de si ali na xĩ tade i urahai ha sade ixaũ te anu, sehu ali urahu tade kĩ ixu seha wābi anu. Iwiyā ha wābi anu, kā' ĩ yāhā ha, lūsĩrĩrĩ ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparũ bi ta.

Wapi iwataha awiĩwĩĩ



Iutaha: Pitxa mabĩa ĩ atxa

Pe yāhā: Iya itxabĩ anu, ĩwarĩ anu

Wapi iwataha awiĩwĩĩ amĩ, idja pa matxia dade ixaũ te anu, isamĩ hi akũbĩa he atxu txua te hide ĩ dakĩ imabĩa imĩria ebĩa hide. Suyāhā de si ali na xĩ tade i urahai ha sade ixaũ te anu, sehu ali urahu tade kĩ ixu seha wābi anu. Iwĩyā ha wābi anu, kā' ĩ yāhā ha, lūsĩrĩrĩ ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparũ bi ta.

Yākarepitxa



Iutaha: Pitxa mabĩa ĩ atxa

Pe yāhã: Iya itxabĩ he anu ĩ yubaha he anu

Yākarepitxa amĩ, idja pa matxia dade ixaũ te anu, isamĩ hi akũbĩa he atxu txua te hide ĩ dakĩ imabĩa imĩria ebĩa hide. Suyāhã de si ali na xĩ tade i urahai ha sade ixaũ te anu, sehu ali urahu tade kĩ ixu seha wābi anu. Iwĩyã ha wābi anu, kã ’ ĩ yāhã ha, lūsĩrĩrĩ ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparũ bi ta.

Yākūdā

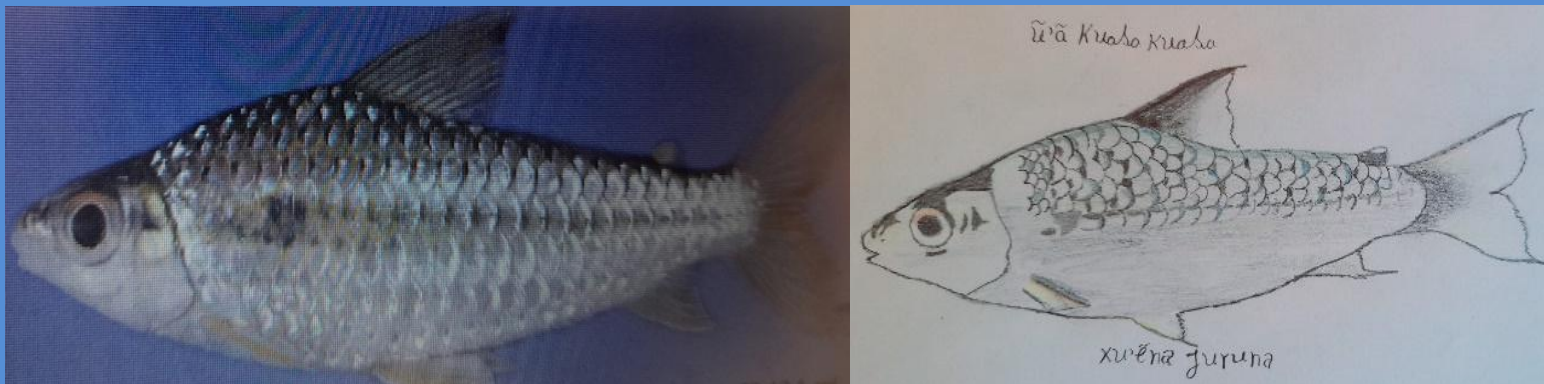


Iutaha: Kuhala, pitxa mabĩa ĩ atxa.

Pe yāhā: Tawa he anu, yubaha he nanu

Yākūdā amĩ, ixu si ali na xĩ tade te anu, wābi anu. Iwiyā ha wābi anu, kā’ ě yāhā ha, lūsĩrĩrĩ ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparũ bi ta.

Ũ ã kuasa kuasa

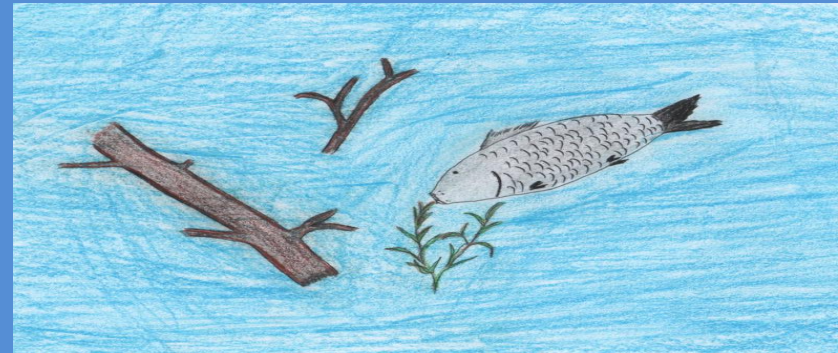


Iutaha: Pu ũma ixu anu

Pe yãhã: Yubaha he anu

Ũ ã kuasa kuasa amĩ, ixu si ali na xĩ tade te anu, wãbi anu. Iwĩyã ha wãbi anu, ũpĩ ha, apetxa ha, kã' ě yãhã ha, lūsĩrĩrĩ ha wãbi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparũ bi ta.

Kiriata



Iutaha: Pu ũma, iya ũna

Pe yāhā: Tawa anu, yubaha he anu ĩ iya itxabĩ he anu

Kiriata amĩ, ixu si ali na xĩ tade te anu, wābi anu. Iwiyā ha wābi anu, kā' ĩ yāhā ha, lūsĩrĩrĩ ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparū bi ta.

Kiribaxi

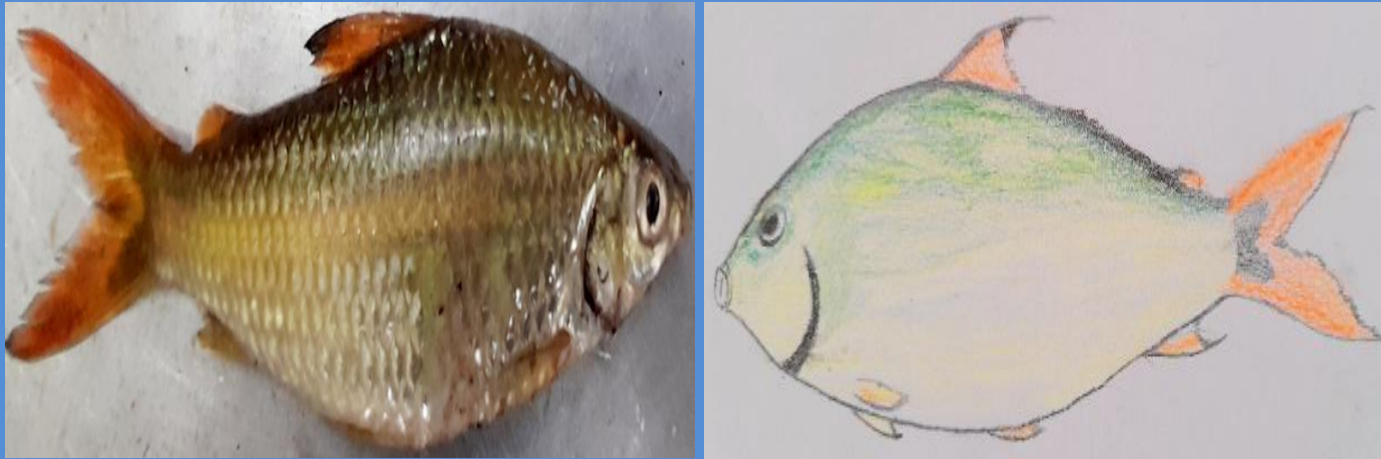


Iutaha: Pu ũma ixu anu

Pe yāhā: Yubaha he anu, tawa he ĩ iya itxabĩ he anu ta

Kiribaxi amĩ, ixu si ali na xĩ tade te anu, wābi anu. Iwiyā ha wābi anu, kā' ĩ yāhā ha, lūsirĩrĩ ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparu bi ta.

Kiriata a'a



Iutaha: Pu ūma ixu anu

Pe yāhā: Yubaha he anu, tawa he ī iya itxabi he anu ta

Kiriata a'a amī, ixu si ali na xī tade te anu, wābi anu. Iwiyā ha wābi anu, ūpī ha, kā' ē yāhā ha, lūsīrīrī ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ī aparū bi ta.

Udĩdĩka

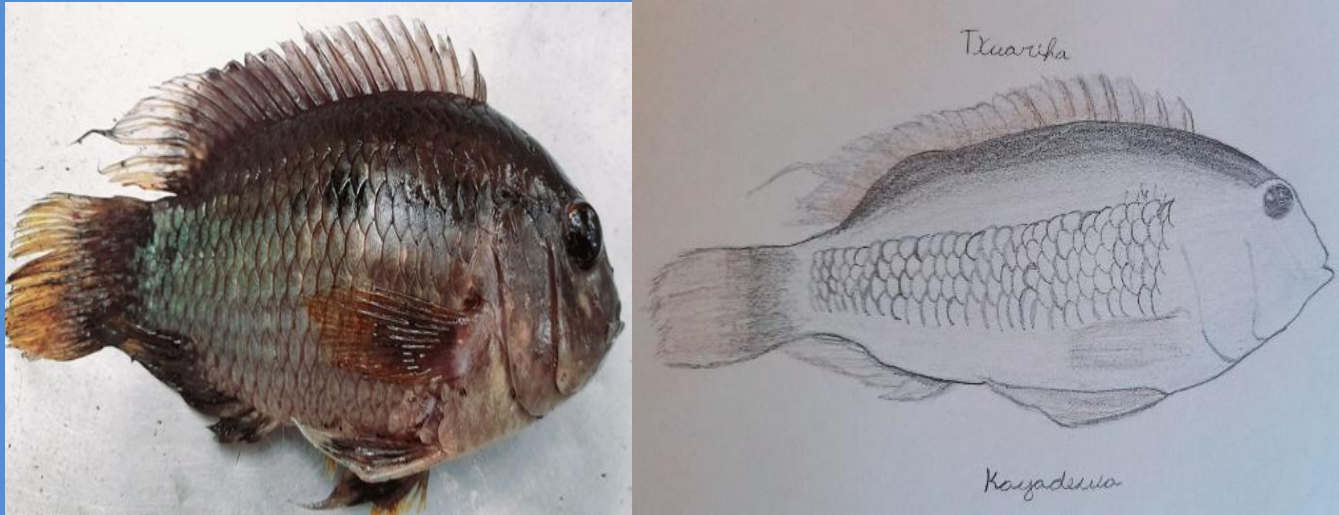


Iutaha: Iya ũna ixu anu, kuhala ixu anu

Pe yāhā: Tawa he a nu, arupa atuku anu

Udĩdĩka amĩ, ixaũ si te alu, sabeta da hi si ena ena ena, suyāhā de si ixaũ te alu.

Txuariha



Iutaha: Iya ũna, kuhala

Pe yāhā: Tawa he a nu, arupa atuku anu, abaha bi au anu

Djuariha amī, ixu si ali na xī tade te anu, wābi anu. Iwiyā ha wābi anu, ũpī ha, kā' ē yāhā ha, lūsiriri ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparū bi ta.

Pakī idīka (ilaruriri)



Iutaha: Epa i a, kuhala, u a, kania atxa

Pe yāhā: Iya itxabī he, yubaha he ī tawa he ta

Pakī idīka (ilaruriri) amī, idja pa matxia dade ixaū te anu, isamī hi akūbīa he atxu txua te hide ī dakī imabīa imīria ebīa hide. Suyāhā de si ali na xī tade i urahai ha sade ixaū te anu, sehu ali urahu tade kī ixu seha wābi anu. Iwiyā ha wābi anu, kā' ē yāhā ha, lūsīrīrī ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ī aparū bi ta.

Pakĩ maĩhura (yũpĩpĩ)

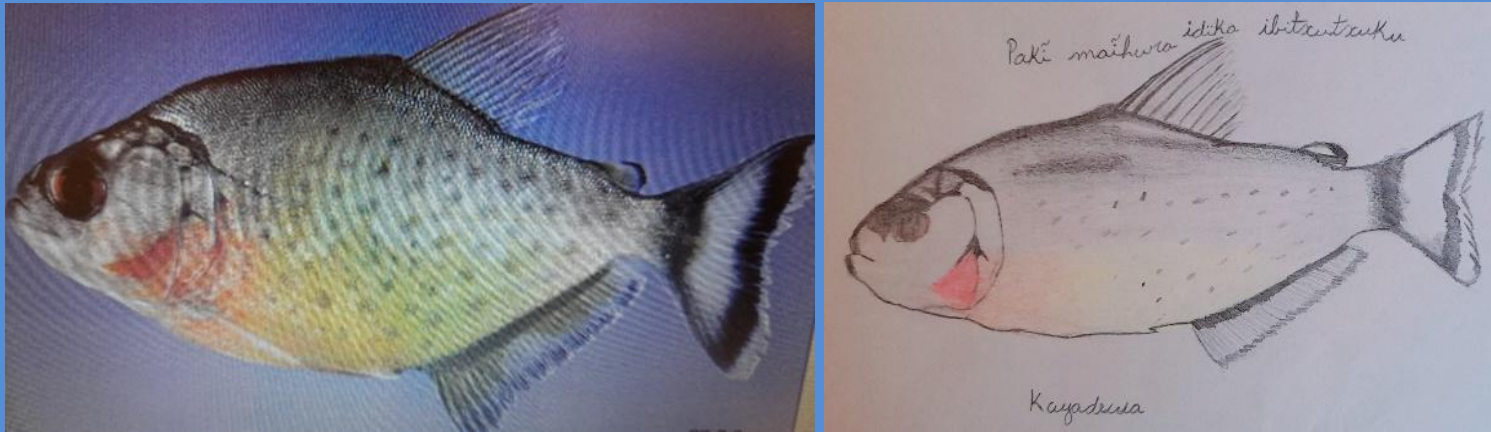


Iutaha: Kuhala ĩ pitxa atxa

Pe yāhā: Tawa he anu ĩ yubaha he anu

Pakĩ maĩhura yũpĩpĩ amĩ, idja pa matxia dade ixaũ te anu, isamĩ hi akũbĩa he atxu txua te hide ĩ dakĩ imabĩa imĩria ebĩa hide. Suyāhā de si ali na xĩ tade i urahai ha sade ixaũ te anu, sehu ali urahu tade kĩ ixu seha wābi anu. Iwĩyā ha wābi anu, kā' ĩ yāhā ha, lūsĩrĩrĩ ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparũ bi, e' e anu.

Pakĩ maĩhura idĩka (ibitxutxuku)

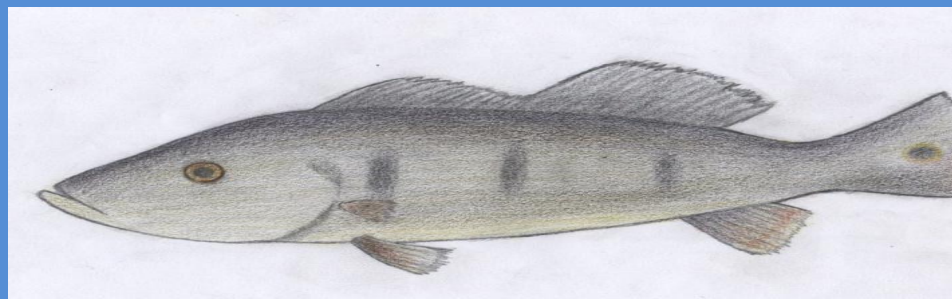


Iutaha: Kuhala ĩ pitxa atxa

Pe yāhā: Tawa he anu ĩ yubaha he anu

Pakĩ maĩhura idĩka (yũpĩpĩ) ĩ pakĩ maĩhura idĩka (ibitxutxuku), amĩ, idja pa matxia dade ixaũ te anu, isamĩ hi akũbĩa he atxu txua te hide ĩ dakĩ imabĩa imĩria ebĩa hide. Suyāhā de si ali na xĩ tade i urahai ha sade ixaũ te anu, sehu ali urahu tade kĩ ixu seha wābi anu. Iwĩyā ha wābi anu, kã ’ ĩ yāhā ha, lūsĩrĩrĩ ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparũ bi ta.

Paria

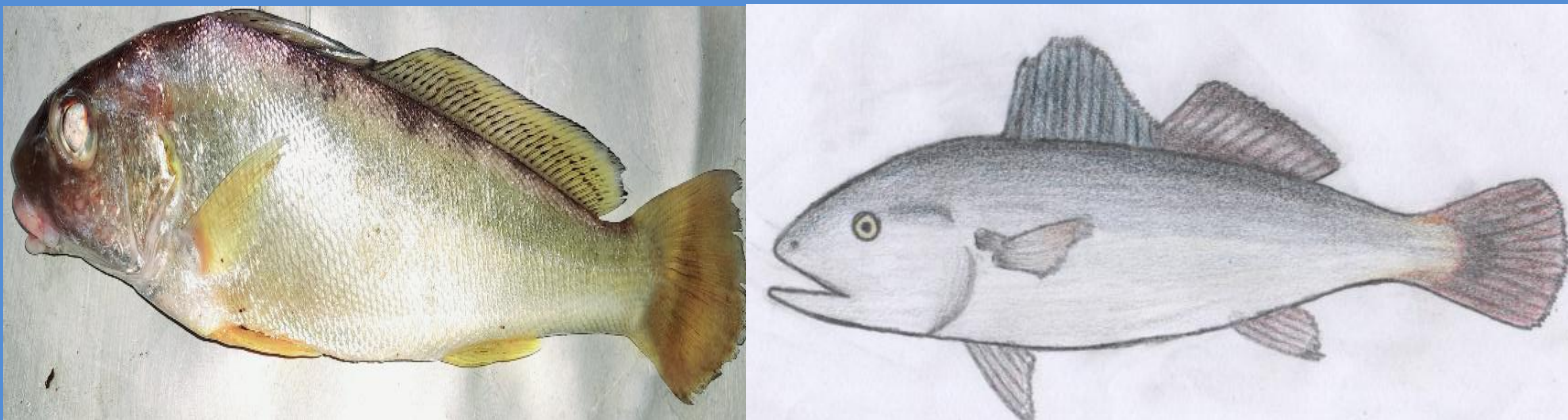


Iutaha: Pitxa mabïa ixu anu

Pe yãhã: Yubaha he, iya itxabï he ã tawa he ta

Paria amï, pa matxia dade idja ixaũ te anu, paru a hi hide, ali dakï yumïta te hide, paru a hide ta. Suyãhã de idja pa matxia dade dũbïa he dade ixaũ paria be anu. Paria iwïyã ha wãbi anu, kã ' ã yãhã ha, lūsïrïrï ha wãbi anu, asa bi si ixu te anu ã aparü bi ta.

Pãrĩ

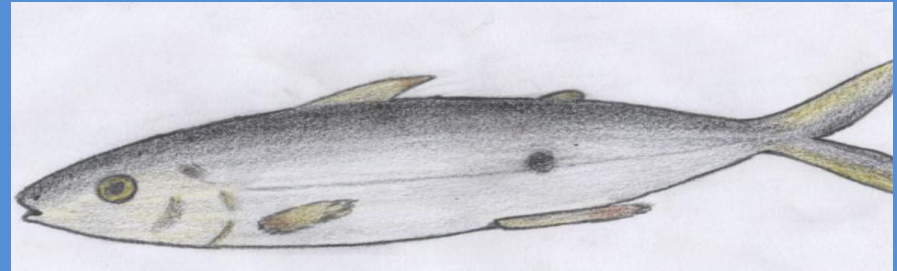


Iutaha: Pitxa mabĩa hidji ĩ atxa ta

Pe yãhã: Iya iwarĩ anu

Pãrĩ amĩ, ixaũ si ali na xĩ tade te anu, ali be hi dubirĩtxima daika hide, sutade hi ali waũla ĩ a hide ĩ dakĩ huruhururu (karãkarãrã) a hide. Suyãhã de si ali na xĩ tade ixaũ anu, ali sehu urahu yãhã he ixu sade wãbi anu. Iwiyã ha wãbi anu, kã' ĩ yãhã ha, lūsirĩrĩ ha wãbi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparũ bi ta.

Pamapama



Iutaha: Pu ūma ĩ iya ūna

Pe yāhā: Yubaha ĩ dakī wī anu

Pamapama amī, ixu si ali na xī tade te anu, wābi anu. Iwīyā ha wābi anu, ūpī ha, kā ’ ē yāhā ha, lūsīrīrī ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparū bi ta.

Pitxi



lutaha: Pitxa mabïa, pitxa atxa

Pe yãhã: Yubaha, tawa, kuaha, iyãtibïa kaya

Pitxi amï, idja pa matxia dade ixaũ te anu, isamï hi akũbïa he atxu txua te hide ï dakï imabïa imïria ebïa hide. Suyãhã de si ali na xï tade i urahai ha sade ixaũ te anu, sehu ali urahu tade kï ixu seha wãbi anu. Iwiyã ha wãbi anu, kã ' ã yãhã ha, lūsiriri ha wãbi anu, lūbali ha wãbi anu asa bi si ixu te anu ï aparu bi, e' e anu.

Biu'ĩ

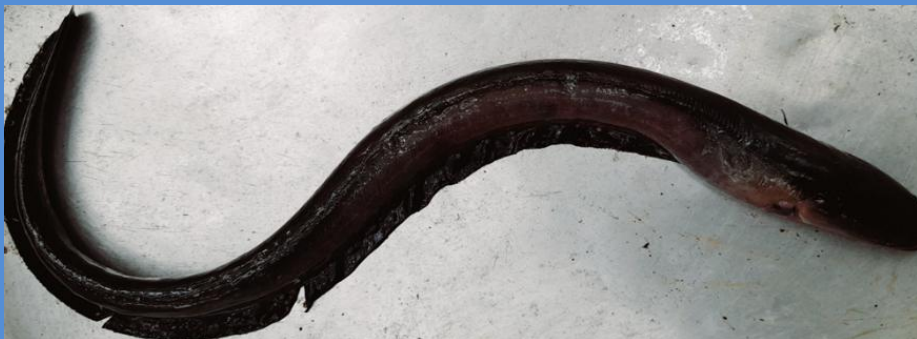


Iutaha: Kurũma, kuhala ĩ epa i a,

Pe yãhã: Tawa he anu, kuaha anu ĩ epa ĩwãrĩ anu

Biu'ĩ amĩ, ali na xĩ tade si ixaũ te anu, dudju ixu sade hi ali ibiruri a hide ĩ dakĩ ali dukare da mamiã hide. Suyãhã de si ali na xĩ tade ixaũ te anu. Biu'ĩ waapa anu, anĩmã da ĩwẽwã anu sade hi si ibĩ' e bĩ' e, dai hi si sumanea eũ makaka, e' u' u' u hi si karara. Iwĩyã ha wãbi anu, ũpĩ ha, kã' ĩ yãhã ha, aparuru he epĩku yãhã e' e anu ĩ lĩsĩrĩrĩ ha wãbi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparuru bi ta.

Huã' ĩ



Iutaha Pitxa mabĩa ĩ kuhala

Pe yãhã: Yubaha he anu, tawa he ĩ ĩyãtĩbĩa aya anu

Huã' ĩ amĩ, ali na xĩ dade ixaũ, ali ĩ' ã hide. Dai duhe waapa anu, ĩwẽwãnu sade hi si sawa ĩtxũrĩna' rĩna rĩna. kã' ĩ yãhã ha wãbi anu, aparũ bi si ixa te hide ĩ asa bi ta.

Yarubika



Iutaha: Pitxa mabā iutaha ha nu

Pe yāhā: lyātībā anu, pēbata anu ĩ arupa atuku au anu

Yarubika amī, ixa si ali na xī tade te hide wābi anu, edaka mita ha tade kī si ixaū te anu. Ūpī ha wābi anu.

Djawa iutxuka txuka

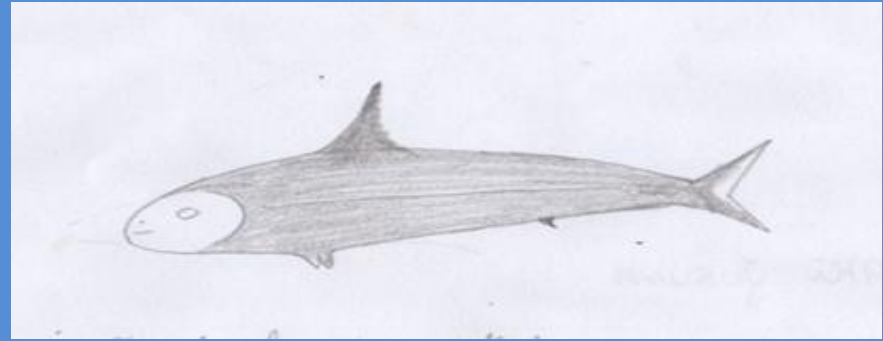


Iutaha: Kuhala ixu anu, pu' ũma, kupa ixu anu ĩ epĭa ixu anu

Pe yāhā: Tawa he anu, iya itxa he ĩ kuaha anu

Txawa amĭ, ixu si ali xĭ tade te anu. Iwĭyā ha wābi anu, ũpĭ ha, kã' ĩ yāhā ha, ĩ lūsĭrĭrĭ ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparu bi ta.

Djawaxiha

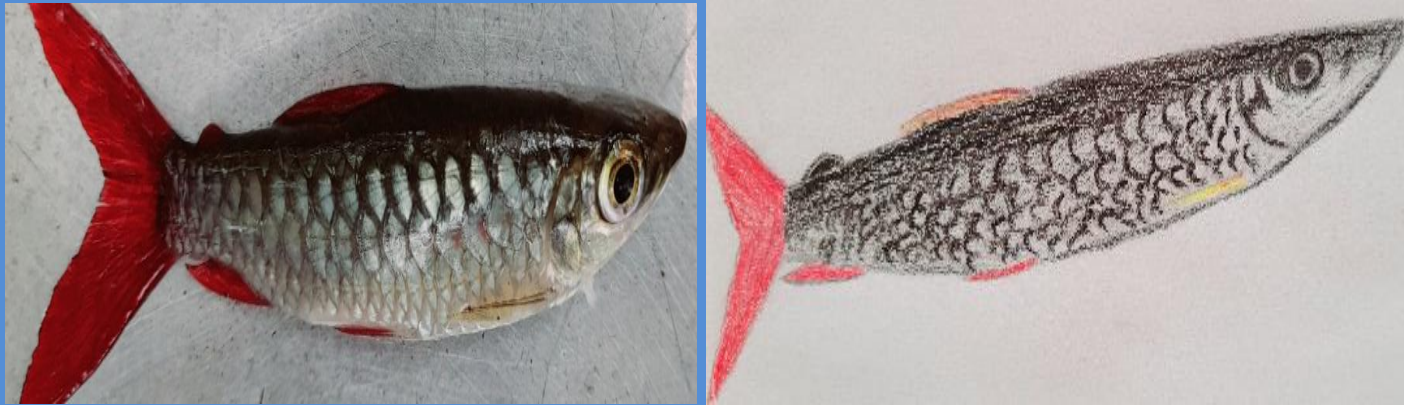


Iutaha: Kuhala, pu' ũma, kupa ĩ iya ũna ixu anu

Pe yāhã: Tawa he anu, yubaha ĩ iya itxabĩ he anu

Txawaxiha amĩ, ixaũ si ali na xĩ tade te anu, ali ũna apeta hide ĩ dukare da mamiã hide, suyāhã de si ali na xĩ tade ixaũ te anu, ali sehu urahu tade kĩ ixu seha wãbi anu. Txawaxiha atxuha ha wãbi anu, asa bi si ixu te anu.

Karure



Iutaha: Kuhala ixu anu ĩ kurũma

Pe yãhã: Tawa he anu, itãtĩbĩa aya anu ĩ arupa anu

Karure amĩ, ixaũ si te anu, ipa' ĩa hi si hide ĩ si sekare da mamiã hide, sudu hade sebe kaipa' ĩ anu.

Dju' a

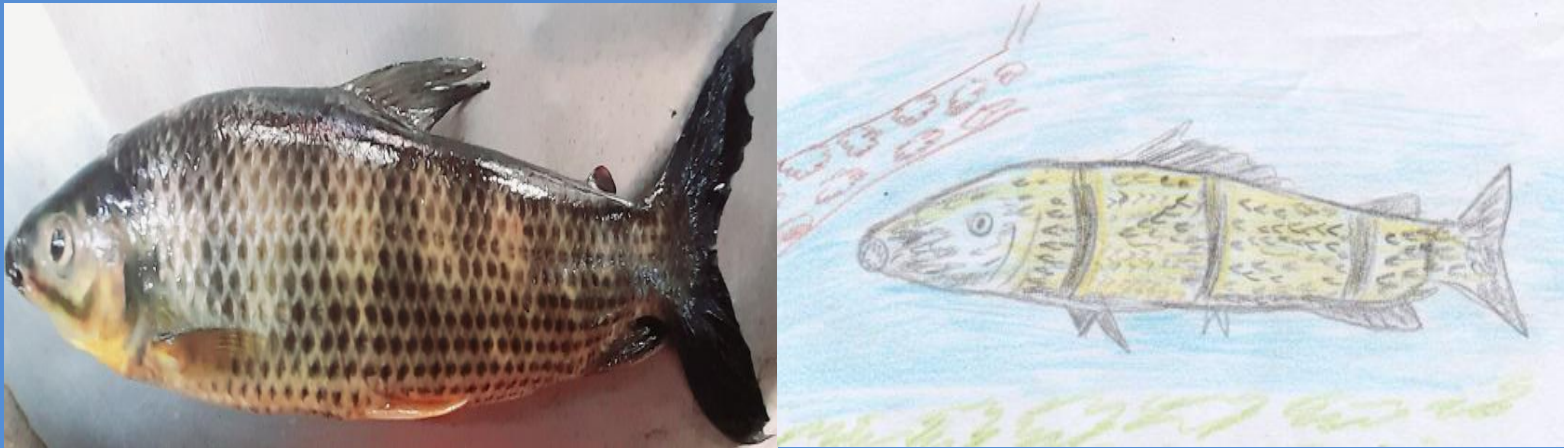


Iutaha: Pitxa mabĩa ixu anu ĩ kuhala

Pe yãhã: Tawa he anu ĩ iyãtĩbĩa anu

Dju' a amĩ, ixaũ si te anu sabeta da hi si ena' ena hide, sebe hi kaneã' ua da hide.

Djawaripa

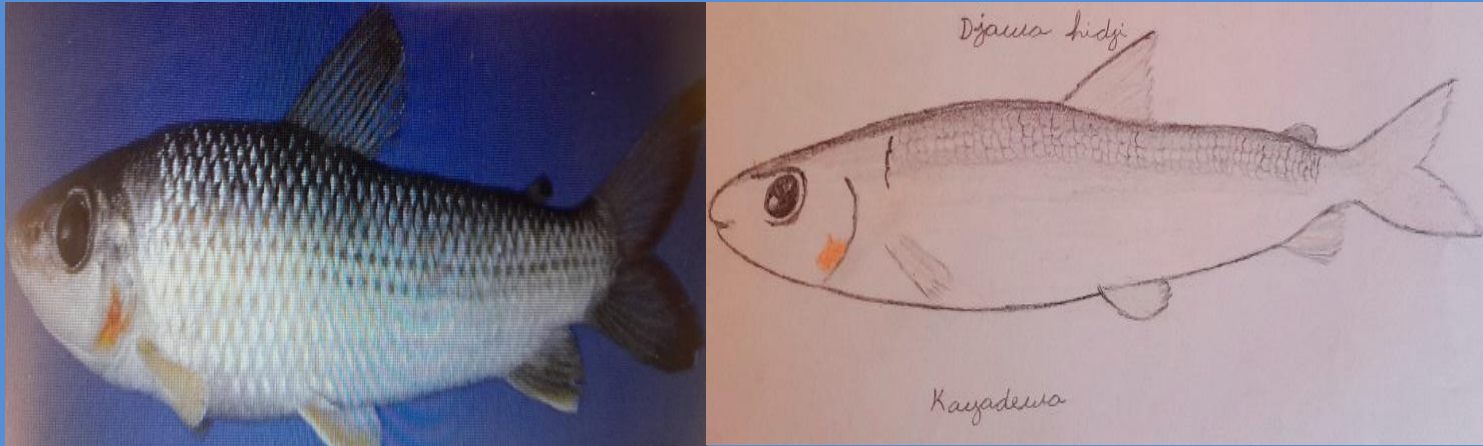


Iutaha: Kuhala, kupa ĩ kurũma

Pe yãhã: Tawa he anu, yubaha he, kuaha a anu, iya itxabĩ he anu

Txawaripa amĩ, ixu si ali xĩ tade te anu. Iwĩyã ha wãbi anu, ũpĩ ha, kã ’ ě yãhã ha, ĩ lūsĩrĩrĩ ha wãbi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparu bi ta.

Djawa hidji



Iutaha: Kuhala ixu anu, pu' ūma, kupa ixu anu ĩ epĭa ixu anu

Pe yāhā: Tawa he anu, iya itxa he ĩ kuaha anu

Txawa hidji amĭ, ixu si ali xĭ tade te anu. Iwĭyā ha wābi anu, ūpĭ ha, kã' ě yāhā ha, ĩ lūsĭrĭrĭ ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparu bi ta.

Kahuri



Iutaha: Kuhala ixu anu, pu' ũma ixu anu

Pe yāhā: Kuaha a anu, yabaha a anu

Kahuri amī, ixu si ali na xī tade te anu. Iwiyā ha wābi anu, ũpī ha, kā' ē yāhā ha, ī lūsīrīrī ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ī aparū bi ta

Txĩ' ĩtxĩ' ĩ

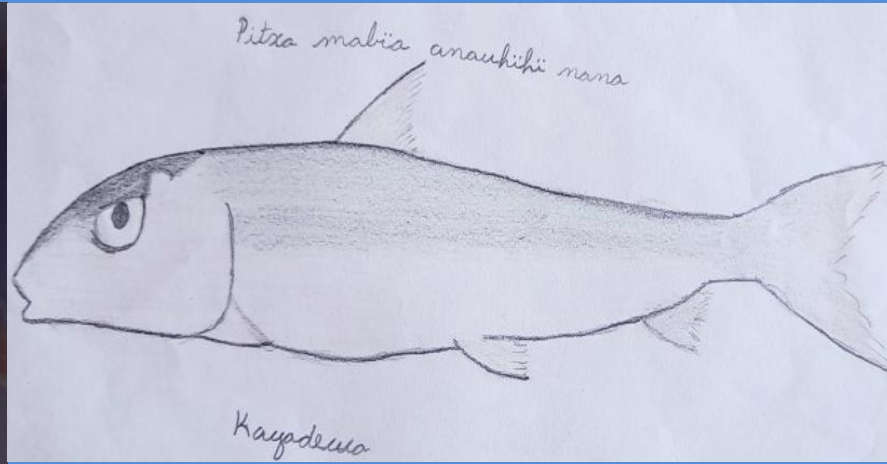


Iutaha: Kuhala ixu anu, pu' ũma ixu anu

Pe yãhã: Kuaha a anu, yabaha a anu

Txĩ' ĩtxĩ' ĩ amĩ, ixu si ali na xĩ tade te anu. Iwĩyã ha wãbi anu, ũpĩ ha, kã' ĩ yãhã ha, ĩ lūsĩrĩrĩ ha wãbi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparũ bi ta.

Pitxa mabīa anauhīhī nana

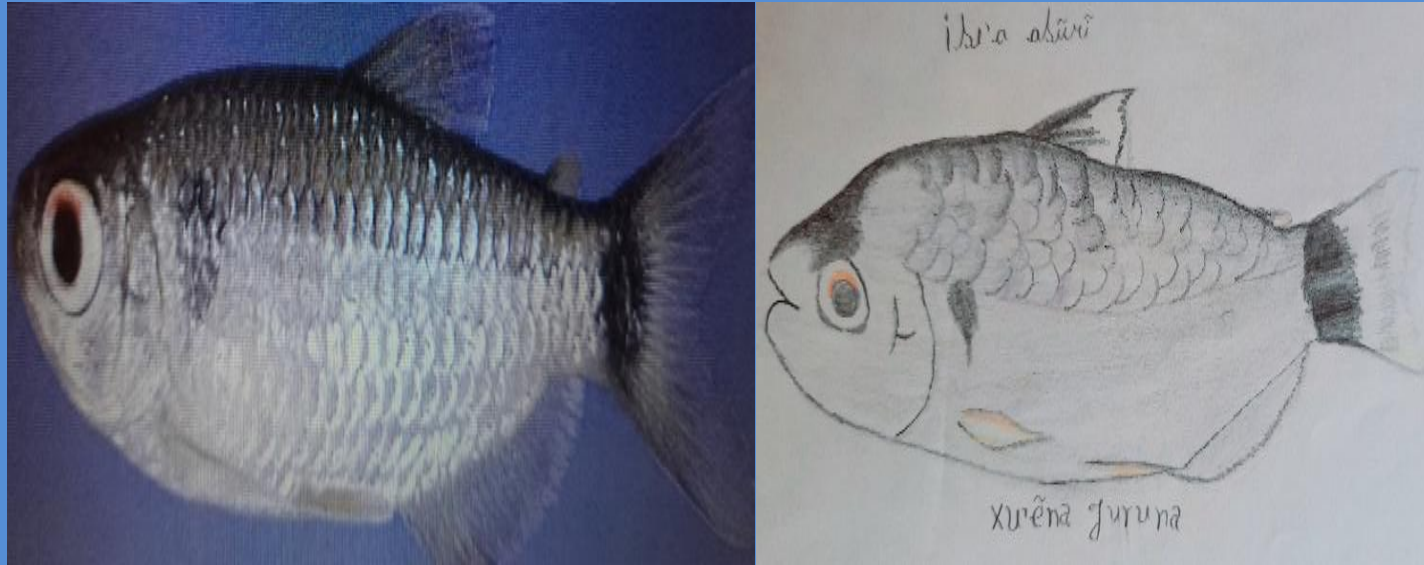


Iutaha: kahala, nasusu ʻi waruru

Pe yāhā: Wī he au anu ʻi yubaha he anu

Pitxa mabīa anauhīhī nana amī, ixaū si te anu, kaipa ʻ ʻi hi sebe anu, isamī hi wāriū anu.

Ise' a asuri

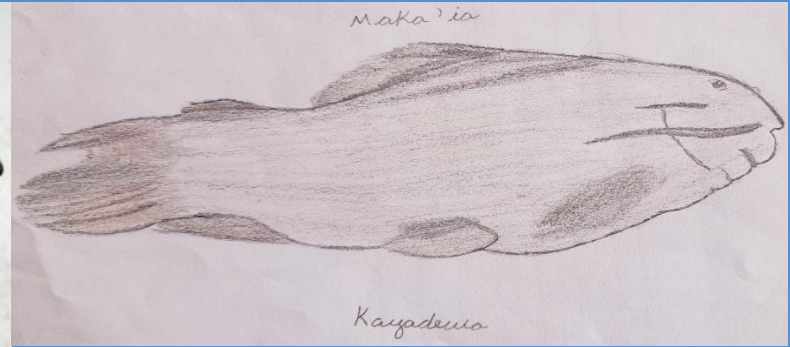


Iutaha: Kuhala, uxa adaka, waruru

Pe yāhā: Wī he anu, iyātībā he anu

Ise' a asuri amī, ixu si te anu. Ūpī si te anana, lūsīrīrī ha wābi anu, asa bi si ixu te anu ĩ aparū bi ta.

Maka'ia



Iutaha: Pitxa mabïa ixa anu ï pu' ũma

Pe yãhã: Yubaha he anu

Maka'ia amï, ixaũ si te anu. Kaipa' ï anu.

Urutxa



Iutaha: Iya ũna ixu anu

Pe yāhā: Yubaha he anu

Urutxa amī, ixaũ si ali xĩ tade te anu, dukurĩtxa dai kaka hi ali be, sehu ali arahu yāhā ixu seha kī wābi anu. Iwiyā ha wābi anu, kā' ẽ yāhā ha. Asa bi si ixu te anu ĩ aparũ bi ta.

Ildja matxia tade ũbĩa he sade ixu seha

Ali de ũbĩu sade ixu seha pitxa mabĩa, pitxa ikia kĩa ixu si anana, ali na xĩ tade. Sutade hi ali wãbi hinaku uraharaha, kanea' ua na mipĩdĩkaũ, pitxa ikia kĩa ixu dudju sade: txapaka, kahuri, tãtãtãyã, kĩriaxi, pariatxãrã, yãuru, txatxari.



Kahuri



Txatxari



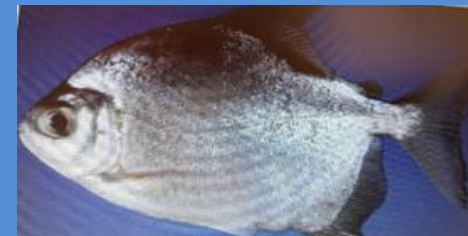
Txapaka



Tãtãtãyã



Kĩriaxi



Txapaka wara ũna iwaa



Yākūḏā



Txī' ĩ txī' ĩ



Txuariha

Ildja pa matxia tade ixaũ seha, ali be kanea' ua da hide



Ali xĩ tade si i' urahai ha sade urutxa ixaũ anu, ali hi ikũrĩtxa hide, suyãhã de si ali na xĩ tade ixaũ te anu.



Ali pa sã tade si pakĩ ĩ pitxi ixaũ anu, ixu sade hi ĩsamĩ ali imĩriã de atxutxua te hide, sutade hi ali imĩriã apeta peta ĩ dakĩ idja akũbĩa imawadi wadi.



Ali xĩ tade si pamapama ixaũ anu, dudju ixu sade hi ali bizadaka daka ĩ dakĩ lakatu tu.



Ali na xĩ tade si ixaũ txatxarĩ be anu, pitxa urahĩhĩ ĩ durupi ta, dubidamã daika hi ali be hide, ibikuhu hi ali makaka ĩ dakĩ warewarere. Ide ewẽwãnaũ sade bitĩhu sebila imaseha hide.



Ali xĩ yãhã dju sade si ixaũ djawaxiha be anu ĩ areduĩ ta, dudju ixu sade hi ali kanea' ua djua hide, du ũna apeta da mamiãmiã hide ĩ ĩ' ũna adaka hide, dukare da hi ali mami' mami.



Ali pa sã tade si anubara ixaũ anu, isãmĩ hi ali imĩriã imapeta peta ĩ dakĩ idja akũbĩa imawadĩ wadĩ. Ali pa sã tade si anubara ixaũ anu, isãmĩ hi ali imĩriã imapeta peta ĩ dakĩ idja akũbĩa imawadĩ wadĩ.

1. A' I IWÄXĪHÄ HE PITXA ILA DU:

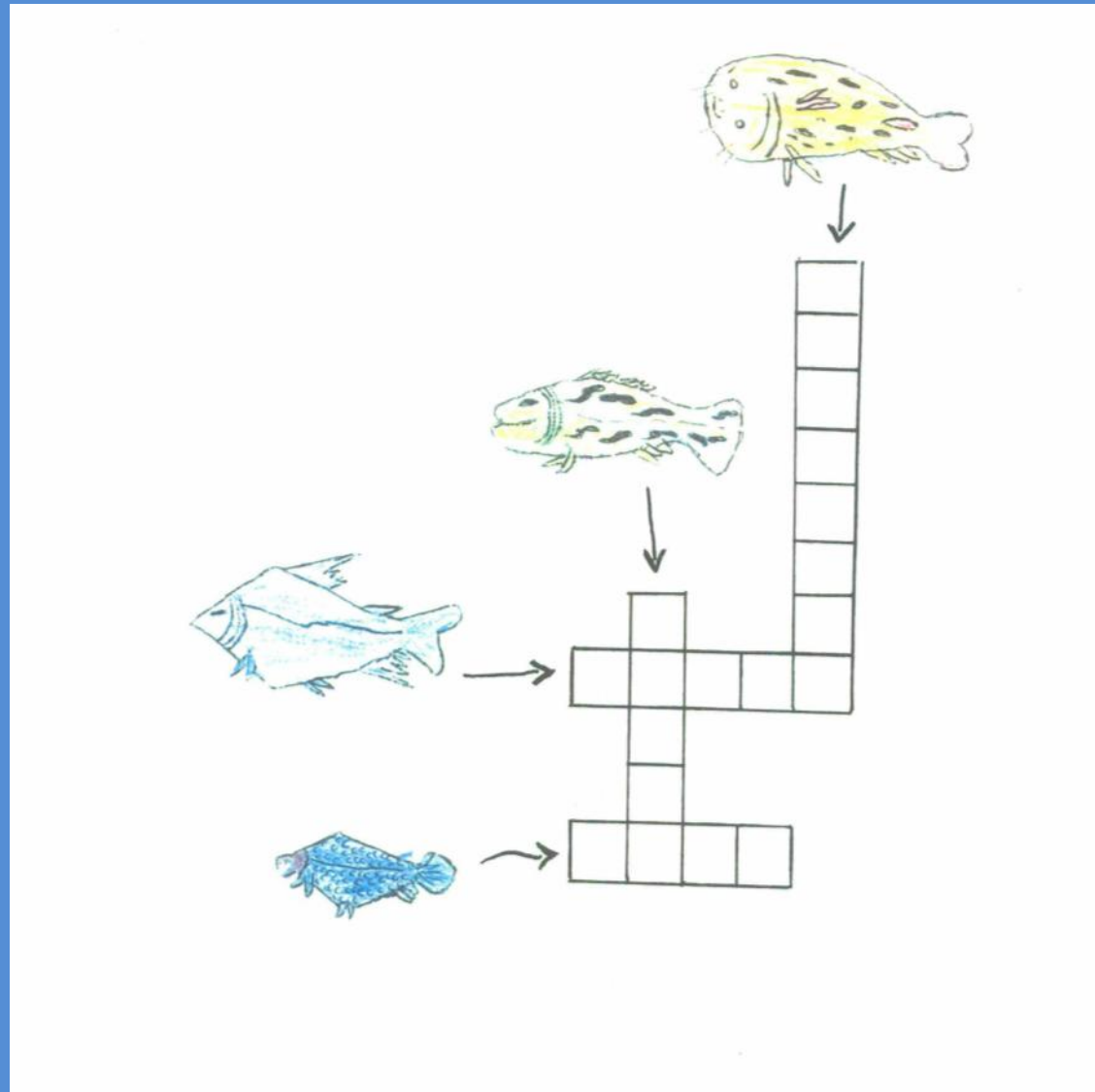
UTMNF DYARUBĪKANNBKTXATXARĪD
R RIFVCPAKUAYIPNSADJAWARRURBĪ
UPITXAPLKÇFTSPAKĪOAOKAVZASDF
TXATXARIBDFGRPARIAWLRUXCVBNN
XUGSWQKĪRIATAOVBNADREUDĪDĪKA
ALU' ĪJD XKAHURIVBSXZSTXUKUASAY
NJHMAKA' IAKSDFGHBMCXAQLÇPEWL

2. A' I PITX A ILA DUAHA MAMAKU:

3.SEKAMENA WAXĪHĀ

A - B - D - E - H - I - K - L - M - N - P - R
S - T - U - X - W - Y - Z - TX - DJ - Ī - '
a - e - i - ĩ - u

AMĪ PITXA ILA MAMAKU



4 A' I PITXA ILA KAA, TIHIDJI ENA WABIADA IMAMAKA TE

txuariha
txĩ' ĩ txĩ' ĩ
yākũdã



txapaka wara uña iwaa
kĩriaxi
tãtãtãyã



txapaka yãkuxi
txatxari
kahuri



5 UTAHA KARIKARIKA PE BĪA

Au hiane hae, papera ā' ā hai...

A' i si sekuperi da wābi hidji maku yāhā kuperi xa? Sahadei una a' i esse be hae, ese urahai be esi ēda te! pitxa ixu seha ! alūne de si pitxa ixu alu? Pitxa ide yū' ū ī e' emakaka yāhā? Abī bīa tade eme papera de imamaku te sekamena da, txi dibi si semepapera karika iwāxīhā masehu tade, wābi xu yāhā na abī xa na ita. Wābi eseme ppaera xu!!



CONSULTORES E CONSULTORAS YUDJA

JURUNA, Duriu. **Conhecimento sobre os peixes do rio Xingu.** (Fonte Oral) Saberes Yudja. Terra Indígena do Xingu. Aldeia Tuba Tuba. Marcelândia-MT, 2023.

JURUNA, Duyadi. **Nome dos peixes na língua Yudja.** (Fonte Oral) Saberes Yudja. Terra Indígena do Xingu. Aldeia Tuba Tuba. Marcelândia-MT, 2023.

JURUNA, Nariu. **Mito de Origem Yudja.** (Fonte Oral) Saberes Yudja. Terra Indígena do Xingu. Aldeia Tuba Tuba. Marcelândia-MT, 2023.

JURUNA, Sadea. **Mito de Origem Yudja.** (Fonte Oral) Saberes Yudja. Terra Indígena do Xingu. Aldeia Tuba Tuba. Marcelândia-MT, 2023.

JURUNA, Tarinu. **Peixes do rio Xingu:** história, regras e cuidados. (Fonte Oral) Saberes Yudja. Terra Indígena do Xingu. Aldeia Tuba Tuba. Marcelândia-MT, 2023.

Biografia do Autor



O meu nome é Karin Juruna, moro na aldeia *Tuba-Tuba*, localizada à margem direita do Rio Xingu, no Território Indígena do Xingu, município de Marcelândia MT, próximo estrada MT, 322. Cursei Licenciatura Intercultural Indígena pela FAINDI/UNEMAT e sou graduado em “Línguas, Artes e Literaturas” (2006). Sou professor na Escola Estadual Indígena *Kamadu* do meu povo *Yudja*.

